



CLUBE DOS CORAÇÕES PARTIDOS

ALEX WELL





CLUBE DOS CORAÇÕES PARTIDOS



ALEX WELL



Clube dos corações partidos

Por Alex Well.

PARA OS CORAÇÕES PARTIDOS: “*Tum-tum*” “*Tum-tum*”. Você ouviu? Isso significa que tudo ficará bem.

Emily

Parada em frente à sua casa, Emily Mitchell encarou o vaso com flores que fora deixado no topo da escada. Aquilo não a surpreendia, pois Emily vinha recebendo flores há um mês. Não só flores, mas também chocolates, garrafas de vinho e um colar da Tiffany, que ela educadamente devolveu ao remetente. No fundo, ela admirava a dedicação de Aaron, mas, quando ela se lembrava do motivo que o levava a precisar de tanta dedicação, Emily voltava a ficar levemente chateada.

Ela respirou fundo e seguiu em frente, se abaixou e pegou o vaso com flores: narcisos. Aaron estava fazendo um trabalho impressionante: até aquele momento, ele não havia enviado as mesmas flores duas vezes. Ela enfiou a chave na fechadura e entrou em casa, deixando o vaso com narcisos em cima de um móvel no corredor. Em seguida, guardou o casaco dentro do armário. No outro cômodo, Emily encarou os vários vasos com flores, que abarrotavam sua sala: lírios do campo, rosas, tulipas e uma variedade de flores do vale. Das outras flores, Emily sequer sabia os nomes.

Ela pegou o celular dentro da bolsa e ligou para a única pessoa que se interessaria em saber a respeito das novas flores.

– Você recebeu flores? – Shiri atendeu após o segundo toque.

– Narcisos.

– Narcisos? *Hmm*, interessante. Narcisos significam delicadeza.

– Sério? Espera, você disse na semana passada que peônias significavam delicadeza.

– Foi, é? Bem, talvez eu estivesse certa antes. Não sei mais.

– Tudo bem. Na verdade isso não importa, pois no final todas essas flores querem dizer a mesma coisa: *eu sinto muito. Por favor, me perdoe*. Eu escuto

isso sempre que desço a escada ou estou na sala. É irritante.

– Eu sei. Flores falantes, *argh!* Eu me sentiria sufocada. Quer saber? Não existe uma flor cujo significado seja: ô, idiota, não traia, para não ter que comprar tantas flores?

– Acho que essa é a função das azaleias.

– Bom saber. – Shiri dá um tempo. – Como você está?

– Tirando o fato de que a minha casa agora é uma zona de perigo para qualquer pessoa alérgica a flores, que esteja em um raio de quinze quilômetros? Eu diria que estou bem, apesar de que eu não posso dizer o mesmo sobre a minha casa, que agora terá o mesmo cheiro pelos próximos mil anos.

– Certo. Nós nos vemos à noite?

– *Davio's Manhattan*, às sete e meia eu estarei lá.

– Tchau, tchau. – Shiri desliga.

Emily olhou de um lado para o outro e tudo o que conseguiu ver foi flores, flores e mais flores. As intenções de Aaron eram boas. Em outra época, ele seria um homem de atitudes nobres, mas Emily não era mais cega e não deixaria se enganar tão facilmente assim. No passado, ela custava até finalmente enxergar a verdade e às vezes ela se fazia de desentendida. Mas algo havia mudado dentro dela, algo que não permitiria velhos hábitos virem à tona.

Após pegar um vaso com flores, de cima de uma poltrona, eram tulipas roxas, Emily saiu de casa e bateu à porta de sua vizinha. Um minuto depois, uma mulher de estatura baixa e cabelos encaracolados abriu a porta.

– Bom dia, Sra. O'Malley. – Emily a cumprimentou.

– Emily, oi. Há quanto tempo eu não vejo você! Achei até que tivesse se mudado. – Sharon sorriu e depois encarou as flores que Emily trouxe consigo. – Que flores bonitas você tem aí.

– Toma, são pra você. – Emily estendeu os braços e aproximou o vaso.

– Sério? Bem, obrigada. – Sharon recebeu as flores e em seguida inspirou o cheiro das tulipas. – Eu não recebo flores há algum tempo, sabe? Desde que o meu Wilbert se foi. Obrigada de novo, tenha um bom dia.

– Você também.

Emily voltou para casa. Uma a menos, faltavam vinte e três.

Emily era responsável pela coluna *lifestyle* da revista *Glam*. Secretamente, ela odiava seu emprego, pois sabia que não havia estudado Jornalismo para escrever sobre como misturar as cores e formas para se decorar um quarto ou se a dieta de champanhe e sushi ajuda mesmo a emagrecer. Ela queria ser como Joan Didion, mas, ao invés disso, era obrigada a escrever sobre os exercícios abdominais de alguma celebridade de silhueta esguia.

As portas do elevador se abriram e Emily saiu para a recepção da revista *Glam*. Ela trouxe consigo dois vasos com flores, íris e lírios Casablanca.

– Certo, eu estou transferindo a sua ligação. Aguarde um minuto. – Cassie, a recepcionista, sorriu para Emily enquanto falava ao telefone.

Emily deixou o vaso com íris em cima do balcão.

– Eu trouxe essas belezinhas para decorar o seu ambiente. – Emily disse. Na verdade, o que ela queria dizer era: – Meu namorado me traiu e eu descobri. Em seguida eu dei um pé na bunda dele e agora ele vive me mandando flores, me implorando para perdoá-lo. Por favor, aceite estas flores, pois a minha casa está parecendo o Jardim Botânico.

– Obrigada! Que lindas! – Cassie aceitou de bom grado. Em seguida o telefone tocou e ela voltou a atender. – Revista *Glam*, bom dia.

Emily seguiu em frente. No meio do caminho ela quase deu um encontrão em Jimmy, o fotógrafo, que estava saindo da sala da copiadora com uma pasta embaixo do braço. Ela sorriu cordialmente e Jimmy desviou o olhar por um segundo. Há dois meses os dois vinham tentando a todo custo não cruzar o caminho um do outro: quando Jimmy estava na cozinha, Emily fingia estar escrevendo algum artigo; quando ela estava na sala da copiadora, Jimmy demorava mais do que o normal no banheiro; quando enfim tinham que ocupar o mesmo espaço, durante uma reunião, eles não trocavam olhares e se sentavam

longe um do outro.

– Ah, Jimmy, oi.

– Emily. – Jimmy encarou o vaso com flores. – Belas flores. São suas?

– Não, são pra Arlene.

– *Hmm.*

Silêncio constrangedor.

– A propósito, eu gostei das fotos que você tirou daquela exposição de quadros em *Alphabet City*.

– Isso foi há um mês.

DROOOOOOOOOOOOGA!

– Tchau, Jimmy.

Emily foi embora sem olhar para trás. Ela e Jimmy já foram muito amigos. No passado, um sempre torcia pelo outro durante a partida anual de *baseball* dos funcionários, patrocinada pela revista. No último aniversário de Jimmy, Emily presenteara o amigo com uma bola de *baseball* autografada por Derek Jeter, que ela havia arrematado em um leilão online. Mas agora tudo havia mudado, e, no fundo, Emily sentia que era a culpada pela atual situação.

Ela bateu à porta da sala de Arlene Godzman, editora-chefe da revista, e em seguida entrou.

Arlene estava deitada em um divã, com rodela de pepino sobre os olhos. Esse era o momento que ela tirava para descansar, entre 9h45 e 10h15. Talvez não fosse uma boa hora para Emily, pois pessoas já haviam sido demitidas por interromper o momento de descanso de Arlene.

– Arlene, oi. Desculpe interrompê-la.

Por favor, não me demita. Por favor, não me demita.

– Emily, olá. – Arlene sentou-se e uma rodela de pepino caiu dentro de sua blusa, mas ela pareceu não notar. – Em que posso ajudá-la?

– Eu só passei aqui para deixar isso. – Emily esticou os braços e entregou a ela um vaso com os lírios Casablanca. – Para decorar a sua sala. – Após ouvir isso, Arlene ergueu uma sobrancelha. – Não que a sua sala precise ser decorada.

Digo, ela já foi decorada, eu só achei que você poderia colocar as flores em cima da sua mesa.

– Obrigada. Espera, você não vai pedir um aumento, vai?

– O quê? Não!

– Promoção?

– Você está me oferecendo uma promoção?

– Não.

– Então as flores são só para decoração. Nesse caso eu aceito.

Após sair da sala, Emily foi para sua mesa para trabalhar um pouco. No meio do caminho ela avistou Jimmy novamente, mas dessa vez ele não estava sozinho: vinha conversando com Eliza, assistente de Arlene. A garota estava toda sorridente enquanto Jimmy flertava com ela. Isto não estava certo, era contra a política da empresa os empregados flertarem durante o expediente. No fundo, Emily queria acreditar que esse era o motivo de sua irritação momentânea.

Emily chegou ao restaurante *Davio's Manhattan* às oito em ponto. Suas amigas Shiri, Lali e Angie já estavam esperando por ela.

– Oi! Desculpem o atraso. – Emily beijou a bochecha de cada amiga, depois puxou uma cadeira e se sentou. – Sobre o que vocês estavam falando?

– Nada. – Shiri foi evasiva.

– Só estávamos esperando você. – Lali parecia estar se contendo.

– O que você prefere: peixe ou camarão? – Angie estava desconversando.

– Essa não, meninas. O que aconteceu?

Shiri encarou Lali, em seguida Angie fez o mesmo.

– Lali... – Emily começou.

– Eu vi Aaron hoje! – Lali parecia ter se livrado de um peso sobre os ombros, em seguida ela tomou um generoso gole de água. – Eu não sabia se deveria te contar ou não, por isso fiquei tão nervosa! Desculpe.

– Onde? – Emily perguntou e por um momento ela desviou o olhar e encarou o guardanapo em cima da mesa.

– No Santina. Eu o vi de manhã, durante o *brunch*.

– Ele estava... – Emily parou no meio da frase. E se a resposta fosse o que ela temia?

– Acompanhado? Não, ele estava sozinho, sentado em uma mesa nos fundos do restaurante.

E se estivesse acompanhado, qual era o problema? Aaron não devia mais nada a Emily, ela sabia disso. E mesmo quando estavam juntos, ele não se preocupava em tomar o café na companhia de outras garotas e *et cetera*.

– Você falou com ele?

– Por Deus, não! Eu saí correndo do restaurante quando o reconheci. Acho que ele me viu.

– Você não precisava ter feito isso, Lali.

– Você está brincando? Eu deveria ter acertado a cabeça dele com a minha bolsa, é sério.

Emily sorriu.

Um garçom se aproximou e o assunto Aaron foi momentaneamente interrompido.

– Prontas para pedir?

– Sim. Para começar, traga quarto Martinis duplos e uma porção de pãozinhos amanteigados. Estaremos prontas para pedir o jantar em um instante.

– Shiri gostava de estar à frente das coisas.

– Eu vi Aaron na semana passada, na *Bloomingdale's*. Acho que ele estava lá trocando uma gravata que havia comprado, ou talvez ele estivesse lá para comprar uma gravata, não importa. Eu me escondi atrás das roupas penduradas e o observei de perto. Sabe o que me deixou mais irritada? – Angie soou indignada. – O fato de ele parecer tão bem. Fala sério, ele deveria estar parecendo um caco!

– Eu não estou um caco! – Emily entrou no modo de defesa.

– Não, querida, eu não quis dizer isso. O que eu disse foi que *ele deveria estar horrível*.

– Ah, certo. – Emily cobriu um lado do rosto com a mão, ela nem estava mais conseguindo raciocinar direito. – Desculpe, Anggie, eu não quis parecer rude.

O garçom trouxe a primeira rodada de Martinis e os pãezinhos amanteigados que Shiri pediu.

– Ele ainda liga pra você? – Lali perguntou.

– Todo santo dia. – Emily tomou um gole de Martini, ela precisava de força para poder continuar conversando sobre esse assunto. – Às vezes eu atendo as ligações dele, outras vezes eu simplesmente o deixo falando com o correio de voz. A minha caixa de e-mail está lotada de mensagens dele, todas com o mesmo assunto: *Eu sinto muito*. A maioria eu sequer li e nem sei se irei, porque eu consigo imaginar o que ele escreveu em cada mensagem. – E para finalizar, ela tomou outro gole de Martini.

– Oh. – Shiri notou o entusiasmo da amiga. – Garçom, por favor, traga logo a segunda rodada de Martinis duplos, porque as coisas estão fervendo por aqui. – Ela disse pra um garçom que estava atendendo outra mesa e ele concordou com um balançar de cabeça.

Meia hora depois, Emily já havia tomado quadro doses de Martini. O jantar tinha sido servido e as meninas haviam devorado a comida com entusiasmo. O assunto estava bom, era sempre ótimo poder desabafar com pessoas como Shiri, Lali e Anggie. Afinal, elas sempre estiveram ao lado de Emily e agora não seria diferente.

As garotas estavam no momento em silêncio, perdidas em pensamentos. Emily sorriu para si mesma.

– Qual é a graça? – Shiri perguntou.

– Nada, é que eu estava me lembrando de algo. – Emily ficou em silêncio, depois voltou a falar. – Dois anos, eu passei dois anos interpretando a namorada compreensível, a parceira ideal. E por quê? Porque eu achei que

Aaron fosse me pedir em casamento. Mas, ao invés disso, o que foi que eu ganhei? Um par de chifres!

– Cafajeste! – Anggie murmurou, em seguida tomou um gole de Martini.

– De cafajestes eu entendo. – Lali disse.

– O quê? – Shiri perguntou, achando graça. – Você não pode estar se referindo a Sam, pois ele era um cara legal.

– Era, mas não queria se casar comigo. Ele era um cara legal que não queria se amarrar a ninguém. Eu nadei, nadei e no final morri na praia.

– Você e outras mil garotas. – Anggie comentou. – Essa é a nossa sina. Quando dá certo, dá certo. Quando não, morremos na praia.

– Vocês lembram do meu ex-namorado Stu? – Shiri perguntou.

– Aquele que você dispensou por que ele não pediu a sua mão em casamento antes do Natal?

Anggie e Lali sorriram.

– Não, esse foi o Logan. O Stu era o loiro, de nariz grande.

– Stu era o que gostava de fio terra? – Anggie perguntou.

Emily e Lali sorriram.

– Sim, esse mesmo. Ele me disse algo uma vez e eu nunca me esqueci. Ele falou que quando um cara gosta de uma garota, não há montanha que o impeça de fazer o *negócio* acontecer.

– *Uau!* – Lali murmurou.

– É. – Emily concordou.

– Stu era o cara que sentia tesão por pés? – Lali parecia genuinamente em dúvida.

– Não. Esse era o James, de Jersey City.

Lauren

Lauren Pollard estava na cozinha, preparando waffles, quando escutou seu celular emitir um *bip*. Aparentemente ela havia recebido uma mensagem de voz, porém continuou concentrada em seu café da manhã. Ela não sabia se iria comer os waffles com chantilly ou morangos, talvez misturasse os dois e adicionasse framboesas frescas. Ultimamente, Lauren estava comendo tudo o que havia se proibido de comer. Ela não precisava mais costurar a boca, afinal não era como se ela fosse usar um vestido de noiva, digamos, daqui a três meses. Lauren podia se dar ao luxo de comer o que quisesse e talvez ela deixasse de depilar as pernas por dois meses seguidos. Ela podia.

Bip. Ela havia recebido outra mensagem de voz. Em seguida, outro *bip*.

Alguma coisa havia acontecido. Ninguém recebe mensagens de voz, uma atrás da outra, sem que algo tenha acontecido.

Lauren desligou a máquina de waffles e foi até a sala. Ela estava usando uma camisola dos Smurfs e pantufas de sapos.

O celular estava escondido entre as almofadas do sofá. Lauren franziu a testa após encarar a tela do aparelho: ela havia recebido vinte e três mensagens de voz na última hora. Pressionando o aparelho contra a orelha, escutou a primeira mensagem.

– Lauren, querida, aqui é Shelly Simmons. Sua mãe e eu jogamos *cricket* quase todo final de semana, você não deve se lembrar de mim. Enfim, eu acabei de ver o anúncio do seu casamento na coluna social e estou ligando para parabenizá-la!

Quando sonhamos que estamos caindo de um prédio, é tudo meio apavorante no início. Depois, quando supostamente chegamos até o chão e finalmente somos obrigados a despertar, tudo começa a fazer sentido: era só um sonho, estamos seguros. Lauren estava naquele momento sentindo o mesmo horror de

quando temos esse tipo de sonho, mas infelizmente ela já estava acordada.

Ela ativou a função viva-voz do celular e o deixou no sofá, correu até a porta da frente e a abriu. Havia um jornal esperando por ela em cima do tapete, ela o agarrou e voltou para dentro de casa. Enquanto isso, a segunda mensagem estava sendo reproduzida.

Lauren Pollard! Oi, aqui é Marta Jensen. Eu não sei se você se lembra de mim, mas nós éramos vizinhas quando você, o seu irmão e os seus pais ainda viviam em Hartford. Eu soube que você vai se casar, eu vi sua foto no jornal! Parabéns, minha querida, boa sorte!

Lauren abriu o jornal e começou a procurar pela coluna social. Enquanto isso, ela era obrigada a escutar a terceira mensagem: “Oi...”, “você vai se casar!”, “eu sempre soube de que você e o Penn foram feitos um para o outro”. A coluna social ficava na parte de trás da última folha do jornal e vários casamentos estavam sendo anunciados. Lauren também estava lá, em uma foto preta e branca maior do que as outras. Ela estava sorrindo, a Lauren da foto.

– Não! Não! Não!

Ela leu a matéria.

“Lauren Pollard, filha do neurocirurgião Neil Pollard e da artista plástica Nancy Perkins, acaba de anunciar seu noivado com Penn Finch, o mais novo associado da firma de advocacia Sherwood & Janello.

Penn e Lauren se conheceram na universidade Columbia, quando ambos eram calouros. Ela estudava Literatura Inglesa, ele estudava Direito. O primeiro encontro dos futuros Sr. e Sra. Finch aconteceu na biblioteca da universidade, era noite e estava chovendo. Lauren estava estudando e Penn havia acabado de entrar, para escapar da chuva, quando Lauren o viu pela primeira vez. Ela ficou impressionada e não conseguiu conter sua atração. Penn, logo que pousou os olhos em cima de Lauren, sentiu o mesmo. O destino, como sempre, ajudando os jovens amantes.

Lauren e Penn estão juntos há sete anos. O casamento acontecerá no dia 13 de março e, ao que tudo indica, a cerimônia será simples, apenas para familiares e amigos próximos. Rumores ainda afirmam que Lauren usará um modelo exclusivo Chanel. ”

Enquanto Lauren lia e relia o anúncio do seu casamento, as mensagens do correio de voz continuavam sendo reproduzidas. Ela já havia sido parabenizada por duas amigas de sua mãe, uma prima de terceiro grau e duas mulheres cujos maridos eram sócios de seu pai.

Lauren tinha certeza de que já havia cancelado tudo relacionado a seu casamento. Ela havia cancelado as flores, a banda, o bufê, a igreja e a gráfica onde os convites seriam impressos. Infelizmente ela havia recebido o vestido de casamento antes que pudesse cancelar a encomenda. A matéria estava certa, era uma peça exclusiva Chanel. Foi então que ela se lembrou de algo: Penn ficou de ligar para a imprensa e cancelar o anúncio do casamento. Ela havia pedido que ele fizesse uma única coisa por ela, já que havia cuidado de todo o resto.

Tudo havia mudado há um mês.

O pai de Penn, o Sr. Finch, havia sofrido um AVC em pleno jantar de sexta-feira à noite. A Sra. Finch se orgulhava dos jantares de sexta, quando ela cozinhava para amigos e convidados. Todos saíam satisfeitos e com o convite para voltarem outras vezes.

No dia seguinte, Penn tomou uma decisão e deixou Lauren a par da situação: ele disse que era melhor adiar o casamento. Ela concordou de imediato, não havia como falar de casamento naquele momento, pois a situação agora era outra. No fundo, Lauren quis que Penn tivesse estipulado uma nova data de imediato, ela até se repreendeu por esse pensamento. Penn estava totalmente focado na saúde do pai, nada mais era importante do que isso.

Lauren não sabia mais o que fazer e muito menos o que dizer. Ela se importava com o seu futuro sogro, e por isso evitava tocar no assunto casamento

quando Penn estava por perto. Ela sempre tentava deixar claro que, para ela, a decisão de adiar o casamento foi mútua, estavam ambos de acordo. Infelizmente ela sabia que isso estava longe de ser verdade.

Quando a noite chegou, Lauren ainda estava dando desculpas sobre a matéria no jornal. Ela estava sentada no sofá, enquanto sua mãe a enchia de perguntas do outro lado da linha.

– Sim, mãe, o casamento foi adiado... Sim, mãe, essa matéria foi um erro... Não, mãe, Penn e eu não estamos cogitando casar em segredo... Não, mãe, nós não vamos fugir para casar... Não, mãe, eu não estou grávida... Não, mãe, eu não sei quando vamos no... – Ela ouviu o barulho de alguém mexendo na porta, Penn estava de volta. – Mãe, eu preciso desligar, tchau.

Lauren deixou o celular de lado, ligou a televisão e fingiu estar assistindo à reprise de um jogo de basquete.

– Desculpe o atraso. – Penn afrouxou a gravata, em seguida se curvou e beijou os lábios de Lauren. – Por que você está assistindo ao jogo de basquete?

– Você sabe que eu sou fã dos Nicks.

– Knicks, querida. E eles nem estão jogando.

Lauren xingou mentalmente.

Penn começou a falar sobre seu dia. Ele foi até a cozinha para beber água e voltou falando algo que Lauren nem fez questão de escutar. Automaticamente ela se desligou do mundo e assim ficou por um tempo. Enquanto Penn falava, Lauren se afundava em pensamentos. Ela nem prestava atenção no jogo na televisão, simplesmente em nada.

Até que ela resolveu interrompê-lo.

– Nós não vamos nos casar, vamos? – Perguntou, a voz consternada.

– Não diga isso, Lauren. – Penn parecia genuinamente preocupado. Ele deixou a garrafa d'água em cima da mesinha de centro, sentou ao lado da amada e segurou as mãos dela. – É claro que nós vamos nos casar. Não pense o contrário.

Lauren estava olhando para baixo.

– Você ainda quer se casar comigo? – Ela ergueu o olhar e forçou-se a fazer essa pergunta.

– É claro que sim, isso é o que eu mais quero. Nós ainda estamos noivos. O casamento vai acontecer, ele só foi adiado, isso não mudou. Eu ainda sou o mesmo e ainda sei o quero.

– Algo dentro de mim diz que o casamento foi mais do que só adiado. – Uma lágrima escapuliu enquanto ela dizia isso. Lauren estava lutando para conter o choro.

– O que aconteceu? O que mudou?

– Nada, eu não sei. É que eu tive de cancelar tantas coisas, eu lidei com tudo sozinha. Você acabou se esquecendo de ligar para o jornal e falar para eles não publicarem a matéria sobre o nosso casamento. Eles acabaram publicando e agora...

– Eu sou um idiota, um idiota completo. Me desculpe, eu acabei me esquecendo completamente disso, eu sinto muito. Estou lidando com tanta coisa agora, eu sei que não é desculpa, mas eu prometo que irei compensá-la.

– Você não precisa me compensar, só prometa que nós vamos nos casar.

– Nós vamos nos casar, eu lhe dou minha palavra.

– Mesmo?

– Palavra de escoteiro.

Apesar da tristeza, ela conseguiu sorrir. Ainda havia esperança e Lauren iria se agarrar a isto. Ela abraçou Penn e em seguida ele enxugou suas lágrimas. Se ela fosse chorar de novo, ele estaria ali para consolá-la.

Infelizmente essa conversa só aconteceu dentro da cabeça de Lauren. Eis o que realmente ocorreu:

Enquanto Penn falava sobre seu dia no trabalho e Lauren estava perdida em pensamentos, ela tomou uma decisão: iria conversar com ele sobre as coisas que andavam atormentando-a. Ele teria que escutá-la. Se ele a amava mesmo, ele iria escutá-la.

– Nós não vamos... – Lauren hesitou por um instante. – Nós não vamos...

– O quê, querida? – Penn tomou um gole de água.

Lauren engoliu em seco.

– Nós não vamos... – *Medrosa! Medrosa!* – Jantar fora?

– Sim! Eu já ia me esquecendo: eu fiz reserva para as oito horas naquele novo restaurante japonês da Quinta Avenida. Eu preciso de um banho, você me acompanha?

– Claro. – Ela forçou um sorriso.

Se a Lauren de sete anos atrás visse a Lauren dos dias de hoje, ela não se reconheceria. No passado, ela havia sido uma garota determinada. Quando era adolescente, até organizou um abaixo-assinado para que a biblioteca da sua antiga escola disponibilizasse mais livros para os alunos. Sozinha, Lauren coletou mais de cem assinaturas!

Aos 28 anos, ela havia se tornado uma garota arredia e dispersa e disso ela não se orgulhava. Algo havia mudado e, no meio do processo de mudança, a antiga Lauren havia ido embora.

Emily

Não havia como se livrar do presente dessa vez: não era um vaso com flores, nem um colar de diamantes. Ao chegar em casa no dia seguinte, Emily encontrou Aaron sentado no topo da escada, segurando dois cafés. Ela não sabia há quanto tempo ele estava esperando ali. Poderia facilmente dar um palpite ou perguntar direto para a fonte, mas que diferença isso faria? Nada que Aaron pudesse fazer, iria mudar o que ele já *havia* feito.

– Nada de flores? – Emily perguntou.

– Não, eu imaginei que a essa altura você já tivesse ficado cheia de receber flores. Mas se você quiser, tem uma floricultura no...

– Estou brincando. Chega de flores, por favor.

– Sem flores, entendido. – Aaron soou magoado. – Café?

Emily hesitou.

– Café com leite de soja ainda é o seu preferido, certo?

Emily subiu os degraus e pegou o café, em seguida sentou-se ao lado de Aaron.

– Eu achei que você iria me convidar para entrar, mas eu acho que perdi esse direito também. Estou certo? – Aaron agora estava fazendo piada da situação. Aparentemente ele estava fazendo o que podia para tornar a situação menos densa do que já era.

Para disfarçar, Emily tomou um generoso gole de café.

– Ei, o seu olho melhorou. – Emily observou que o olho de Aaron, que antes tinha uma cor vermelha, meio arroxeadada, havia agora voltado ao seu tom normal.

– Sim, melhorou. – Aaron sorriu e em seguida tocou no próprio olho direito, por reflexo. – Eu nunca achei que a sua mira fosse tão boa assim.

A primeira coisa que Emily fez, após descobrir que Aaron havia transado com

outra garota, foi atirar um livro de capa dura contra ele. Ela o acertou em cheio no olho.

– A propósito, me desculpe pelo ataque de fúria.

– Eu acho que mereci.

Emily não poderia discordar.

– Emily, eu não quero tomar muito o seu tempo, eu sei que você tem que ir trabalhar e eu também tenho. Só passei aqui para dizer que o jantar beneficente, que a minha avó organizou em prol do hospital do câncer, acontecerá hoje à noite. Ela quer saber se você pretende confirmar presença ou... Eu disse que achava que você não ia, mas ela não aceita suposições, por isso estou aqui.

– Se você tem tanta certeza que eu não vou, por que vir até aqui?

– Você não pode culpar um cara por tentar. – Aaron esboçou um sorriso tristonho. – Agora eu vou deixar você em paz. Tchau. – Ele tomou um último gole de café e depois se levantou.

Não faça isso, não faça isso, não faça...

– Aaron, espera. Quando você disse que é o jantar?

– Hoje à noite. Você vai? – A voz dele soou cheia de expectativa.

– Pela causa, sim. – Era bom cortar as asas dele antes que Aaron se enchesse de esperança.

– Ah, Emily, você não pode me impedir de sonhar! Tudo bem, às oito e meia eu passo aqui para buscar você.

Emily quis deixar alguma coisa clara. Ela desejou responder: nós vamos juntos, mas como amigos. Porém, isso ainda era de mais. Ela quis dizer: que tal nos encontrarmos lá? Mas isso provavelmente deixaria Aaron magoado e Emily não era o tipo de pessoa que se aproveitava da infelicidade dos outros. No final, tudo o que ela pôde dizer foi absolutamente nada. Ela ficou calada, bebericando seu café, enquanto Aaron foi embora todo sorridente.

Assim que concordou em comparecer ao jantar beneficente, ela se arrependeu de sua decisão.

Emily estava revisando a matéria que havia acabado de redigir: “Rumo a Paris? Veja dicas para aproveitar a cidade luz”.

– Você é a Emily?

Ela desviou o olhar da tela do computador e encarou o rapaz que havia roubado sua atenção.

– Quem quer saber?

– Eu tenho uma encomenda para você – após dizer isso, o rapaz tirou uma caixa azulada de dentro de sua bolsa estilo carteiro. – Assine aqui, por favor. – Ele entregou a Emily uma prancheta e ela rabiscou o nome na folha em branco. Em seguida ele entregou a caixa. A primeira coisa que Emily percebeu foi que não havia remetente na embalagem, apenas o nome do destinatário, que fora escrito de maneira nada formal: “PARA EMILY”. Não havia endereço, nem nada.

– Quem foi que... – Emily parou no meio da frase, pois o entregador já havia ido embora. Ela olhou de um lado para outro, mas nenhum sinal do rapaz.

Emily estava quase desvendando o mistério da entrega misteriosa quando foi interrompida novamente: Eliza veio avisar que Arlene queria falar com ela. Emily deixou a caixa de lado e foi até a sala de Arlene.

– Oi. – Emily parou na entrada, já que Jimmy estava sentado em uma cadeira, conversando com a chefe. – Arlene, eu não quero interromper...

– Entre, Emily. Eu preciso falar com vocês dois.

Ela forçou-se a caminhar para frente, puxar uma cadeira e se sentar.

– Emily, eu suponho que você já tenha ouvido falar de Vera Gugino.

– Sim, ela é só uma das estilistas mais influentes do... – Emily deu uma espiada em Jimmy, que estava prestando atenção nela. – mundo.

– Certo. Há anos as revistas e jornais vêm tentando convencê-la a abrir as portas de sua casa, para que ela possa exibir seus itens de decoração prediletos, mas ela sempre se recusou. Isso até ontem. Depois de muito tentar, eu consegui

convencê-la a nos ceder uma entrevista exclusiva, em sua própria casa. Você será a responsável pela matéria e Jimmy, pelas fotos. De acordo?

Emily desviou o olhar e encarou Jimmy. Ela queria dizer: *por mim tudo bem* e em seguida perguntar: *tudo bem pra você?* Mas ela temia que Jimmy pedisse a Arlene para procurar outro fotógrafo.

– Eu preciso de uma resposta, tipo, pra ontem.

– Bem, Arlene, eu acho que Emily é a pessoa ideal para escrever esse artigo. – Emily não sabia dizer se Jimmy estava mentindo ou sendo sarcástico, mas, por um momento, ela sentiu que havia recuperado seu velho amigo de volta.

– E eu desconheço uma pessoa melhor do que Jimmy para registrar esse momento tão aguardado. – Emily estava sendo sincera.

– Ótimo! A entrevista e a sessão de fotos irão acontecer na próxima segunda, às três da tarde. Eu enviarei mais detalhes, tudo especificado por e-mail, ainda hoje.

E com um sorriso, Jimmy e Emily foram dispensados.

– Ontem à noite eu me lembrei de você. – Emily disse, sem olhar para Jimmy.

– Mesmo?

– Sim, eu estava em casa, assistindo *Zoolander*. Daí eu me lembrei de que a sua imitação do Ben Stiller nesse filme é a melhor. Eu também tentei imitá-lo, mas o resultado final foi meio triste.

– Sua melhor imitação sempre foi a da Julia Roberts em...

– Um lugar chamado Notting Hill – os dois disseram em uníssono.

Emily cogitou dizer: *Jimmy, vamos deixar o que aconteceu de lado e nos concentrar em sermos amigos de novo. Eu sinto a sua falta!* Mas ela sabia que isso iria magoá-lo ainda mais.

– Eu preciso ir, tenho de editar algumas fotos para a próxima edição – e após dizer isso, Jimmy se afastou e foi embora.

Emily só se lembrou da “entrega misteriosa” quando voltou para sua mesa. Ela abriu a caixa, viu que o forro era de papel-seda e dentro havia apenas duas coisas: um pequeno aparelho de rádio portátil vermelho, no estilo *vintage*, e um

envelope bege. Emily pegou o envelope e viu que dentro havia uma carta. Ela puxou uma cadeira, sentou-se e começou a ler.

Querida Emily,

Eu me chamo Berto e sou um rádio. Eu também sou o que se chama de “mecânico de corações”. Eu conserto corações partidos e é por isso que você está lendo essa carta.

Chegou ao meu conhecimento de que o seu coração foi partido recentemente. Mas não se preocupe, eu estou aqui para melhorar as coisas e mostrar que nem tudo está perdido. E, acima de tudo, você não está sozinha. Sei que você deve estar achando tudo isso muito estranho, mas não tem problema. Logo tudo fará sentido, eu prometo.

O mais terrível, Emily, não é termos nosso coração partido. Mas, sim, transformar nossos corações em pedra^[1].

Até breve.

Atenciosamente,

Berto, rádio e mecânico de corações partidos.

Shiri atendeu após o terceiro toque.

- Shiri, você é engraçada! Hilária!
- Obrigada e obrigada! Mas por que você está babando em cima de mim?
- Eu acabei de receber o seu presentinho. Muito original, a propósito.
- Emily, do que você está falando?
- Por favor, não se faça de desentendida. O aparelho de rádio, o Berto.
- Quem é Berto?
- O aparelho de rádio.
- Espera um pouco. Eu preciso da ajuda do GPS, pois estou perdidinha nessa conversa. Do que diabos você está falando?

- Do aparelho de rádio que você me mandou.
- Eu não mandei nada.
- Não mandou?
- Não.
- Bem, se não foi você, então quem foi?

Dois minutos depois, Emily já havia riscado da lista de “possíveis pessoas que poderiam ter me enviado o Berto”, Shiri, Lali e Anggie. Em seguida ela falou com a mãe, mas a Sra. Mitchell não sabia do que a filha estava falando. Sally, a irmã de Emily, não sabia de rádio nenhum. Só restava Aaron, mas ela não queria falar com ele. Talvez ela devesse enviar um e-mail, ou quem sabe ela perguntaria logo mais à noite.

Ao fim do expediente Emily pegou a caixa, a carta e levou o Berto para casa. Sentada no banco do metrô e imersa em pensamentos, Emily percebeu que ainda estava segurando a carta que havia recebido junto com o Berto e que supostamente havia sido escrita por ele. O que, claro, não era verdade. Pelo menos, ela torcia que não.

Atrás da carta, no final da folha, Emily percebeu que alguém havia escrito alguns números. Talvez fosse o Berto (???).

1 94.8

Tudo isso: a carta, o aparelho de rádio, a numeração, nada fazia sentido. Se alguém estava tentando pregar uma peça nela, esqueceu-se que pegadinhas precisam ser engraçadas.

Emily estava enfrentando um impasse: o que vestir? Mas não era esse tipo comum de dilema, ela sabia que a roupa errada poderia transmitir a mensagem errada. Nesse caso, ela temia que, se usasse determinado vestido ou blusa, Aaron pudesse interpretar isso errado e começasse a achar que ela estava dando a ele uma segunda chance.

Aparentemente, as roupas falam mais do que as pessoas estão dispostas a

escutar.

Emily optou pelo básico: um vestido curto rodado, com a cintura marcada, na cor preta. Ela havia adquirido-o na última primavera, em uma liquidação de 30% na *Macy's*. Escolheu sapatos Manolo Blahnik, um par gasto e fora de circulação no mercado. Ela amarrou o cabelo em um rabo de cavalo e colocou-o de lado. Pronto, isso era o mais simples e longe de mensagens ocultas que Emily conseguia elaborar.

Berto, o aparelho de rádio, estava em cima do criado mudo de Emily. Ela havia guardado a carta dentro de uma gaveta na cômoda.

Aaron tocou a campainha às oito em ponto. Emily respirou fundo e inalou o forte cheiro de flores que estava impregnado pela sua casa, ela ainda precisava se livrar de algumas flores. Aaron estava usando um terno cinza, camisa clara e uma gravata na cor vinho – a gravata que Emily mais gostava, dentre as tantas que ele colecionava. Ele penteou o cabelo escuro para trás e pronto: vendo-o tão bem vestido, Emily começou a se sentir meio desleixada com suas opções de vestuário.

– Olha só pra você. – Emily tentava disfarçar seu nervosismo com piadas sem sentido. – Você parece um manequim de loja.

– Essa foi uma piada sem sentido. Você está nervosa?

– Um pouco, sim.

Aaron conhecia Emily há pelo menos dois anos. Por isso, seria ridículo da parte dela tentar disfarçar as coisas que ele já sabia de cor e salteado.

Emily fechou a porta e seguiu Aaron até o carro. Foi então que ela teve o vislumbre de algo, ou melhor, *alguém* parado na esquina, do outro lado da rua: Jimmy estava encarando-a de longe e ela percebeu que ele estava segurando uma sacola. Emily não sabia o que era, mas Jimmy tinha comprado comida mexicana no restaurante favorito dela e ido direto pra sua casa.

– Jimmy. – Emily sussurrou.

– O que você disse? – Aaron, que estava parado atrás de Emily, esperando que ela entrasse, ouviu quando ela sussurrou alguma coisa.

Emily desviou o olhar e, quando voltou a procurar Jimmy, ele não estava mais lá.

– Nada, eu só estou imaginando coisas – e após dizer isso, Emily se acomodou no banco traseiro. Aaron sentou-se ao lado dela.

– Podemos ir, senhor? – Carver, o motorista, perguntou.

– Sim.

Jimmy tinha ido visitar Emily, provavelmente para acertar as coisas e fazer as pazes. E qual foi a primeira coisa que ele viu? Emily entrando no carro de Aaron. No fundo, Emily achava que a horrível situação entre ela e Jimmy não poderia ficar pior. Impressionantemente, acabara de ficar.

Ela forçou um sorriso quando Aaron perguntou se ela estava bem.

A avó de Aaron, Frances Phillips, dedicou toda a sua vida a assuntos de caridade. Ela foi a pioneira na campanha do agasalho, no início dos anos setenta; ela organiza e promove jantares e leilões beneficentes. No ano passado, Frances e a UNICEF, em parceria, arrecadaram trinta milhões de dólares em uma campanha em prol do combate à fome na África. No ano passado, ela foi condecorada com o Prêmio Humanitário Jean Hersholt.

– Emily! – Frances Phillips recebeu Emily de braços abertos.

Ela é uma mulher de classe, até fazia os seus cabelos brancos se tornarem algo invejável. Naquela noite, ela estava usando um vestido preto de mangas compridas, pouco abaixo do joelho.

Emily e Frances se abraçaram.

– Sra. Phillips, é tão bom vê-la de novo!

– Ah, querida, quantas vezes eu já lhe disse para me chamar de Frances, hein? Sra. Phillips era a minha sogra, que Deus a tenha. Ou não, ela era uma megera.

– Aaron, oi, meu querido.

Ele cumprimentou a avó com um beijo na bochecha.

Enquanto isso, Emily deu uma boa olhada no local. Tudo fora minimamente organizado do jeito que Frances ordenara: os garçons circulavam de um lado para o outro, servindo os convidados; foi montado um telão, onde estavam sendo

exibidas fotos do *Memorial Sloan-Kettering Cancer Center*.

– Frances, eu não sei se é cedo para dizer isso, mas eu acho que nesse ano você se superou.

– Obrigada, querida. Agora vão, sentem-se. Eu preciso falar com os McLuhan, aparentemente o cheque deles voltou. Dá para imaginar algo mais desagradável que isso? Eu falo com vocês mais tarde.

Aaron conduziu Emily por entre as mesas.

– Seus pais não vão vir?

– Não, eles ainda estão nos alpes suíços. Hoje de manhã eu falei com a minha mãe e ela quase conseguiu me convencer com sua interpretação de nora arrependida.

– A sua mãe não é uma boa mentirosa. Lembra daquela vez que ela me olhou com cara de nojo só porque eu estava usando um suéter bege? E ainda assim ela se forçou a sorrir e me elogiar. Por um momento eu achei que a minha cara estivesse suja de cocô de cachorro.

Aaron sorriu.

– Só você para falar de cocô de cachorro em um jantar.

– *Emiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiily!* – Maryanne Phillips, a irmã de Aaron, pegou Emily de surpresa e a abraçou forte. – Eu sabia que você viria, eu não disse? – Maryanne estava encarando Aaron com um olhar de vitória.

Ela era tão bonita quanto o irmão: tinha longos cabelos negros e penetrantes olhos azuis. Ela era o tipo de garota pela qual o seu namorado daria um pé na sua bunda só para poder conhecê-la.

– Olha só para vocês... Juntos aqui. – Maryanne não conseguia conter sua animação.

– Nós estamos aqui como amigos. – Emily quis dizer conhecidos, mas ela sabia que eles eram mais do que apenas meros conhecidos, embora não chegassem exatamente a ser amigos.

– Anne, não seja enxerida. – Aaron cortou as asas da irmã.

– Estraga prazeres. – Maryanne bufou de indignação. – Eu estou indo até o bar

para molhar o bico. Algum de vocês quer alguma coisa?

– Por hora, não. – Emily detestava beber de estômago vazio.

– Uísque com gelo, obrigado.

Maryanne se afastou.

Emily e Aaron foram até a mesa onde seus nomes estavam reservando os lugares. Os cartões indicavam que a irmã de Aaron também ocuparia aquela mesa, assim como outras duas garotas. Provavelmente eram amigas de Maryanne.

– Minha avó ficou muito animada quando viu você. – Aaron comentou. Emily sabia que, no fundo, o que ele queria dizer era: *minha avó adorou nos ver juntos de novo*. Mas, para o bem de todos, ele optou por segurar a língua.

– Eu adoro Frances e estou aqui pela causa. – Isso doeria, mas Aaron precisava ouvir.

– Só por isso? – Ele não desistia.

– Um uísque com gelo pra você, irmãozão. – Maryanne cortou fora o barato de Aaron e por isso Emily a agradeceu mentalmente.

Duas outras garotas vieram com Maryanne: uma loira de ombros largos e uma garota de cabelo castanho curto. Ambas comiam Aaron com os olhos.

Aaron tomou um gole de uísque. Quando levantou o rosto e viu quem o estava encarando, ele engasgou e começou a tossir.

– Você está bem? – Emily entregou a ele um guardanapo.

Maryanne começou a sorrir.

– Eu não sabia que você era fraco pra bebida, irmãozão.

– Olá, eu me chamo Sophia Beghe. – A loira se apresentou para Emily. – Eu sou a assistente da avó de Aaron.

Emily achou estranho o fato de a garota ter dito “avó de Aaron” e não a Sra. Phillips ou até mesmo Frances. Em todo caso, ela deixou pra lá e também se apresentou.

– Prazer, eu sou Amy Reed. – Amy sorriu para Emily e depois encarou Aaron por um breve instante.

– Amy e eu trabalhamos juntas. – Maryanne disse.

Um homem saiu de trás das cortinas e o salão inteiro ficou em silêncio. Logo um refletor estava iluminando-o.

– Boa noite e bem-vindos ao vigésimo jantar beneficente em prol do hospital do câncer. – Após dizer isso, as pessoas aplaudiram. – O evento de hoje não seria possível sem o apoio dos vários homens e mulheres que trabalharam no *Memorial Sloan-Kettering Cancer Center*. A todos vocês eu agradeço, em nome da associação Filhos da Revolução. – Mais uma salva de palmas ecoou pelo ambiente.

Emily se inclinou e sussurrou no ouvido de Aaron.

– Eu vou ao banheiro. Peça o salmão pra mim.

Aaron se levantou da cadeira, para que Emily pudesse passar sem dificuldades. Estranhamente ela percebeu que Amy e Sophia estavam analisando-a sem qualquer cerimônia.

Emily empurrou a porta do banheiro e entrou, o local estava vazio. Ela pegou o celular dentro da bolsa de mão e discou o número que sabia de cor.

– Oi, aqui é o Jimmy. Eu não posso falar agora, deixe uma mensagem.

Emily não iria falar com o correio de voz de Jimmy. Em seguida ela ligou para Shiri.

– Você vai gritar comigo. – disse.

– Essa não! O que você fez agora? – Shiri perguntou.

– Eu estou em um evento beneficente.

– Isso é bom. Eu não sou contra eventos beneficentes.

– Com Aaron.

– O QUÊ?! – Emily teve que afastar o celular da orelha. – Você enlouqueceu? Ah não, vocês já transaram?

– Você não ouviu a parte em que eu disse que estou em um evento beneficente?

– Você ficaria surpresa ao descobrir que as pessoas também fogem para

transar em salas escuras nos eventos beneficentes.

– Não, nós não transamos e, antes que você pergunte, eu não pretendo convidá-lo para tomar um vinho lá em casa mais tarde.

– Por que você está aí com ele?

Emily encarou seu reflexo no espelho.

– Sinceramente? Nem eu sei.

– Merda, ele ainda mexe com você.

E lá estava, dita em alto e bom som por sua melhor amiga, a verdade que Emily há muito vinha tentando esconder: por mais que Aaron a tivesse enganado e magoado, ele ainda era e sempre seria seu primeiro grande amor. E isso o tempo nunca conseguiria apagar.

– Eu... – Emily ouviu alguém conversando do lado de fora. Seguindo seus instintos, ela entrou em um dos reservados e baixou a voz. – Eu odeio quando você está certa.

– Eu estou tão irritada, isso é tão frustrante! – Emily escutou alguém dizer. Estranhamente ela reconheceu a voz: era Amy, a amiga de Maryanne.

– Nem me fale – quem falou foi Sophia.

– Emily? Emily? Você ainda está aí? – Shiri perguntou do outro lado.

– Eu ligo depois. – Emily sussurrou e depois desligou.

Ela estava espiando as duas garotas pela brecha da porta.

– Você deu uma boa olhada nela? – Sophia perguntou. – O que diabos ele viu nela? Ela é tão sem sal!

Não era preciso ser um gênio para saber que as duas estavam falando de Emily. Ela sentiu um estranho desconforto, como se estivesse tentando engolir uma bolinha de pingue-pongue.

– Eu achei que ele já tivesse se livrado dela. – Amy comentou.

– Talvez ela seja do tipo que gruda. – Sophia comentou.

– *Argh*.

– Eu preciso confessar uma coisa: – Sophia mudou seu tom de voz, agora ela parecia menos frustrada. – Eu transei com Aaron no último quatro de julho.

– Eu sabia!

Neste dia, Aaron e Emily ainda estavam juntos. Ela passou o feriado com Shiri e as meninas, e ele disse que foi forçado pelo pai a passar a data com a família. O que, claro, não era verdade. Emily tinha que dar o braço a torcer: o canalha era um mentiroso nato.

– Vocês vão se encontrar no seu aniversário? – Sophia perguntou.

Emily sentiu-se enjoada, as duas estavam revezando o mesmo homem. Ela percebeu outra coisa: as garotas não compareceram ao evento porque se importavam com o hospital do câncer. Estavam ali porque, depois do jantar, iriam convencer Aaron a levá-las para o seu apartamento, onde os três poderiam fazer uma festinha particular.

– Eu não sei. Talvez, se a Srta. Grudenta não...

JÁ CHEGA! Emily gritou mentalmente. Em seguida, ela empurrou a porta do reservado com força. Sophia e Amy levaram um susto: a segunda gritou e a primeira deixou o batom cair dentro da pia. As duas agora estavam encarando Emily pelo reflexo do espelho. Sophia estava boquiaberta e Amy tinha cara de quem estava prestes a gritar por socorro.

Emily encarou Amy, depois Sophia. Em seguida, lançou-lhes um sorriso desdenhoso, com um misto de nojo e desprezo.

– Vocês duas façam bom proveito – e após dizer isso, Emily saiu do banheiro. Por trás de seus olhos, as lágrimas ardiam para sair. Ela nunca havia sido tão humilhada.

– Emily, aonde você vai? – Maryanne interceptou-a no meio do caminho.

– Diga ao seu irmão que eu estou indo embora. Ele que faça o favor de nunca mais me procurar de novo, ou não irei responder por mim.

– O quê? Por quê?

Emily foi embora, deixando Maryanne com a dúvida.

Do lado de fora, longe de todos, ela poderia chorar. Enquanto se afastava do prédio e tentava organizar seus pensamentos, ela podia descarregar sua raiva e

tentar se acalmar.

Emily já estava longe quando ouviu alguém gritar seu nome. *Aquele* alguém.

– Emily! Espere.

NÃO. NÃO. NÃO. NÃO. NÃO.

– Emily!

Ela parou, não olhou para trás, cerrou o punho e esperou. No momento certo, ela se virou e acertou Aaron com um soco no nariz. Pego de surpresa, ele cambaleou para trás, mas não caiu. Cobriu o nariz com a mão e olhou para Emily com horror.

– Inferno! Eu acho que você quebrou meu nariz.

– QUE BOM!

As pessoas que passavam por ali pararam para observar o pequeno show. Nada de novo na cidade de Nova York.

Aaron descobriu o nariz. Não estava sangrando, mas estava vermelho.

– Emily, por favor, me escute.

– Não, você me escuta. – *VOCÊ CONSEGUE, GAROTA!* A Emily interna gritou. – Você não só me traiu, mas também mentiu para mim e me enganou. E para piorar, você queria que eu ficasse sentada ao lado de duas das suas amantes. Que gentil da sua parte! Eu deveria agradecê-lo.

– Emily, eu...

– Quantas foram, Aaron? Quantas garotas você traçou, quando supostamente deveria ser fiel a mim? Só aquelas duas? Foram quatro? Cem? Ou a população total de Nova York?

– Por favor, eu posso...

– Quer saber? Eu não quero saber, deixa pra lá. Sabe o que me deixa mais triste, Aaron? Que durante esse tempo, mesmo fazendo toda essa sujeira, sempre que você se deitava ao meu lado na cama, você dizia o quanto me amava e o quanto era feliz por estarmos juntos. Mas agora eu sei que tudo o que você disse durante esses dois anos não passou de mentiras. – Nesse momento Emily já

estava chorando, ela não era de aço.

O público ao redor dos dois aumentou consideravelmente e ela nem se deu conta de que era, provavelmente, a maior atração da cidade naquela noite.

Aaron desistiu de tentar falar. Agora ele era obrigado a escutar.

– De você, eu só quero uma última coisa. – Emily tentava conter as lágrimas, mas já era tarde demais. – Por favor, nunca me procure de novo. Se ainda tem um pinga de respeito por mim, você vai me deixar em paz pelo resto da minha vida.

Aaron estava com os olhos marejados.

– Eu aprendi a amar você – a voz de Emily era só emoção – e, por mais que me doa dizer isso, eu sei que, de algum jeito, algum dia, eu também irei aprender a te esquecer.

Após dizer isso, Emily abriu caminho por entre a multidão de curiosos e foi embora.

Lauren

Lauren não conseguia decidir se Penn estava tentando deliberadamente magoá-la ou apenas dando uma de engraçadinho à custa dela. Qualquer que fosse a resposta, ela já estava chateada.

Tudo aconteceu durante um jantar na casa dos amigos de Penn: Stewart e Lacy. Os homens eram amigos desde a época da faculdade. No passado, Lauren tentou se aproximar de Lacy, mas achou-a estranha demais. Lacy se recusava a sair de casa no dia 13 de cada mês, pois acreditava que as pessoas que faziam isso eram propícias a ser atropeladas por um ônibus e ela não queria ser uma delas. E isso não era, nem de longe, o pior: Lauren tinha quase certeza de que Lacy a considerava uma pessoa esnobe. Ela sentia isso em momentos específicos. Por exemplo, sempre que Lacy dizia: *Lauren, você poderia me passar o purê de batatas?* Ela sempre usava uma vozinha estridente para se referir a Lauren que, no fundo, acreditava que a mulher queria dizer: *eu sei que você se considera muito sofisticada para comer o meu purê de batatas, mas será que nós, os mortais, poderíamos comê-lo em paz?*

Lauren não podia provar sua teoria sobre Lacy, mas que ela tinha certeza, isso tinha.

Lacy, diferente de Lauren, era o tipo de mulher que sentia prazer em oferecer um jantar sem nenhum motivo aparente. Se ela queria testar uma nova receita, o ideal era dar um jantar; se ela queria experimentar um novo tempero, o ideal era dar um jantar; se Scott, o filho de Stewart e Lacy, aprendeu a fazer cocô no peniquinho, isto também era motivo para oferecer um jantar.

– Vocês vieram! – Lacy abriu a porta e abraçou Penn, cheia de entusiasmo. Lauren não sentia ciúmes, pois Lacy era tão sexy quanto um *Oompa-Loompa*.

Antes que Lacy pudesse agarrar Lauren com suas mãos gordurosas, ela lhe entregou uma garrafa de vinho do vale – o mais barato que havia conseguido

encontrar em uma lojinha vinte e quatro horas.

– Obrigada, Lauren! É o meu preferido!

E lá estava a vozinha estridente. Lauren imaginou que ela queria ter dito: *Obrigada, Lauren, por comprar para mim o pior e mais barato vinho do universo! Você é mesmo uma esnobe.*

– Vamos, entrem. O jantar será servido em breve.

Stewart e Lacy moravam em um pequeno apartamento de dois quartos, um banheiro, uma sala e uma cozinha, que basicamente dividiam o mesmo cômodo.

Lauren mal havia entrado no apartamento e já havia chutado sem querer um dos carrinhos de corrida de Scott.

– Me desculpe. Scott, o que eu já lhe disse sobre deixar os seus brinquedos rolando pela casa? – Lacy voltou a encarar Lauren. – Eu sei que uma hora dessas ele vai aprender.

Um garotinho apareceu sem que Lauren percebesse e começou a recolher os brinquedos próximos à porta. Lauren preferia ficar ali, ajudando o menino a guardar seus carrinhos, a ter que interagir com os adultos na sala.

– Um conselho, garoto. – Lauren pegou um carrinho do chão e o entregou a Scott. – Não cresça.

– Você é estranha. – Scott sorriu e Lauren notou que ele havia recentemente perdido um dente.

– Obrigada.

Lauren seguiu para a sala. Stewart e Penn estavam assistindo a um jogo de futebol na televisão, mas outro homem também estava lá: um gorducho careca. Ela não conseguia se lembrar do nome dele, era o irmão desempregado de Stewart.

Lauren ficou parada no meio da sala, esperando que alguém notasse sua presença, mas os homens estavam concentrados demais no jogo para notar qualquer outra coisa que não fosse a tevê.

– Lauren, você poderia me dar uma mãozinha? – Lacy falou da cozinha.

Ela respirou fundo e foi até lá.

Lacy estava verificando o frango no forno. Lauren precisava dar o braço a torcer: a comida tinha um cheiro delicioso.

– O que eu posso fazer?

– Corte alguns tomates e em seguida pique-os. Obrigada.

Lauren lavou as mãos e os tomates, depois começou a cortá-los. Ela percebeu que Lacy já estava tomando o vinho que ela trouxe.

– Eu posso servir uma taça pra você?

– Não, obrigada, eu estou bem.

Lacy pegou uma colher de pau e começou a mexer o purê de batatas.

Elas ficaram em silêncio. Lauren geralmente não sabia sobre o quê conversar com as outras pessoas. Ela admirava aqueles que conseguiam conversar sobre política ou até mesmo sobre o tempo.

Talvez ela conseguisse fazer isso.

– A moça do tempo disse que hoje à noite iria chover, mas eu acho que ela estava mentindo. – Certo, ela tinha dado o primeiro passo.

– Eu não acredito em previsões meteorológicas. Eu sempre sei quando está prestes a chover porque o dedo mindinho da minha mão direita começa a coçar.

OK. Talvez tentar interagir com Lacy tenha sido uma péssima ideia.

– Eu não perguntei antes porque eu não sabia se você queria falar a respeito – agora que Lacy havia começado, ela não iria mais parar. – Como você se sente com relação a tudo? Quero dizer, o casamento adiado.

Lauren parou de cortar o tomate.

Ninguém havia perguntado antes como ela se sentia, nem seus pais, nem mesmo Penn. Ele aparentava estar numa boa com relação a isso, daí Lauren supôs que ele achava que ela estivesse bem com relação ao casamento adiado. Essa era a única explicação cabível para a falta de interesse de Penn.

– Tudo isso, toda essa situação, é uma droga.

– Eu posso imaginar.

Estranhamente, Lacy não usou seu tom de voz estridente para conversar com

Lauren. Ela até agiu como se achasse Lauren normal.

– Se algum dia desses, você quiser conversar sobre o que aconteceu, saiba que eu estou à sua disposição. Exceto entre duas e quatro da tarde, que é quando Scott está cochilando e eu estou fumando na escada de incêndio.

Uau! Isso foi até... legal. Podia ser que Lauren estivesse enganada, talvez Lacy não a considerasse uma pessoa esnobe.

Lacy gritou: O JANTAR ESTÁ SERVIDO! E todos foram se acomodar ao redor da mesa. Ela até fez questão de dizer que Lauren tinha ajudado a preparar o jantar, o que claro, não era verdade. Ela apenas havia cortado alguns tomates, mas entendeu o que Lacy estava fazendo: ela estava sendo legal.

O pequeno Scott interrompeu o jantar.

– Mamãe, tem uma mariposa no meu quarto! – Ele parecia estar genuinamente assustado.

– Como uma mariposa entrou no seu quarto?

– Eu sei lá!

Lacy estava se levantando quando Lauren teve uma ideia.

– Eu cuido disso, você já fez de mais. – Pela primeira vez em sua vida, Lauren quis retribuir um favor.

Scott guiou Lauren até seu quarto.

A mariposa estava descontrolada, voando de um lado para outro no quarto. Lauren imaginou que talvez ela desconhecesse a sensação de estar presa. Devia ser uma mariposa livre e, agora que havia perdido sua liberdade, tudo o que podia fazer era se desesperar.

– Você vai matá-la? – Scott escondia-se atrás da saia de Lauren.

– Bem, aí depende: a mariposa ameaçou você com uma faca?

– Não.

– Ela ameaçou roubar a sua mamãe?

– Não, eu acho. Eu não falo *maripocês*.

– Eu falo. – Lauren sorriu. – Sabe o que ela está me dizendo?

– O quê? – Apesar de assustado, Scott parecia curioso.

– Por favor, me ajude! Eu quero ser uma mariposa livre de novo.

– Ajude-a! O que você está esperando?

E foi o que Lauren fez. Ela abriu a janela do quarto de Scott e, juntos, os dois espantaram a mariposa para fora.

– Quer saber o que ela disse antes de ir embora?

– Quero! O quê?

– Obrigada! Eu direi às outras mariposas que ainda existem pessoas legais no mundo.

– Maneiro! – Mesmo banguela, Scott gostava de sorrir.

No caminho de volta para casa, Penn dirigia em silêncio. Lauren estava de cara fechada e braços cruzados, então, para chamar a atenção dele, ela começou a estalar a língua.

– Certo, Lauren, eu já entendi: você está chateada. Vai me dizer o que foi ou vou ter que adivinhar? Deixe-me pensar. Ah, Lacy olhou torto pra você? Engraçado, porque é o jeito que ela olha para todos.

– Lacy não fez nada e você sabe muito bem. Foi você que me faltou com o respeito.

– Quando exatamente?

– Entre o purê de batatas e a salada de ovos.

– E o que eu posso ter dito que tenha chateado você? Espera, você não gostou de me ouvir dizer por favor?

– Não se faça de desentendido.

– Eu não preciso, pois não estou entendendo nada mesmo.

– Lacy perguntou, educadamente, se eu ainda estava tentando arranjar um emprego. E o que foi que você, rudemente, respondeu por mim?

Penn engoliu a própria língua.

– Foi o que eu pensei – Lauren disse, quando se deu conta de que Penn havia percebido onde havia se enfiado. – Você disse: não, Lacy, Lauren está bem. Ela não está *entediada* ainda. – E lá estava a palavrinha que havia arruinado a noite

de Lauren. – Você tem noção do que um comentário desse tipo me faz passar? Lacy, que é uma dona de casa dedicada, vai pensar que eu sou uma mulherzinha mimada, que faz pouco caso das mulheres que trabalham. O que claro, não é verdade. Ela deve ter pensando: ah, Lauren não precisa trabalhar. Penn cuida de tudo, ela fica em casa rindo das mulheres que trabalham. Muito obrigada, Penn, obrigada mesmo.

– Bem, me desculpe, mas eu não estava mentindo.

– O QUÊ?! – Lauren soou indignada. – Isso não é verdade!

– Você sabe que é verdade. – Penn não desistiria. –Você só procura emprego quando está enfadada de ficar perambulando pela casa. Além do mais, você só dura, no máximo, uma semana em cada emprego. Por exemplo: por que você se demitiu da joalheria? Eu digo: porque uma mulher olhou para você e pediu licença alto demais!

– Ela estava sendo rude!

– Aham. E o que aconteceu quando você lecionava naquela escola para garotas?

– Aquilo foi diferente.

– Você jogou um livro nas alunas!

– FOI DIFERENTE!

Não foi, não.

Três meses atrás, Lauren havia sido contratada para trabalhar como professora substituta de Literatura na *St. Mary's School for Girls*. Durante algum tempo, ela ficou animada com a nova experiência. Ela havia preparado a aula em casa, na noite anterior ao seu primeiro dia na escola. Ela lia *Orgulho & Preconceito* para as meninas e as alunas participaram de um debate. Pelo menos, Lauren achou que participariam.

– *“Tenho a certeza de que é generosa demais para fazer pouco caso dos meus sentimentos. Se os seus são ainda os mesmos que manifestou em abril passado, diga-o imediatamente. Minha afeição permanece inalterada; basta, porém, uma*

única palavra sua para fazer com que me cale para sempre.” – Lauren leu um trecho do livro durante a primeira aula, depois levantou o rosto e encarou uma sala cheia de garotas de quinze anos. Ela tentou ignorar o fato de que nenhuma das meninas estava prestando atenção nela. – Então, alguém pode me dizer o que mudou no Sr. Darcy nessa parte da história?

Nenhuma das meninas se pronunciou. Todas pareciam entediadas, todas preferiam estar na rua, jogando conversa fora e batendo perna pelas lojas.

– Alguém? – Ela esperou. – Ninguém? – Lauren estava começando a perder sua animação momentânea.

Então uma garota levantou o braço.

– Professora, eu tenho uma dúvida.

– Sim, claro! Qual? – Tudo daria certo.

– Esse tal de senhor Darcy era gostoso?

Algo havia se quebrado dentro de Lauren.

– O quê?

– Eu sei que ele era rico, eu assisti ao filme. Mas ele era gostoso?

– O que importa se ele era gostoso ou não, Megan? – Outra garota entrou na conversa. – Ele era rico e isso é o que importa.

– Eu concordo – disse outra garota. A sala explodiu em risinhos afetados.

– Querem saber quem eu sei que não era gostoso? – Outra garota perguntou. Lauren sabia que as meninas não falavam mais com ela, estavam interagindo entre si e ignorando a existência da professora.

“Quem? Quem? Quem? Quem?” Várias vozinhas afetadas perguntaram ao mesmo tempo.

– Legolas, de O Senhor dos Anéis. Orlando Bloom? Muito gostoso. Legolas? Nem um pouco gostoso.

As meninas começaram a rir de novo.

Lauren fechou os olhos e respirou fundo. *Inspira, expira; inspira, expira.* Ela estava segurando o livro com tanta força que os nós de seus dedos já estavam brancos.

– Eu acho que...

E então Lauren não pensou, apenas agiu. Ela se virou para as alunas e atirou seu exemplar de *Orgulho & Preconceito* na parede. As meninas gritaram e abaixaram as cabeças.

Lauren foi demitida (e por pouco não foi processada) antes do recreio.

– Quer saber? – Lauren tirou o cinto de segurança. – Pare o carro.

– O quê? Nosso apartamento fica a uns cinco quilômetros.

– Pare o carro. Eu quero descer, vou pra casa a pé.

– Você enlouqueceu?

– PARE O CARRO!

Penn fez exatamente o que Lauren exigiu. Ele achava que ela não tinha coragem, mas ela acabou surpreendendo, como sempre fazia.

– Divirta-se indo a pé pra casa! – Penn pisou fundo e foi embora.

Lauren ergueu o dedo do meio. Mas não foi tão legal quanto ela imaginou que fosse, porque Penn já havia ido embora.

Ela não foi pra casa, não de imediato. Lauren ficou perambulando pelo bairro, até cogitou entrar em uma lanchonete, mas se deu conta de que havia deixado a bolsa no carro. Lauren foi atraída, pelo som de uma batida de jazz, até um lugar chamado Coyote, um pequeno bar no nível do jardim em Cobble Hill. Ela desceu e entrou no estabelecimento. O local era aconchegante: havia sofás nos cantos; pequenas mesas redondas, espalhadas pelo salão; um balcão; e um pequeno palco, onde um grupo de jazz se apresentava no momento em que ela entrou pela porta da frente. O local cheirava a naftalina e o que mais se via era a fumaça que voava dos cigarros dos clientes. Lauren se aproximou, puxou uma cadeira e sentou-se de costas para balcão. Ela admirava o grupo de jazz.

Lauren desviou o olhar da banda e notou que alguém havia deixado um *Cosmopolitan* próximo de onde ela estava. O drinque não estava ali quando ela se sentou.

– Ah, com licença. – Lauren chamou a atenção do barman, um homem de

cabelos escuros e intimidantes olhos azuis. Ele tinha o típico sorriso arranca-calcinha. – Eu não pedi isso.

– É por conta da casa. – Ele lançou-lhe o tal sorriso. – Dá azar se uma bela garota for vista em um bar sem um drinque nas mãos.

Lauren sorriu. Ela havia acabado de receber um elogio e, de quebra, ainda ganhou um drinque. No final das contas, a noite não foi um completo desastre.

Emily

Deitada na cama, Emily encarou o teto. Ela havia parado de chorar há uns quinze minutos e tinha usado uma caixa inteira de lençinhos para enxugar as lágrimas. Por um instante ela achou que pegaria no sono de tanto chorar, mas o descanso não veio. Emily temia que fosse passar uma noite em claro.

Ela virou-se de lado e deu de cara com Berto, o aparelho de rádio, em cima de seu criado-mudo. Emily havia se esquecido desse pequeno detalhe. Ela se levantou e foi pegar a carta que viera junto com o Berto. Ela não iria ler a mensagem novamente, mas queria agora decifrar o que os números no verso do papel significavam. Já que o sono custava a chegar, Emily podia muito bem usar seu tempo para dar uma de Sherlock Holmes.

194.8

Não era um código Morse, pelo menos ela esperava que não fosse, muito menos o número de um telefone. Talvez fosse um endereço. Emily encarou Berto, depois olhou para os números. Voltou a encarar Berto e depois olhou para os números uma última vez, antes de descobrir o que eles significavam.

Emily pegou Berto e trouxe-o para a cama, então ligou o rádio pela primeira vez. O pequeno visor se iluminou e um ruído ecoou pelo quarto. Ela precisava estar certa, só podia ser isso: os números eram uma estação de rádio! Emily sintonizou Berto e começou a ouvir. No início tudo estava em silêncio, mas depois ela pôde escutar.

LOCUTORA: BHC, Nova York 194.8. Boa noite! Olá para os velhos e

novos ouvintes, eu me chamo Marina *Bijoux* e sou sua locutora da noite. A BHC é um espaço para os corações partidos, aqueles que não tiveram seu amor retribuído ou que viram seu coração ser jogado na máquina de moer carne. Saiba, caro ouvinte, que você sempre poderá contar comigo. É quase meia-noite e sabe o que isto significa? Hora de bater um papo com algum ouvinte. Será que já temos alguém na linha? ALÔ?

OUVINTE Nº 1: Marina, graças a Deus! Aqui é a Gigi. Eu fiquei aflita por não ter conseguido falar com você na semana passada.

MARINA BIJOUX: Oi, Gigi! Eu senti mesmo a sua falta na semana passada. Escute: eu não digo isso com frequência, mas o meu programa não é o mesmo sem a sua participação.

GIGI: Obrigada, Marina!

MARINA BIJOUX: Certo, vamos em frente senão o trem passa por cima. O que você tem pra nós hoje à noite? Vamos lá, querida, pode desabafar.

GIGI: Certo. Ah, como sabe, eu me separei recentemente. Jeff e eu ficamos casados por trinta anos. Enfim, ontem ele me ligou. Inicialmente eu achei que ele fosse me pedir desculpas ou até, quem sabe... Tentar reatar as coisas. Eu sei que sou uma idiota por pensar assim...

MARINA BIJOUX: Gigi, eu irei interrompê-la agora. Você é não idiota, eu já lhe disse isso mil vezes. Você não pode se martirizar por ainda achar que as coisas possam voltar a ser como eram. Afinal, como você mesma disse, você e Jeff ficaram casados por trinta anos, leva tempo para o coração curar uma ferida desse tamanho. Continue, por favor.

GIGI: Jeff disse que sentia falta... Ele sente falta do Rex, o nosso cachorro. Ele me ligou e perguntou se poderia vir buscar o Rex e eu disse não. Não estou fazendo birra, mas Rex tem sido um ótimo companheiro pra mim. Eu não posso perdê-lo também.

MARINA BIJOUX: Que infeliz esse Jeff! Gigi, eu tenho dois conselhos pra você. O primeiro é: fale com o seu advogado, eu tenho certeza de que não existe uma

lei que permite ao Jeff tirar o Rex de você. O segundo é: na próxima vez que ele ligar, mande-o direto para aquele lugar onde o sol não bate.

GIGI: Obrigada, Marina! É, vou fazer isso. Tchau.

MARINA BIJOUX: Quem quiser ligar para cá, pra conversar sobre algo sério ou simplesmente jogar conversa fora, o número é 800-353-1311. Vamos em frente! Próximo ouvinte, você está no ar. Boa noite!

OUVINTE Nº 2: Oi! Aqui é o Tadd.

MARINA BIJOUX: Olá, Tadd. Como vai a vida? Alguma novidade?

TADD: Sim, eu finalmente consegui convencer a garçonete do Bar Six a sair comigo. Você sabe, Marina, o quanto eu sonhei com isso e é por este motivo que estou ligando, porque preciso da sua ajuda. Eu estou meio nervoso, com medo de dizer a coisa errada durante o jantar e estragar tudo. Eu já sei que não posso elogiar os peitos dela e talvez você possa me dar umas dicas. O que eu posso dizer durante o jantar?

MARINA BIJOUX: Tadd, você ligou para a pessoa certa. Pegue papel e caneta e anote algumas dicas. Eu sei que há uma ligação especial entre você e essa garota. Ela também sabe, mas agora ela precisa que você demonstre isso. Deixe bem claro, no início do jantar, que você a entende. Faça-a rir, não com piadas sem graça, mas faça com que ela esboce um sorriso genuíno. Nós, garotas, adoramos um cara engraçado. E por fim, antes do final do encontro, dê logo a entender que você mal pode esperar para vê-la de novo. Se encontrasse um cara que fizesse essas coisas por mim, eu não o deixaria escapar.

TADD: Marina, você é uma salva-vidas. Até mais!

MARINA BIJOUX: Tchau. Próximo ouvinte, você está no ar.

OUVINTE Nº 3: Gertrudes falando.

MARINA BIJOUX: Opa! O que você tem pra nós hoje à noite, Gertrudes?

GERTRUDES: Eu acabei de assistir Love Story e estou profundamente triste, Marina.

MARINA BIJOUX: Eu entendo, esse filme também me deixa triste. Mas por que

você está me falando isso, querida?

GERTRUDES: Na verdade, Marina, eu fiquei triste por aquelas pessoas que nunca viveram um grande amor. Eu sei que você já viveu um e eu também. Mas e aqueles que não viveram, como ficam?

MARINA BIJOUX: Bem, minha cara, você sabe o que eu acho: tem sempre um chinelo velho para um pé cansado. Aqueles que *ainda* não viveram um grande amor não precisam desistir. O amor às vezes tarda, mas não falha. Talvez a sua alma gêmea esteja vindo montada em uma tartaruga.

GERTRUDES: Sábias palavras, Marina. Outra coisa: será que eu posso escolher a música da noite?

MARINA BIJOUX: Claro que sim! Manda bala!

GERTRUDES: Somewhere Only We Know, do Keane.

MARINA BIJOUX: Ótima escolha! E para aqueles que estão nos escutando em casa, deitados em suas camas, lembrem-se de uma coisa: o que fere e não mata, fortalece o coração. Boa noite.

A música se iniciou e Emily não desligou o Berto. Ela ficou deitada na cama, escutando a música. Por um momento ela podia jurar que a locutora, Marina Bijoux, estava falando diretamente com ela.

BHC era o nome da estação de rádio e Emily imediatamente associou a **Broken Hearts Club**. Ela sentia que esse era o significado.

Por um momento ela se esqueceu de Aaron e de tudo o que ele agora representava. Antes de pegar no sono, Emily permitiu que sua imaginação perambulasse pelo quarto, enquanto a música tocava.

Na manhã seguinte, Emily observou Jimmy de longe. Bem, ela meio que estava seguindo-o desde que o vira perambulando pela Water Street. Emily sabia o caminho que Jimmy fazia diariamente de casa para o trabalho. Naquela manhã, ao invés de ir direito para o trabalho, como sempre fazia, Emily seguiu os passos de Jimmy, na esperança de “esbarrar” acidentalmente com ele, forçando-o a falar

com ela.

Até aquele momento ela não havia tido coragem de esbarrar nele, como havia planejado quando saiu de casa naquela manhã. Emily temia que Jimmy não a escutasse e que, ao invés do que ela havia imaginado em sua cabeça, ele pedisse que ela o deixasse em paz e que a mandasse pastar.

Ela observou quando ele parou em frente a uma barraquinha de lanches e pediu um cachorro-quente com pickles extra e pouca mostarda e um café pequeno.

Aquele era o momento, Emily decidiu-se. Ela apressou o passo e parou atrás dele, fingindo ser a próxima cliente. Ele cheirava a loção pós-barba Clinique. Jimmy pagou pelo cachorro-quente e pelo café e, como era de se esperar, virou-se para ir embora. Nesse momento deu de cara com Emily, há poucos centímetros de distância.

– Emily. – Jimmy tentou falar com a bocha cheia. – O que...

– Ai, meu Deus, Jimmy! Que coincidência! – Emily era uma péssima atriz e ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabia disso.

Jimmy engoliu o pedaço de cachorro quente que estava mastigando, sem tirar os olhos de cima dela. Ele a estava achando mais inacreditável do que nunca e aquilo o animava.

– Então quer dizer que é coincidência nós nos encontrarmos no lugar onde eu compro café todos os dias antes de ir para a revista e que, a propósito, você sabe exatamente onde fica?

– Pois é! Acho que, no final das contas, coincidências existem mesmo – apesar de ser uma luta perdida, valia a pena continuar tentando.

– Corta essa, Emily. – Jimmy deu uma mordida em seu cachorro-quente e depois seguiu em frente, deixando Emily para trás.

Uma vez ali, Emily não desistiria fácil. Ela apressou o passo.

– Tudo bem, eu confesso: estou seguindo você a manhã toda.

– Uau! Isso só fica melhor e melhor.

– Eu estou fazendo isso em nome da paz! – Emily falou para as costas de

Jimmy. – Eu quero conversar com você sobre ontem.

Ele parou, esperou e em seguida se virou e a encarou.

– Do que você está falando? – Para o azar de Emily, Jimmy era um perfeito mentiroso. Ele se faria de desentendido até que ela desistisse e fosse embora, frustrada.

– Você. – Emily se aproximou. Jimmy não iria fugir naquele momento, disso ela tinha certeza. – Parado do outro lado da calçada, vendo... você sabe.

– Vendo o quê? – Ele era mesmo um bom mentiroso. – O que eu estava vendo, Emily? Refresque a minha memória, por gentileza.

– Jimmy, por favor.

– Não, nada de por favor. Você começou, agora termine.

– Ontem você me viu entrando no carro de Aaron. – Emily podia jurar que viu uma veia pulsar na têmpora de Jimmy quando ela disse Aaron.

– Ah, isso. Sim, aquele era eu.

– Obrigada por confirmar o que eu já sabia. – Emily também sabia ser irônica.

– O que você tinha em mente ontem? Bem, presumo que você tivesse ido me visitar, a menos, é claro, que você estivesse planejando dar uma passada na loja de jardinagem no final da minha rua. Era isso?

– A edição dos anos oitenta de *The Price Is Right*, a sua preferida, estava sendo reprisada na televisão ontem à noite. Eu achei que, bem, eu achei que nós pudéssemos assistir juntos, como nos velhos tempos.

Ah, os bons e velhos tempos em que Emily e Jimmy não estavam em lados opostos do campo de batalha e eram apenas dois bobos alegres!

– Jimmy, eu adoraria que nós pudéssemos voltar a ser como éramos antes. – Emily se arrependeu dessas palavras no minuto em que elas foram pronunciadas.

– Você quer dizer: como *éramos* antes de eu estragar tudo. – Jimmy estava claramente irritado outra vez.

– Não, Jimmy, não foi o que...

– Me diz uma coisa Emily: alguma vez você pensou em mim não apenas como seu amigo, mas como seu... sei lá, mais do que amigo?

Emily desviou o olhar, ela sempre fazia isso quando sabia que a verdade iria magoar. E de todas as pessoas do mundo, Jimmy era a que menos merecia passar por isso.

– Quer saber? Deixa pra lá. – Jimmy começou a se afastar. – Eu nem sei por que ainda me incomodo com isso. Cuide-se, Emily.

– Jimmy, espera! – Ela voltou a falar para as costas dele, pois dessa vez ele não se virou. – Por favor.

Pela segunda vez em um único dia, Jimmy se virou para ouvir o que Emily tinha para dizer.

– Eu... – Emily hesitou. O que iria fazer agora? Ela sabia o que Jimmy queria ouvir, só não sabia se sentia o mesmo por ele. – Eu... – E então, Emily desistiu.

– Foi o que eu pensei. – Jimmy não voltaria a escutá-la.

– Ele fez o quê?! – Lali abriu a boca e algumas pipocas caíram em seu colo.

Emily convidou as amigas para ver um filme em sua casa e ela gostava de fazer isso à moda antiga: pipoca de microondas e vinho de supermercado. Shiri até deu uma passada em uma locadora de filmes (uma das poucas que ainda estão abertas) e alugou Loucademia de Polícia.

Anggie, Lali e Emily estavam sentadas no sofá e Shiri se sentou em uma almofada no chão. As três ficaram boquiabertas quando Emily finalmente revelou o que havia acontecido entre Jimmy e ela.

O que houve foi o seguinte:

Dois meses atrás, em uma noite especialmente quente, Emily estava encontrando dificuldades para finalizar um artigo. Em outra ocasião ela iria para casar descansar e voltaria a trabalhar em seu texto no dia seguinte, após uma boa noite de sono. Infelizmente o prazo para a entrega do artigo se esgotava às nove da manhã do dia seguinte, então ou Emily dava um jeito naquela noite, ou teria que enfrentar a ira de Arlene. Claro que ela optou por ficar trabalhando até mais tarde.

Ela estava quase terminando de digitar seu artigo quando, de repente, a tela de seu computador congelou. Desesperada e após repetir NÃO, NÃO, NÃO várias vezes, Emily começou a apertar cada botão do teclado. Aquilo não foi bom. Em seguida, a tela do monitor escureceu e uma carinha triste apareceu do nada.

Ela não sabia o que havia acontecido com seu computador, mas de uma coisa ela tinha certeza: Arlene iria comer o fígado dela.

Emily se levantou e correu até a sala da única pessoa que ela sabia que também estava trabalhando até tarde naquela noite.

– Jimmy, eu preciso da sua ajuda! – Ele quase caiu da cadeira. – O meu computador faleceu, ele morreu e levou o artigo que eu estava escrevendo pro bebelê!

Emily puxou Jimmy pelo braço e o arrancou de sua sala.

– Olha! Olha só! – Emily quase obrigou Jimmy a entrar no monitor.

– Tudo bem, tudo bem. – Ele tentou acalmá-la. – Eu estou vendo! Por favor, solte o meu braço, eu não estou mais conseguindo senti-lo.

Emily estava segurando o braço de Jimmy com tanta força que até parecia que ele estava sendo castigado pelo erro do computador.

– Eu acho que posso dar um jeito.

– Sim! Faça isso, por favor. – Emily conteve a necessidade de apertar o braço de Jimmy outra vez.

Ele se sentou e começou a fazer alguma coisa que Emily nunca conseguiria explicar. Para ela, ele estava fazendo o trabalho de mil homens, quando na verdade tudo o que Jimmy fez foi acessar alguns comandos do sistema pelo teclado.

O monitor iluminou-se outra vez e o artigo de Emily estava lá, esperando para ser finalizado, revisado, impresso e publicado.

– Ai meu Deus! Você é o máximo! – Emily deu um abraço forte em Jimmy, ela estava genuinamente agradecida. – Me lembre de pagar uma rodada de tequila na próxima vez que formos juntos ao bar.

Enquanto Emily sorria, Jimmy pôde admirá-la de perto. Ela era dona de grandes e tentadores olhos azuis. Na primeira vez que Jimmy viu Emily, foram os olhos dela que mais lhe chamaram a atenção. Ela não era como qualquer outra garota que ele já havia conhecido. Emily gostava de rir sem ter motivo e, por mais que ela se considerasse estranha por ter um habito desses, Jimmy gostava dela do jeitinho que ela era. Após anos de amizade, ela nunca parava de surpreendê-lo.

Jimmy colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha de Emily. Então, pela primeira vez em sua vida, ele tornou-se proprietário de coragem para fazer o que desejava há muito tempo. Talvez tivesse sido o fato de os dois estarem tão pertinho um do outro, ou porque Emily não parava de admirá-lo. O caso é que, naquele momento em especial, Jimmy imaginou que finalmente iria conseguir a garota, por isso ele a beijou. Por um momento, Jimmy imaginou que Emily fosse empurrá-lo para longe. Aquilo seria pior do que nunca ter tentado demonstrar o que sentia por ela, mas isso não aconteceu. Emily cedeu, permitindo-o intensificar o beijo. Ele a trouxe mais para perto e ela assim veio. Jimmy sempre soubera que tudo o que havia vivido ao lado de Emily o levaria para aquele momento. E ele finalmente havia conseguido. Depois daquele beijo, seus sentimentos não precisariam mais permanecer escondidos. E quem sabe, com um pouco de sorte, Emily também abriria seu coração.

Jimmy encerrou o beijo, não porque ele quisesse, mas porque respirar era bom e os dois precisavam fazer isso de vez em quando. Ele ainda estava segurando o rosto dela entre suas mãos, quando percebeu naquele momento que os olhos de Emily cintilavam.

– O quê? – Emily sussurrou, sem desviar o olhar.

– Eu amo você.

E lá estavam as três palavrinhas, ditas em voz alta por Jimmy. Ele não estava vivendo uma vida em que era obrigado a ver um idiota se declarar para a garota. Aquela era sua vida e ele era o cara (não o idiota) que havia conseguido sua grande chance. Ele era o garoto que conquistara a garota.

E então o momento se quebrou em vários pedacinhos.

Emily se afastou, ela estava indo para longe dele. Não era assim que deveria acontecer. Jimmy tinha imaginado esse momento diversas vezes em sua cabeça e em nenhum deles Emily se afastava.

Ela parecia em dúvida.

– Emily, qual é o problema? – Jimmy procurava a resposta no rosto dela. – Você ouviu o que eu disse?

– Sim, eu ouvi.

Jimmy quis perguntar: *então por que nós não estamos nos beijando? Por que você ainda não arrancou as minhas roupas?* Tudo bem que a segunda pergunta pareceu um tanto quanto exagerada, mas dentro da cabeça de Jimmy aquilo fazia sentido. Tudo o que ele queria era poder ficar perto dela, como estava há dois segundos. Mas algo dentro dele disse que, se Jimmy desse um passo à frente, Emily daria um passo atrás. E aquilo foi o suficiente para ele entender o que estava acontecendo.

Jimmy não havia conseguido a garota.

– Ah, eu entendo.

Emily percebeu o quanto Jimmy soou desapontado naquele momento. Ele não parecia decepcionado com ela, mas consigo.

– Seu, *hum*, computador parece estar funcionando perfeitamente agora.

– Jimmy...

– Se você der licença, eu preciso terminar o que eu estava fazendo... não aqui, o que eu estava fazendo na minha sala. – Só que ele não foi embora, Jimmy continuou encarando-a. – Escuta, Emily, eu não vou fingir que o que houve aqui não aconteceu de verdade. E acima de tudo, eu não vou fazer de conta que o que eu disse não é verdade, porque é o que eu sinto. Infelizmente, eu acho que entendi tudo errado.

– Jimmy, eu...

– Por favor, não diga que você sente muito e nem tente se desculpar. Isso só pioraria as coisas e aumentaria a minha vontade de me jogar pela janela.

Emily pareceu preocupada.

– Essa última parte foi brincadeira. – Ele estava tentando ser engraçado, mas tudo o que conseguiu ser foi estranho. – Me diz uma coisa e, por favor, não me poupe da verdade. É por causado do Aaron? Eu entendo, vocês ficaram juntos por anos e daí ele...

– Não é por causa dele. – Emily estava sendo sincera.

– Bem, então o que é?

Jimmy viu a verdade nos olhos de Emily: ela simplesmente não gostava dele do jeito que ele gostava dela. Ele não seria o cara que conseguiu a garota. Ele seria, ou melhor, ele *era* o melhor amigo que havia seguido seus instintos e que, conseqüentemente, colocara tudo a perder. Resumindo: ele não passava de um clichê ambulante.

– Eu vou... – Fora de orbita, Jimmy acabou chutando a cadeira de Emily. – Desculpe.

Depois de voltar para a sua sala, Jimmy cogitou pegar suas coisas e ir até o bar mais próximo, para encher a cara até que não pudesse mais ouvir seus pensamentos. Ele daria em cima de uma garota qualquer e, com sorte, a levaria para casa para afogar as mágoas. De fato ele foi para um bar e de fato ele encheu a cara, mas, no final da noite, Jimmy era só mais um bêbado chorão. Nenhuma garota, nem mesmo a mais bêbada, quis saber dele.

Ao fim da história de Emily, Lali, Angie e Shiri já haviam devorado mais da metade da pipoca. Nenhum filme no mundo conseguiria capturar a atenção dessas garotas da forma que Emily havia conseguido.

– Eu estou chocada. – Angie disse.

– *Idem*. – Lali e Shiri disseram em uníssono.

Emily analisou a expressão de suas amigas. Nem com um milhão de chances ela conseguiria adivinhar o que cada uma estava pensando.

– Pobre Jimmy. – Lali quebrou o silêncio.

– Não, não diga isso.

– Eu sinto muito, mas é verdade. Amor não correspondido é pior que Ebola.

Emily semicerrou os olhos.

– Talvez eu tenha exagerado com esse lance do Ebola, mas você me entendeu.

– E vocês duas: o que me dizem?

– Eu não sei o que dizer. – Apesar disso, Anggie resolveu tentar. – Só que, tipo, eu não sei, sei lá, tipo assim, essas coisas quando acontecem... Ai, eu vou ficar calada, senão a minha cabeça vai explodir. Mas eu tenho uma dúvida: como foi o beijo?

Emily pensou, procurou a resposta dentro de sua cabeça.

– Eu me senti como se estivesse flutuando no ar.

– *Uau!* – As meninas responderam em coro.

– Shiri? – Emily ainda queria escutar o que sua melhor amiga tinha para dizer.

– Antes você precisa entender uma coisa, Emily: não é culpa sua que Jimmy tenha se magoado. Não é como se você tivesse feito de propósito, tipo, coisas a fazer de manhã: levar o cachorro para passear, comprar o jornal e magoar o melhor amigo. Nós nem sempre conseguimos o que queremos, Jimmy deve ter aprendido a lição. Além do mais, o coração quer o que o coração quer. Ninguém pode exigir amor, é algo que deve vir naturalmente. Se você não sente o mesmo que ele, tudo bem. Mais cedo ou mais tarde, ele vai seguir em frente e vocês vão acertar as coisas.

Shiri sabia o que dizer e, embora Emily estivesse imensamente grata por tê-la como amiga, até mesmo palavras tão encorajadoras quanto as dela não puderam afastar a culpa que Emily ainda sentia com relação a Jimmy. Mas não era só culpa, ela também sentia outra coisa: algo indescritível, algo que a incomodava, algo que a fazia sentir como se ela tivesse apostado todo o seu dinheiro em um cavalo e o animal acabara chegando em último lugar.

Embora isso não fizesse muito sentido, claro.

– Shiri, você alugou Loucademia de polícia?

– Acho que eu errei o filme. – Shiri tirou um caixa de DVD de dentro de sua bolsa. – Eu acabei alugando Jovens policiais excitados na delegacia, parte dois.

– Por que eu não estou surpresa? – Emily sorriu.

– Isso é tão sem graça, eu ainda nem assisti a primeira parte! – Lali também estava achando engraçado.

– Bota pra dentro. – Anggie disse.

– Tem essa fala no filme. Como você adivinhou?

Shiri tirou o disco de dentro da caixa e colocou-o no aparelho de DVD. Depois ela ligou a televisão e voltou para sua almofada no chão.

As meninas ficaram boquiabertas.

– Eu não imaginei que um dos policiais fosse começar o filme com o cassete na mão.

Lauren

Lauren odiava ser contrariada, principalmente de propósito. Na manhã de sexta-feira, ela saiu de casa e foi fazer umas comprinhas. Lauren estava presenteando a si mesma, pois na outra noite ela havia conseguido um novo emprego! Ela era agora a mais nova *barwoman* do bar Coyote.

Tudo aconteceu como em um passe de mágica. Depois de receber um drinque por conta da casa, Lauren continuou no bar. Ora ela conversava com o barman gato, de nome Pete, ora ela contemplava o show da banda de jazz. Pete era constantemente obrigado a ralhar com a garçonete, pela falta de profissionalismo da garota. Lauren a viu errar no preparo dos drinks e muitas vezes ignorar os pedidos dos clientes, que logo estavam reclamando. Pete tentou acalmá-los.

Lauren revirou os olhos e foi para trás do balcão, ajudar Pete.

– O que você está fazendo? – Pete perguntou, enquanto preparava um Martini.

– Ajudando você. Agradeça-me mais tarde. – Lauren encarou uma garota, que parecia irritada por não estar bebendo. – O que você quer?

– Um Daiquiri de morango, rápido.

Lauren quis dizer: *se você quer que seja rápido, então vá fazer na sua casa*, mas ela se conteve. Preparou o drinque da garota em silêncio, evitando ao máximo a vontade de devolver a ignorância dela.

- Custa dezoito dólares. – Lauren disse, antes que a garota pegasse o copo.
- No cardápio diz que custa dezesseis!
- Não se você quer que saia rápido.

A garota encarou Pete, claramente pedindo a ajuda dele. Afinal, ele era o dono do bar.

- Você ouviu a moça – foi tudo o que ele disse.
 - TÁ! – Irritada, a garota tirou o dinheiro da bolsa e o entregou a Lauren.
- Pete sorriu, admirado, e Lauren lançou-lhe uma piscadela.

Antes do final da noite, a garçonete foi demitida e Lauren, contratada.

Quanto ela voltou pra casa, naquela noite, Penn já estava dormindo. Ela cogitou acordá-lo, para contar a novidade, mas não fez isso. Ela sabia que Penn tinha ido dormir com raiva dela, por isso deixou a novidade para a manhã seguinte. Infelizmente, quando ela acordou, Penn já tinha ido para o trabalho.

Depois de tomar café (novamente sozinha), Lauren decidiu fazer umas comprinhas. A primeira parada seria na Bloomingdale's. Em seguida ela iria para a Barneys, depois para a Massimo Dutti. Daria uma passada na Darling e, antes de voltar para casa, ela pararia na Rag & Bone para comprar sapatos.

Três horas mais tarde, Lauren voltou para casa trazendo um *top cropped*, um vestido curto de cetim, um casaco de camurça, um par de botas *Gucci*, uma echarpe de seda, duas calças jeans da J.Crow e um biquíni preto.

Sentada na beirada da cama, Lauren encarou seu reflexo no espelho da porta do armário. Ela deixou as sacolas que trouxe no chão do quarto, então, de repente, sentiu-se estranhamente triste. Foi então que começou a se questionar: o que havia feito? Ela não precisava de um biquíni novo, pois há anos que não frequentava a praia, muito menos uma piscina de clube. Ela também não precisava de calças jeans. Lauren achava que, por ter quadris largos, deveria usar apenas saias e vestidos. E que diabos ela iria fazer com um *top cropped*? Estava tudo errado, ela precisava devolver todas aquelas coisas imediatamente.

No quarto, Lauren escutou o som da porta da frente se fechando. Ela então se

desesperou. Penn estava em casa! Por alguma razão, ele havia voltado cedo do trabalho. Lauren agarrou todas as sacolas e enfiou-as dentro do armário. Se Penn visse suas aquisições, ficaria chateado e começaria a dizer que ela só sabia gastar, enquanto ele se matava de trabalhar. Embora Penn nunca tivesse achado ruim que Lauren fizesse compras, uma vez ou outra, dentro da cabeça dela, ele iria se chatear.

Lauren foi ao encontro de Penn. Ele estava sentado no sofá, a cabeça baixa e os pés juntos. Parecia concentrado em alguma coisa.

– Oi, o quê...

Penn ergueu a cabeça e Lauren viu que ele andava chorando.

– O que aconteceu? – Ela se aproximou e sentou-se ao lado dele no sofá.

– O estado do meu pai se agravou e ele... ele morreu.

Lauren abraçou Penn. Então, em solidariedade ao amado, ela começou a chorar.

– Eu sei o quanto você gostava do meu pai. – Penn começou a consolar Lauren.

Ele achava que ela estava chorando por conta da triste realidade que acabara de acertá-los, afinal Lauren e o Sr. Finch sempre se deram bem. Mas a verdade é que ela estava chorando porque, naquele exato momento, havia percebido algo: tinha comprado um vestido vermelho, sendo que odiava esta cor.

Naquela noite, Lauren interpretou a noiva perfeita, ela confortou Penn até que ele pegasse no sono. Quando ele acordou, ela havia preparado chá de camomila. Enquanto Penn estava dormindo, Lauren conversou com a mãe dele pelo telefone. Ela disse coisas gentis e que estava à disposição para o que a Sra. Finch precisasse. Em seguida ela ligou para a irmã de Penn, Ashley, e foi igualmente atenciosa com ela.

Lauren era assim: na maior parte do tempo, ela não sabia o que estava fazendo e nem por que agia daquele modo. As coisas em sua cabeça mudavam em um piscar de olhos. Quando não era muito amorosa, era suficientemente distante. Ela queria ser ouvida, mas não sabia como *fazer* para ser ouvida, por isso, às

vezes, ela agia sem pensar. Embora não fosse a mesma de anos atrás, Lauren ainda amava com intensidade e, como tal, ela também sentia a necessidade de proteger as pessoas que amava. Ela podia gostar e desgostar de alguém de uma hora para outra, mas deixar um ente querido na mão não fazia parte de quem ela era. E, por isso, ela era especial.

Deitada na cama, tarde da noite, Lauren observou Penn enquanto ele dormia. Então, pela primeira vez após vários dias sem pensar nesse assunto, ela voltou ao x da questão. Ou melhor, neste caso, ao c da questão: casamento. Durante dois dias seguidos, Lauren recebeu ligações de parentes e amigos de sua família. Todos queriam falar sobre a mesma coisa: o fato de estarem orgulhosos por ela estar se casando com um rapaz bem-sucedido como Penn. Ela tinha que se forçar a dizer: “obrigada, eu estou feliz”, quando na verdade ela não estava grata e muito menos feliz.

Ela se sentia mal por pensar nisso, sabendo que o sogro havia morrido horas atrás. Mas ela também não conseguia não pensar. Lauren não queria duvidar dos sentimentos de Penn, principalmente naquele momento, mas, por mais que tentasse desviar sua atenção e pensar em qualquer outra coisa, uma vozinha começava a zombar dela em sua cabeça. *Ele nunca vai se casar com você, ele só está esperando você fazer merda para poder cair fora. Fique atenta.*

Lauren sabia que aquilo era verdade.

Emily

Na noite de ontem Emily, voltou a sintonizar o Berto no programa da Marina Bijoux. Depois que as garotas foram embora, ela deu uma arrumada na sala e depois lavou a louça. Em seguida ela tomou um banho, com direito a sais.

Depois que se aprontou para dormir, ela deitou na cama e voltou a encarar o teto. Sabia que o programa *Broken Hearts Club* estava prestes a começar, mas, por alguma razão, hesitou antes de ligar o Berto. Depois de se certificar que estava provavelmente ficando paranoica, ela ligou o rádio.

MARINA BIJOUX: Noite de sexta-feira aqui no BHC. Eu sou Marina Bijoux, a anfitriã de vocês. Será que terei companhia nesta noite ou serei deixada ao léu? Não sei, vamos ver, me ligue, o número é 800-353-1311. Alôzinho?

TADD: Oi, Marina. Aqui é o Tadd.

MARINA BIJOUX: Tadd, por que eu tenho a impressão de que você está triste? Ah, eu ia me esquecendo. Boa noite!

TADD: Pra você também. Ah, então, como você sabe, Marina, o meu encontro com a garçonete rolou no início dessa noite. Foi tudo muito bom, eu não fiz nenhum comentário idiota e achei que ela estivesse se divertindo. Bem, até que ela conheceu outra cara... no meio do filme. Eu me virei para perguntar se ela queria mais pipoca amanteigada e me deparei com ela conversando com esse outro cara. Ela nem escutou quando eu tossi e perguntei se ela queria comer mais.

MARINA BIJOUX: Ah, Tadd, eu sinto muito! Você é um cara muito legal, não merecia passar por isso. Quer saber? Foi a garota quem saiu perdendo.

TADD: Obrigado, Marina. Você é gentil.

MARINA BIJOUX: Querido, eu sou muito verdadeira, isso sim.

TADD: Como é que você sempre diz?

MARINA: Insistir, persistir e nunca desistir.

TADD: Obrigado mesmo.

MARINA: Não tem de quê. Próximo ouvinte, você está no ar.

GIGI: Olá. Aqui é a Gigi.

MARINA: Oi! Diga lá, Gigi.

GIGI: Marina, não me leve a mal, mas hoje eu não quero falar com você, eu quero falar com o Tadd. Eu tenho um recado para ele.

MARINA: Bem, fique à vontade. *Mi radio es tu radio.*

GIGI: Tadd, escute bem. Encontrar o chinelo velho para o nosso pé cansado não é uma tarefa fácil, eu digo isso por experiência própria. Antes de encontrar o meu Conrad – que Deus o tenha – eu tive que beijar uma porção de sapos, que no final não passaram disso, de sapos. Eu estava começando a acreditar que o amor não era pra mim, quando conheci Conrad, Então, de repente, como em um passe de mágica, ele me mostrou o que era ser amada. Ah, e nós nos amamos! E como nos amamos! O que eu quero dizer é: não entregue os pontos tão facilmente.

MARINA: Você ouviu isso, Tadd? Eu concordo com a Gigi.

GIGI: Obrigada, Marina e boa noite a todos.

MARINA: Próximo ouvinte. Com quem eu falo?

OUVINTE Nº 3: Gibbs falando.

MARINA: Ora, quem é vivo sempre aparece!

GIBBS: Cuidado, Marina, senão eu vou me sentir importante.

MARINA: (risos). Você sabe que é importante. Então, o que tá pegando?

GIBBS: Comigo? Nada demais. Estou ligando para prestar apoio ao meu camarada Tadd. Todos sabem que eu não sou bom com as palavras, por isso eu quero dedicar uma música para ele. Eu sempre escuto essa música quando nada dá certo, quando eu sinto que as coisas estão desmoronando, e no final eu sei que tudo não passou de um dia ruim. Isso me faz acreditar que o dia seguinte será melhor.

MARINA: Você ouviu isso, Tadd? Todos estamos torcendo por você. Qual é a música, Gibbs?

GIBBS: Bad Day, do Daniel Powter.

MARINA: Obrigada pela sua participação, Gibbs. Tadd, essa é pra você.

Como da outra vez, enquanto a música rolava, Emily começou a organizar seus pensamentos. O BHC era exatamente o que o nome dizia, um clube para os corações partidos. Era um lugar onde eles sabiam que seriam ouvidos, um lugar

onde as pessoas compartilhavam experiências pessoais e ao mesmo tempo aconselhavam aqueles que aparentavam querer jogar a toalha. No meio disso tinha a locutora, Marina Bijoux, que era uma espécie de terapeuta para os corações partidos. E claro, também havia o Berto, o aparelho de rádio que misteriosamente foi parar nas mãos de Emily e que se auto-intitulava um mecânico de corações partidos. Poucas coisas faziam sentido naquele momento, mas Emily começou a entender o porquê de ter recebido o Berto: Aaron havia partido seu coração. Ela o amou e foi fiel a ele, enquanto ele fez exatamente o contrário do que recebia de Emily. Por isso, de alguma forma, ela acabou encontrando o Berto, ou ele a encontrou. Enfim, o caso é que, quem quer que tenha mandado o aparelho de rádio para Emily, sabia que ela precisava ouvir uns bons conselhos. Sabia também que ela precisava reorganizar seus pensamentos e, acima de tudo, sabia que ela estava prestes a desistir do amor.

Era bom ter alguém com quem conversar, principalmente durante uma fase difícil. Emily sabia muito bem disso e era justamente para isso que servia o BHC. Naquela noite, antes de dormir, Emily concluiu que o Berto viria a calhar.

Sempre que acordava cedo em um sábado, Emily repreendia a si mesma e, em seguida, voltava a dormir. Mas, naquela manhã, não se obrigou a isso. Ela resolveu fazer algo que não fazia há muito tempo: correr pelo Central Park.

Correr ajudava Emily a colocar os pensamentos em ordem e, principalmente, a tomar decisões importantes. Por isto, logo cedo ela se juntou aos outros corredores no parque. Armada com o celular e os fones de ouvido, começou a correr. Ela precisava encontrar um novo emprego. Não que houvesse algo de errado em trabalhar na Revista *Glam*, longe disso, o problema era com Emily: ela queria evoluir profissionalmente. No início ela tinha um plano: assim que começou a trabalhar, escrevendo a coluna *Lifestyle*, Emily trabalharia na *Glam* por dois anos, para adquirir experiência, depois se candidataria a vagas de empregos nos jornais Post, Times, Wall Street Journal, Daily News e Newsday. Emily lutou por uma vaga em todos esses jornais e em outros de pequeno porte, mas, infelizmente, seu plano não saiu como o esperado. Nenhum jornal estava

contratando, alguns até estavam demitindo o pessoal. Por isso, Emily teve que se manter firme e forte exatamente onde estava. Com o passar do tempo, ela se acostumou à rotina de uma revista de moda e, embora tenha se adaptado a escrever sobre quem são os estilistas do momento e o que usar no verão, ela ainda sentia que seu sonho de garotinha, que era levar as notícias para toda a população, queimava dentro de si.

A outra *coisa* que Emily precisava resolver se chamava Jimmy. Por mais que ela tentasse fingir, estava sendo um inferno ter que se manter afastada dele. E ambos sabiam que estava sendo igualmente difícil para Jimmy se manter afastado de Emily. Mas, infelizmente, àquela altura do campeonato, não havia alguém a quem culpar. Jimmy havia seguido seus instintos e aberto seu coração. Infelizmente, Emily não estava na mesma sintonia que o amigo. Ela sabia que Jimmy também não a culpava, afinal de contas, não se pode exigir o amor de outra pessoa. Jimmy não estava irritado com Emily, ele estava irritado consigo mesmo. Na verdade, estava mais envergonhado do que irritado. Ele sabia que não poderia simplesmente colocar uma pedra sobre o caso e seguir em frente, as coisas eram mais complicadas do que isso. Talvez, quem sabe, se ele conseguisse esconder a vergonha que sentia embaixo de uma montanha, por algum tempo, tipo, para sempre, só talvez, as coisas pudessem voltar a ser como eram antes. Mas Emily conhecia Jimmy muito bem para saber que isso de nada adiantaria. Até aquele momento, esse problema permaneceria sem solução, pois Emily sabia que não poderia dar o que ele queria.

Uma hora depois, suada e cansada, Emily voltou para casa. Assim que abriu a porta, o celular vibrou em sua mão, informando que ela havia recebido um novo e-mail.

De: francephillips@phillipsgroup.com

Para: emilymitchel@editorialglam.com

Assunto: Almoço.

Querida Emily, bom dia!

Eu procurei você durante a minha festa no início da semana, mas Maryanne me informou que você não estava se sentindo bem e que por isso foi embora sem se despedir. Como você está? Espero que esteja bem. Quero convidá-la para almoçar comigo hoje. Na verdade, isto é uma intimação. Você e eu precisamos discutir um assunto muito importante, relacionado ao seu futuro. Talvez, se você ouvir o meu ponto de vista, mude de ideia. Assim eu espero.

12h30, restaurante The Park.

Atenciosamente,
Frances.

Droga! Emily pensou. *Lá se vai a esfoliação nos pés que eu havia agendado para o meio-dia.*

O conteúdo do e-mail deixou Emily inquieta até a hora do encontro. Frances queria discutir o futuro dela, isso era bom, mas ao mesmo tempo era assustador. Ela era uma mulher de contatos, o Grupo Phillips era conhecido internacionalmente. Se Frances resolvesse dar uma mãozinha a Emily, em menos de dois tempos ela estaria tendo uma conversa com o editor-chefe do Washington Post. Ela sabia o quanto Emily desejava progredir profissionalmente, então talvez as coisas dessem certo dali por diante.

Como de costume, Frances já estava esperando Emily quando ela entrou no restaurante. O local estava cheio, a senhora havia reservado uma mesa no meio do salão. Emily começou a sentir que aquela conversa era *mesmo* importante.

– Emily! Como você vai? – Frances se levantou para recebê-la.

– Vou bem, obrigada. Ah, e agradeço também pelo convite. – Emily puxou uma cadeira e se sentou.

– Não por isso. Nós, garotas, precisamos ficar unidas. Você não acha?

– Absolutamente.

Ok. Até ali, tudo estava indo como Emily havia imaginado.

Frances pediu uma garrafa de vinho branco. Aparentemente, ela queria, além de conversar com Emily, comemorar com ela também. Emily pediu salada de batata e risoto de frango. Supostamente, Frances estava sem fome, pois ela se conteve em pedir uma salada grega.

– Eu estou tentando manter a forma – explicou.

– Você está brincando? Frances, você tem o corpo de uma modelo! – O que, apesar de um pouco exagerado, não era exatamente uma mentira.

– Gentileza sua dizer isso. – Frances tomou um gole de vinho. – Emily, eu vou direito ao ponto. Quando eu disse que queria discutir o seu futuro, eu não estava mentindo. Acho que precisamos falar abertamente sobre Aaron e o rela...

Assim que ouviu o nome de Aaron ser mencionado, Emily parou de comer a salada de batata e deixou o garfo de lado.

– Ah, me desculpe interrompê-la, Frances. Mas você disse que queria falar sobre o meu futuro, estou certa?

– Sim.

– Então... não me leve a mal, mas por que você está falando do Aaron?

– É isso que estou querendo dizer, querida. Aaron é o seu futuro.

Normalmente, Emily perguntaria: *você está gozando com a minha cara?* Mas ela sabia que Frances não brincava, principalmente quando o assunto era sua família.

Talvez as coisas dessem certo dali por diante.

Não, não dariam certo.

– Emily, eu estou ciente do que aconteceu entre você e o meu neto. Ele me contou. Na verdade, ele nem precisou, eu já esperava que algo *assim* acontecesse.

Era oficial. Emily estava sem fome e começando a se sentir enjoada.

– E com “algo assim” você quer dizer que Aaron basicamente me traiu com todas as garotas que a vista podia alcançar?

– Emily, por favor, não vamos ser dramáticas. Você e eu somos duas mulheres adultas. Por isto, aja com tal. – *Eu estou sendo repreendida?* Emily se perguntou. *Eu não cancelei a minha esfoliação nos pés para isso.*

– Peço que me desculpe, Frances, mas eu estou meio confusa. Quero que me diga: como devo agir?

Frances deixou a salada de lado e, em seguida, limpou os cantos da boca. Só depois ela resolveu responder a pergunta de Emily.

– Bem, primeiramente, você deve perdoá-lo. Diga que você o entende, que você sabe que as outras garotas não passam de diversão e, o mais importante, diga que você sabe o quanto ele a ama. Em seguida, aceite se casar com ele. Aaron está pronto e eu sei que você, assim como eu e a mãe dele, após essa conversa, também estará pronta.

Emily já não estava entendendo mais nada. Parecia até que ela era adolescente de novo e estava no meio da aula de Matemática, onde tudo o que ela conseguia entender era um monte de nada.

– Aaron não é perfeito. O avô dele não era. Peter, o pai de Aaron, está longe de ser. Mas, você quer saber o que os três têm em comum? – Emily não se atreveria a perguntar, por isso Frances continuou. – Ambos nasceram para atingir a grandeza. Meu avô e meu pai construíram a empresa da nossa família com as próprias mãos. Depois que ambos morreram, foi a vez do meu marido Charles assumir os negócios. Ele trabalhou duro e elevou o sobrenome Phillips a um novo patamar. Quando ele não podia mais trabalhar, o nosso filho Peter ficou à frente da empresa. Todos diziam que ele não conseguiria dar conta de recado, mas ele provou o contrário. Em breve ele irá se aposentar, e claro, Aaron assumirá a presidência do Grupo Phillips. Mas, para isso, ele precisa ter você ao lado dele.

–Diga-me: por que exatamente Aaron precisa de mim?

– Emily, cada geração dos homens Phillips teve uma bela mulher a tiracolo. Esse é o segredo: não basta apenas ser inteligente e forte, os homens de minha família precisam ter uma mulher decidida e dedicada como companheira. E essa,

minha querida, é a sua chance.

– Minha chance de quê? De fingir que eu sou feliz com meu marido traidor, quando eu não sou? Ah, não, obrigada, mas eu dispenso. Essa é a minha chance de fingir que Aaron e eu formamos o casal perfeito, quando ele não consegue se concentrar dois minutos em mim, sem procurar outro rabo da saia? Mais uma vez, obrigada, mas, não.

Parecia que Frances havia levado um tapa na cara. Certamente, ela nunca havia escutado um não como resposta, depois que se tornou a proeminente Sra. Phillips.

– Frances, deixe-me perguntar uma coisa: você e a mãe de Aaron tiveram que conviver com a infidelidade dos seus maridos? Eu sempre ouvi rumores que o pai de Aaron gostava de dar umas escapadinhas, mas eu sempre achei que isso fosse invenção da mídia. Ela tem que aguentar calada, e você também suportou. Por quê? Por status? Pelo privilégio de ser a senhora Phillips?

– Emily, não diga o que você não sabe. – A verdade estava estampada no rosto de Frances.

– É por isso que você dedica vinte e quatro horas do seu tempo em causas comunitárias, não é? Para não ter que pensar no seu marido, que não passou de um grande traidor.

– Emily, já chega. – Frances não gritou, nem levantou a voz. Impressionantemente, ela conseguiu manter a calma.

– E também é por isso que a mãe de Aaron vive estourando seus cartões de crédito. Ela compra sem parar, enquanto o marido a engana.

– Emily, eu estou lhe avisando, é melhor parar.

– Perdoe o meu linguajar, Frances. Mas nem *fodendo* eu aceito viver esse tipo de vida. Aliás, que vida? Enquanto Aaron vive pulando a cerca, eu devo fazer o quê? Comprar sapatos, iniciar uma coleção de bolsas? Acho que eu devo escolher o meu novo “*hobby*”, não é? – Emily usou aspas para aumentar a dramaticidade do momento. – Não importa o que eu fizer depois que Aaron e eu nos casarmos. Na verdade, o que eu devo fazer é ignorar sempre que ele voltar

pra casa com o cheiro do perfume de outra mulher, ou pior, com uma marca de batom no colarinho. *Uau*, essa é mesmo uma proposta tentadora. – Emily deixou o guardanapo em cima da mesa, empurrou a cadeira para trás e se levantou. – Veja a minha resposta enquanto eu caminho, me afasto, e felizmente, me distancio.

No final, o almoço não havia sido um completo desastre. Emily tinha cortado, de uma vez por todas, qualquer laço com a família Phillips.

Ela agora entendia. Frances Phillips ocupou-se a vida toda em organizar eventos de caridade, não por ser uma boa samaritana, mas para não ter que lidar com os vários casos que o marido tivera ao longo da vida. A mãe de Aaron não era uma megera e compradora compulsiva à toa. Quando era jovem e sem muita perspectiva de futuro, a Sra. Phillips escutou as mesmas palavras que Emily escutou de Frances. Diferente de Emily, ela aceitou se casar com o pai de Aaron e fazer de conta que ele nunca a traíra na vida.

Enquanto caminhava pela calçada, Emily teve um vislumbre de como seria sua vida caso resolvesse dar a Aaron uma segunda chance.

Logo após se casarem, ele iria pedir que ela largasse o emprego. Ele viria com uma conversa fiada que, agora que ela era a nova Sra. Phillips, não precisava mais trabalhar para viver. Tudo o que ela precisava fazer, dali por diante, era cuidar do bem-estar do seu maridinho. Um ano depois, ela iria engravidar e seria obrigada a se afastar da revista. Embora planejasse voltar a trabalhar no futuro, isso não iria acontecer, não enquanto ela fosse Emily Phillips. Dali por diante, assim como Frances e a mãe de Aaron, e provavelmente todas as mulheres da família Phillips, ela se resumiria em ser mãe e esposa, nada mais. Enquanto isso, ela começaria a ter aulas de jardinagem. Não porque estivesse fascinada com a profissão de jardineira, nada disso. Pelo contrário, enquanto estudava jardinagem, Emily não precisaria lidar com o fato de saber que Aaron tinha um caso com a secretária ou que ele era membro assíduo de um site para encontros na internet.

Felizmente, a história de Emily seguiu um percurso totalmente diferente do

esperado.

Ela não voltou para casa. De alguma maneira, Emily havia entrado no pique de um dia de trabalho. Ao invés de ir para casa, ela foi para a revista. Arlene, a editora-chefe, não trabalhava aos sábados. Na verdade, mais da metade da equipe não trabalhava neste dia. Os únicos que perambulavam pelo prédio eram aqueles que estavam com artigos atrasados e com afazeres fora de ordem. Emily não era um caso desses, nem outro, mas ainda assim ela fez questão de procurar o que fazer até o final da tarde.

Foi uma perda de tempo. Ela não tinha artigos inacabados, nenhum texto para ser revisado. Em determinado momento, após procurar sobre o que escrever e não encontrar, Emily abriu um documento em branco e começou a bater no teclado, enquanto digitava “VÁ PRA CASA!!!”. Essa, sem dúvidas, foi sua melhor ideia.

Ela desligou o computador, pegou sua bolsa e se levantou para ir embora. Então, viu quando Jimmy entrou na cozinha do escritório. É claro que ele estava trabalhando, Jimmy achava que a melhor maneira de ignorar um problema era afogar-se no trabalho. Ultimamente, ele vinha trabalhando pra burro, às vezes até no sábado.

Não, não faça isso. Emily disse para si mesma. Ele precisa de tempo, então, dê tempo. Ah, eu estou com sede. Onde posso curar isso? Na cozinha, claro. Não, não, você não está com sede. Bem, talvez só com um pouquinho.

Jimmy estava tomando sua segunda xícara de café quando Emily entrou na cozinha. Era estranho vê-la ali, não porque fosse incomum ver Emily nesse local, mas sim porque era sábado. Ela era muito organizada, fazia questão de não deixar trabalho pendente, por isso Jimmy achou estranho.

– Não me diga que você também está fazendo hora extra. – Para a surpresa de Emily, Jimmy foi o primeiro a falar.

– Não, eu só estou aqui dando uma olhada nas crianças.

O bom e velho humor de antes, Jimmy sentia falta disso. Emily abriu a geladeira e pegou uma garrafinha d’água. Ela tomou um gole e em seguida

cuspiu a água na parede próxima.

– Água com gás, *urgh!* – Emily secou os lábios com a parte de trás da mão. – Eu preciso mesmo começar a ler os rótulos dos produtos.

– Não que eu já não tenha dito isso antes, mas...

– Se você disser: eu te avisei, eu vou jogar essa garrafa em você, eu prometo.

– Emily não estava sendo má, ela estava sendo apenas a Emily de antes... de antes de ela e Jimmy se tratarem como meros conhecidos.

– Eu não iria dizer isso. – Jimmy sorriu.

– Iria sim, eu sei. – Emily devolveu a garrafa de água com gás para a geladeira e pegou outra, desta vez se certificando de que era a certa. – O que você está fazendo aqui?

– Eu vim transferir algumas fotos da minha câmera para o computador.

– Você poderia ter feito isso na segunda-feira.

– Sim, eu poderia, mas antes disso talvez a minha câmera pifasse. Possivelmente eu poderia perder o cartão de memória, onde guardo as fotos, ou, quem sabe, alguém poderia roubar a minha câmera, e até...

– Eu já saquei, Jimmy, você é a pessoa mais prevenida do mundo. Que ótimo para você.

Emily sempre tirava sarro da cara de Jimmy, com relação à “prevenção demasiada” que ele tinha com qualquer coisa que fosse de sua responsabilidade. Ela dizia que Jimmy era tão prevenido, mas tão prevenido, que ele só conseguia transar se estivesse usando duas camisinhas.

– Você quer dar uma olhada nas fotos? – Jimmy perguntou.

Aquilo era novidade. Eles estavam no mesmo local há quase três minutos e Jimmy ainda não havia arrumado um pretexto para sair. Se dependesse de Emily, isso não mudaria nunca.

– Claro. – Emily tentou soar casual, mas, por dentro, ela estava animada. Era quase como se eles tivessem voltando a ser como antes.

Emily seguiu Jimmy até a sala dele. Ele se sentou na cadeira e ela postou-se atrás, observando a tela do computador por cima do seu ombro. Jimmy acessou

algumas pastas de arquivos, até encontrar um documento que fora nomeado com a data do dia anterior.

– Arlene pediu, na verdade, ela ordenou que eu encontrasse o local perfeito para a sessão de fotos que vai sair junto com o artigo de moda urbana. Eu conheço o lugar ideal, me diz o que você acha.

Jimmy ativou o modo apresentação de slides e as fotos começaram a aparecer na tela sem precisarem de ajuda.

Emily prestou atenção em cada foto que foi exibida no monitor. As cores vivas dos desenhos grafitados nas paredes das ruas de Nova York captaram sua atenção. A genialidade, a originalidade da obra lhe fez pensar que a cidade estava cheia de artistas talentosos que, infelizmente, eram, muitas vezes, desconhecidos. As fotos que Jimmy tirou não mostravam apenas desenhos nas paredes, elas exibiam sentimentos. Cada desenho significava algo diferente: uma declaração, uma crítica, simples entretenimento. Porém, a última foto foi, sem sombra de dúvidas, a quem mais chamou a atenção de Emily: um casal, aos beijos, foi retratado em cores chamativas. Não parecia ser um beijo de despedida, muito menos um beijo dado no dia a dia. Emily sabia que aquele beijo retratava a pura paixão do homem por uma mulher. A explosão de cores ao redor do desenho deixava isso bem claro. Parecia que, quando eles estavam juntos, todas as peças se encaixavam.

Naquele momento, Emily só conseguia pensar em uma coisa: em um beijo que foi dado, tarde da noite, naquele mesmo prédio onde ela e Jimmy estavam naquele momento. Sem saber, a garota foi tomada nos braços pelo seu melhor amigo e, nem em um milhão de anos, ela sonharia que ele desejava beijá-la, que ele ansiava pelo momento certo para dizer o que sentia. Então, naquela noite, ele viu algo no olhar da garota que o fez tomar o impulso de beijá-la e em seguida revelar seus sentimentos. O momento que se sucedeu ao beijo arruinou o anterior, mas, ainda assim, era nisso que Emily estava pensando. Dentro de sua cabeça, ela viajou e pousou exatamente no momento em que Jimmy a beijava.

– Então, o que você acha? – Jimmy perguntou.

– Eu... – Por um momento, Emily perdeu as palavras. Ela desviou o olhar e encarou Jimmy. Então ela soube que ele também revivera o momento que os dois tiveram quando tirou aquela foto. – Eu preciso ir.

E foi o que Emily fez: ela fugiu.

Lauren

O sepultamento do pai de Penn aconteceu na manhã de sábado, no cemitério Green-Wood. O Sr. Finch foi um homem muito querido e respeitado, por isso todos que o conheceram apareceram para prestar uma última homenagem. Lauren permaneceu firme ao lado de Penn durante toda a cerimônia. Ela não falou com ninguém, exceto quando se dirigiam a ela. Sempre que Penn precisava de um aperto de mão forte, Lauren estava lá para consolá-lo. Quando a Sra. Finch ficou sem lenços de papel, Lauren fez questão de comprar mais. No final, ela foi o modelo perfeito de noiva.

Lauren soube, naquele dia, o quanto a Sra. Finch amava o marido. Ela viu o quanto a mulher estava desolada. A viúva havia perdido seu porto seguro, seu alicerce. Dali por diante, seriam só ela e as lembranças dos momentos que viveu ao lado do marido. Então Lauren começou a se perguntar se sentiria o mesmo que a Sra. Finch estava sentindo, caso Penn morresse amanhã. Ela o amava, isso era fato. Penn foi um dos poucos caras que Lauren conheceu que a trataram com respeito, mas, ainda assim, ela sentia que algo estava faltando. Eles já viviam juntos e, de certa forma, já até haviam construído uma vida em casal. Mesmo deixando o assunto casamento adiado de lado, Lauren não conseguiu identificar o que faltava para que a vida dos dois como um casal fosse perfeita. Por um momento, ela se questionou se Penn era de fato seu porto seguro, seu alicerce. Assim que soube a resposta, Lauren mordeu o lábio inferior com tanta força que acabou sentindo gosto de sangue na boca.

Ela estava pensando besteira, pois Penn era o homem de sua vida e sempre seria. Eles se completavam, ele era o queijo e ela, a goiabada. Ou talvez fosse o contrário, mas, ainda assim, não havia motivos para duvidar do amor de Penn.

Naquela noite, o homem da vida de Lauren anunciou que iria dormir na casa dos pais, para fazer companhia à mãe de luto. Aparentemente, a Sra. Finch

sentia-se sozinha em uma casa com doze empregados. Lauren foi pega de surpresa: ela estava pronta para ser o ombro amigo do seu amado, quando na verdade ele preferia dormir na casa dos pais, sem ela. Ênfase no *sem ela*.

– Não, não vá. – Lauren agarrou o braço do noivo, quando ele estava prestes a sair. – Deixe-me ajudá-lo.

Penn encarou Lauren com os olhos marejados, pois ele nunca a vira antes com tanta determinação. Ela era a mulher querendo zelar pelo seu homem. Ele então fechou a porta e permitiu que Lauren o guiasse até a cama. Eles se deitaram e encontraram aconchego no conforto de sua casa. Enquanto Penn chorava baixinho, Lauren o embalou feito um bebê. Ela deu amor e ele recebeu.

É claro que não foi assim que aconteceu. O que houve, fora da cabeça de Lauren, foi:

– Não, não vá. – Lauren agarrou o braço do noivo quando ele estava prestes a sair. *Fale! Fale agora! Você sabe do que ele precisa ouvir.* – Não vá... sem o seu casaco. É frio à noite.

Penn pegou o casaco dentro do armário, deixou um beijo no topo da cabeça de Lauren e em seguida foi buscar conforto em outro lugar.

Merda! Merda! Merda! Merda! Lauren gritou mentalmente. Ela queria poder ajudar mais, mas, quando precisava dizer as palavras certas, elas sempre escapavam pelos fundos, como um pum.

Bem, se ela não poderia ser útil em casa, seria em outro lugar. Lauren tirou o vestido preto, que usou durante o enterro, e o jogou dentro do cesto de roupas sujas. Tomou uma chuveirada e em seguida procurou a roupa certa para ir trabalhar: uma blusa vermelha sem mangas, com um decote que fazia seus peitos gritarem “OLÁÁÁ!!!”, e uma calça jeans velha, que acentuava suas curvas.

Uma cantora de R&B estava se apresentando no pequeno palco no bar Coyote. Lauren se perguntou onde Pete, o barman gato e dono do estabelecimento, encontrava as atrações para se apresentarem para o público. Na primeira vez que Lauren estivera ali, um grupo de jazz estava tocando e, como naquela vez, os

clientes agora também aparentavam estar curtindo a atração. O Coyote era um bar pequeno, por isso fazia sentido que ali não tocasse música eletrônica.

– Boa noi...

– Você está despedida. – Pete foi curto e direto e, pela cara dele, Lauren soube que a demissão não era uma piada.

– O que foi que eu *já* fiz? – Lauren colocou a bolsa em cima do balcão e foi para o lado de Pete, atrás do móvel. Ele estava atendendo alguns clientes.

– Você chegou atrasada. – Pete encheu uma caneca com cerveja e a entregou a um homem careca.

– Eu sei. Sobre isso, eu estava no enterro do meu sogro.

Pete gargalhou e, em consequência, derramou um pouco de cerveja sobre o balcão. Ele só parou de rir quando se deu conta de que Lauren não estava dando uma desculpa esfarrapada.

– Merda, é mesmo verdade? – Pete franziu a testa.

– Que eu caia mortinha nesse chão, caso não seja verdade. – Lauren bateu duas vezes, com força, com o pé no chão do bar.

– Com licença. – Uma garota com tranças rastafári se aproximou do balcão, quando Pete estava prestes a dizer algo. – Eu quero um pisco *punch*.

– Você sabe fazer um desses? – Pete perguntou.

– Por favor. – Lauren inflou o peito e soou cheia de si. – É fácil como tirar doce de um bebê. Não que eu tenha o hábito de fazer isso.

Pete sorriu.

Lauren começou a fatiar um abacaxi.

Conforme a noite prosseguia, ela sentia-se estranhamente confortável por estar simplesmente preparando drinques e servindo bebidas. Lauren não conseguia se lembrar de quando se sentiu confortável pela última vez em um ambiente de trabalho. Tecnicamente, o Coyote era um bar, mas, ainda assim, era ali que trabalhava e, apesar de ter de lidar com clientes chatos vez ou outra, não sentiu necessidade de atirar garrafas neles. Ela segurou a barra.

Por um momento, ela se perguntou o que Penn diria se soubesse que

agora ela trabalhava como *barwoman* em um bar em Cobble Hill. Assim que imaginou a reação dele, Lauren se retraiu. Nem em um mundo de faz de conta, Penn ficaria feliz ao saber que a noiva agora preparava drinques e recebia gorjetas. Ele diria que não estava à altura de Lauren preparar bebidas para outras pessoas. Isso era reflexo da criação que ele teve.

Lauren balançou a cabeça e mandou a voz repreendedora de Penn para o quinto dos infernos. Ele não sabia o que ela estava fazendo e, se tinha uma coisa em que Lauren era boa, além de preparar drinques, era esconder as coisas dos outros.

Pete estava impressionado com a precisão com que Lauren preparava as bebidas. Ele se achava o “rei da cocada preta” por conseguir preparar um *Mint Julep* mais ou menos digno de vez em quando, mas Lauren, por outro lado, não precisava ler nenhuma receita. Bastava o cliente dizer o nome do drink que queria e *voilà*, Lauren fazia o coquetel aparecer.

– Ei, gatinha. – Um homem careca e barrigudo estava falando com Lauren. De cara, ela não gostou dele. – Que tal você me servir uma dose de tequila e em seguida me dar o número do seu celular? – E, pra piorar, ele ainda deu uma piscadela.

Lauren exibiu um falso sorriso. Ela pegou um copinho e o pousou sobre a mesa, quase acertando de propósito a mão do careca inconveniente. Conforme pedido, ela serviu uma dose de tequila.

– Que tal fazermos o seguinte: eu sirvo a tequila e você me paga por ela. Daí, eu esqueço de que você entrou aqui, caminhando como se estivesse com um sabugo de milho preso no meio na bunda. Assim tá bom pra você?

O sorriso do homem sumiu rapidinho. Ele bebeu a dose que Lauren serviu em um gole só, pagou e se afastou do balcão.

– Você sabe se cuidar, hein? – Pete comentou.

– Uma garota *precisa* saber se cuidar. Senão, os idiotas vão acabar levando a melhor.

A cantora de R&B finalizou a música que estava cantando e foi ovacionada com uma salva de palmas. Em seguida, ela anunciou que faria uma pausa de dez minutos. Enquanto a cantora caminhava em direção ao bar, Lauren pôde analisá-la melhor. Ela tinha cabelo crespo, um rosto delgado e parecia que estava andando sobre as nuvens. Ela estava usando um vestido preto apertado e esbanjava carisma, o que só fez com que Lauren desejasse ser ela, pelo menos por uma noite. A artista parecia ser decidida, confiante e, claro, sexy pra caramba, tudo o que Lauren não era. Droga, ela nem conseguia ser totalmente sincera com Penn.

– Um *Dopocena* para mim, por favor. – A cantora sentou-se em uma das banquetas no balcão e Lauren notou que até a voz dela era doce.

– É pra já. – Ela começou a preparar o drinque.

– Eu tinha me esquecido de como você é boa, Corinne. – Pete começou a conversar com a cantora.

– Tinha, é? Bem, deixe-me lembrá-lo de *quão* boa eu sou. – Corinne se inclinou sobre o balcão, puxou Pete para perto e tascou-lhe um beijo na boca.

Lauren não conseguia se lembrar de quando havia sido espontânea pela última vez. Ela e Penn nunca haviam feito amor simplesmente porque era bom. Geralmente, e quase sempre, havia um motivo por trás de cada transa. Quando Penn estava no clima, quando ele se dava bem no trabalho e por aí vai. Ela nunca se permitiu surpreender, nunca sugeriu que eles fizessem sexo na banheira ou no chão da cozinha. Não era preciso ser um gênio pra saber a reação de Penn se um dia Lauren sugerisse tal coisa.

Algum tempo atrás, ela leu um artigo em uma revista que classificava dez motivos para fazer sexo após acordar. Lauren ficou fascinada pelo que leu e então bolou um plano. Na manhã seguinte, ela fez como sugeriu o texto: começou a beijar o abdômen de Penn, enquanto ele estava dormindo. Lauren estava certa de que não havia nada melhor para o homem do que acordar e perceber que estava recebendo uma chupada logo de manhã. Ele se irritou por ter

sido acordado às sete da manhã no domingo e Lauren não precisou escutar muito mais para saber que não haveria sexo naquela manhã, nem naquele dia.

Quando a guerra entre a língua de Corinne e a de Pete terminou, Lauren já havia preparado o drinque que a cantora pediu.

– Você sabe cantar Be Without You, da Mary J. Blige?

Corinne ignorou Lauren e pegou a bebida. Após tomar um gole, ela sorriu amistosamente.

– Garota, a próxima música vai pra você. – Após dizer isso, Corinne se afastou. Mas antes, ela encarou Pete e exibiu um sorriso sugestivo.

Pete começou a enxugar um copo que já estava seco.

– Então, ela é sua...? – Lauren ergueu uma sobrancelha.

– Quem? Corinne? – Pete estava se fazendo de desentendido. – Ela é só uma amiga.

– Graças a Deus eu só trabalho com você.

Pete gargalhou alto.

O expediente no bar encerrou às três da manhã e Lauren nunca havia preparado tantos drinques na vida. Antes de ir embora, ela pegou o celular para conferir se havia perdido alguma lição de Penn ou se ele havia enviando alguma mensagem. Nada de ligação, nada de mensagens. Pete chamou um táxi para a *barwoman*, ela se despediu e foi embora. Ele iria pra casa com Corinne, mas Lauren iria para casa sozinha e, pior que isso, *ficaria* sozinha em casa. Felizmente, o sono não demorou a chegar. Pelo menos assim, ela não se lembraria de que estava sozinha em casa. Na manhã seguinte, o celular de Lauren começou a tocar, em cima do travesseiro onde Penn costumava descansar a cabeça. Ela esticou o braço, tentando pegá-lo. Após conseguir, atendeu sem verificar quem estava ligando.

– Alô? – Disse, meio sonolenta.

– Oi, sou eu.

A voz de Penn foi como um balde de água gelada. Lauren abriu os olhos e depois se sentou na cama.

– Oi! Como está sua...

– Escute, Lauren, eu vou passar o dia de hoje aqui. A minha irmã foi embora ontem e mamãe ainda está muito abatida, ela precisa de mim. Você não se importa, não é?

– Não, de jeito nenhum. Diga a Sra. Finch que eu mandei lembranças.

– Eu direi. Obrigado por ser compreensiva, Lauren. Acho que nos vemos à noite.

Penn desligou antes que a noiva pudesse dizer tchau. Para não ter que pensar no que estava acontecendo, ela voltou a dormir.

Dois minutos depois, o celular de Lauren começou a tocar de novo. Sua mãe estava ligando dessa vez. Ela cogitou ignorar a ligação, mas sabia que, se fosse preciso, a mãe ligaria cem vezes seguidas, até falar com ela. Lauren respirou fundo e atendeu a chamada.

– Mãe, bom...

– Venha almoçar em casa hoje. O seu pai sente a sua falta, ele não vai sossegar enquanto não vir você em carne e osso.

Lauren esperou. Ela estava torcendo para que a mãe dissesse: eu também estou com saudade, mas ela sabia que isso não iria acontecer. Talvez em um universo paralelo, onde outra Lauren e sua mãe se dessem bem, mas esse universo ficava há anos-luz da realidade atual.

– Claro, eu adoraria.

As conversas entre Lauren e sua mãe não demoravam mais do que isso. Vez ou outra, Nancy Perkins se dava ao trabalho de perguntar como Lauren estava: se estava bem, se ela se alimentava direito. Mas essa conversa levaria ao tópico remédios e Lauren não queria falar sobre isso. Não agora, nem nunca.

– Ok. Tchau, Nancy.

– Lauren! Não me chame pelo... – Ela desligou na cara da mãe.

Era inútil voltar a dormir, principalmente quando sabia que iria se encontrar com os pais em poucas horas. Por isso ela afastou as cobertas, saiu da

cama e foi para o banheiro.

Lauren decidiu relaxar tomando um banho de banheira. Esse era um dos raros momentos em que o mundo poderia acabar e ela não estava nem aí.

Os pais de Lauren moravam na cobertura de um prédio no *Upper East Side*. Seu pai é Neil Pollard, um renomado neurocirurgião que agora curte a aposentadoria apostando em cavalos e jogando golfe. No passado, o trabalho de Nancy Perkins como artista plástica inspirou toda uma geração de novos artistas. Agora, ela é só mais um dondoca em Manhattan.

A porta do elevador se abriu e então Lauren se viu entrando em uma terra de solo sombrio, o lugar onde nunca seria boa o bastante e nunca superaria as expectativas. Esse lugar também era conhecido como o apartamento dos seus pais.

Sylvia, a empregada-quase-governanta, apareceu para receber Lauren. Tirando Neil Pollard, que é um amor de pessoa, ela era literalmente a única pessoa que não pertencia ao lado negro daquele apartamento.

Sylvia recebeu Lauren com um abraço.

– Menina, se eu não te conhecesse bem, diria que você prefere andar sobre fogo a vir aqui de vez em quando. – Lauren adorava seu jeito materno.

– Ah, *Syl-Syl*, você me conhece bem mesmo. – Lauren entregou a ela seu casaco e Sylvia o guardou no armário. – Então, onde estão o senhor e a senhora das trevas?

– Sua mãe está na outra sala. Seu pai, no escritório. Comporte-se, menina.

– E quando foi que eu não me comportei?

Sylvia fez o sinal da cruz.

Lauren caminhou sobre o tapete persa que cobria o chão da primeira sala. De um lado, ficava o enorme sofá branco. Do outro, um belíssimo piano de cauda que, se muito, fora usado cinco vezes desde que Nancy adicionou o instrumento à decoração do apartamento. O minibar do Sr. Pollard ficava ali perto, foi nele que ela preparou seus primeiros drinques. Claro que tudo era

escondido de Nancy.

A segunda sala, que, na concepção de Lauren, era um exagero (quem diabos precisa de duas salas em um apartamento?), só dava mais trabalho para quem ia limpar. A faxineira começava pela primeira sala e, quando se dava conta, já havia chegado a Nárnia. Tudo não passava de aparência. Se Nancy podia ter duas salas, e isso significasse deixar as outras mulheres com inveja, que assim fosse! Ela teria duas salas.

A cor da segunda sala, desde as paredes, passando pelos móveis, até o teto, variava entre bege e tons pastel. De acordo com Nancy, essas eram as cores do outono. E não importava que ainda estivessem na primavera, pois a aparência era o que contava.

Nancy estava sentada em um divã, com o notebook no colo. Ela não viu quando Lauren se aproximou. Talvez, só talvez, se ela se virasse sem fazer barulho e saísse dali de fininho, poderia escapar daquele almoço.

– Eu vejo você. – Nancy disse, no instante em que Lauren se virou para ir embora.

– Mãe! Oi!

Nancy ergueu o dedo indicador, pedindo para que Lauren aguardasse. Enquanto isso, ela continuou digitando freneticamente, depois parou e desligou o notebook.

– Atualizando seu status no Twitter? – Lauren perguntou.

– Por falar nisso, – Nancy se levantou e caminhou em direção a Lauren (dentro de sua cabeça, ela começou a escutar a música-tema do filme Tubarão) – você me bloqueou no *Instagram*?

Lauren tinha trinta seguidores e um deles era sua mãe. Vez ou outra, Nancy deixava comentários nas fotos da filha.

– Não, eu jamais faria isso! Você sabe como é a tecnologia.

– *Hmm*. Você não vai me cumprimentar?

– Onde eu estava com a cabeça? – Lauren deu um tapa na própria testa, depois se curvou em reverência. – Senhora, como vai?

– Ai, meu Deus do céu. – Nancy revirou os olhos. – Eu não sei porque ainda tento. Vem cá. – Lauren viu-se sendo abraçada pela mãe. – *Urgh!* Querida, seu cabelo está fedendo.

– Eu sei. Estou usando *shampoo* pra matar piolho.

– Sylvia, você estava certa. – Nancy falou alto. – Eu vou precisar daquelas aspirinas antes do previsto.

– Cadê o papai?

– No escritório.

Lauren passou pela mãe, que fez questão de cheirar seu cabelo de novo, uma última vez, antes de fazer cara de nojo.

Lauren entrou no escritório do pai, marchando feito um soldado. Ela até bateu continência antes de falar.

– Senhor general, me apresentando para o almoço.

– Você chegou. – Neil girou a cadeira. – Estranho, eu não ouvi a sua mãe gritando e nem a vi correndo pela casa. Lauren, o que você fez?

– *Shh!* Eu não conto se o senhor não contar.

Neil sorriu e se levantou para cumprimentar a filha. Ele lhe deu o bom e velho abraço de papai-urso e Lauren permitiu-se ser abraçada. O pai cheirava a alfazema, charuto e lar.

– Como você está, garota? Você tem se cuidado? – Lauren percebeu a preocupação no tom de voz de seu pai.

– Você me conhece, papai. Eu cuido de mim mesma desde que estava usando fraldas.

– Eu sei, mas...

– O almoço será servido, venham vocês dois. – Nancy interrompeu o que Neil estava prestes a dizer, mas Lauren sabia exatamente o que o pai diria. Era o de sempre, a mesma ladainha, o *tópico* infinito que sempre gerava discussão.

– Nós não vamos esperar por James? – Lauren perguntou.

James era o irmão mais velho de Lauren.

– Seu irmão não virá. – Nancy começou a explicar. – Ele está em casa,

adiantando o trabalho de amanhã. Esse meu filho é um exemplo de homem.

– Seu filho? – Neil ergueu uma sobrancelha.

– Sim. – Por dentro, Nancy estava se divertindo. – Venha, Neil e traga a *sua* filha.

Lauren adorava quando a mãe começava a destilar seu veneno. De alguma maneira, o humor ferino de Nancy a instigava a provocá-la mais e mais.

Neil e Lauren seguiram Nancy até a sala de jantar. Neil sentou-se em uma ponta e Nancy, na outra. Era o costume que os pais de Lauren tinham. Sua mãe dizia que pessoas importantes, como líderes e qualquer outra pessoa que possa mandar e desmandar, sentavam-se na ponta da mesa. Lauren achava que isso não passava de mais um conceito sem noção, que a mãe tinha o prazer de elaborar e compartilhar com os demais.

Seguindo o cronograma de Nancy, o primeiro prato que seria servido era a salada. Nem Lauren ou Neil tinham o direito de escolher o tipo que queriam, pois Nancy já havia feito previamente isso por eles.

Lauren ganhou a salada de pepino agri-doce; Neil, a de maionese; e Nancy ficou com a salada de grão-de-bico.

– Lauren, como está Penn?

– O pai dele acabou de morrer, mãe. Como você acha que ele está?

Nancy não percebeu a ironia na resposta de Lauren. Ou, se percebeu, resolveu ignorar, pelo bem da humanidade.

– Eu não sei. É por isso que estou perguntando.

– Ele está... arrasado. – Essa era a hipótese que Lauren tinha formulado. Infelizmente, Penn não havia se aberto com ela e provavelmente continuaria assim. Se Lauren quisesse saber, ela que adivinhasse.

– Calvin era um homem excepcional. – Neil comentou.

– Eu mandei uma coroa de flores no dia do enterro. Você acha que eles receberam?

– Sim, mãe, eu tenho quase certeza que sim.

– Você tem certeza, ou você não tem?

– Pai. – Lauren precisou ignorar a mãe. – Você assistiu ao último episódio de *Homeland*? Eu ainda não, portanto não me dê *spoilers*.

– Ok, eu já entendi. – Nancy limpou os cantos da boca com um guardanapo. – Você não quer mais falar sobre isso.

Os três voltaram suas atenções para as saladas.

– Você está trabalhando, Lauren? – Nancy terminou de comer a salada e em seguida matou o silêncio.

– Mãe, que tal se nós fizermos assim: você me faz uma pergunta a cada prato?

– Eu não sabia que precisava barganhar para poder conversar com a minha própria filha.

– Ah, então agora eu sou sua filha? – Lauren não se chateou com o comentário anterior da mãe, ela só estava fazendo isso para não perder o hábito.

– Lauren, por favor.

Em seguida, Sylvia entrou na sala e recolheu os pratos. Lauren mal tinha tocado em sua salada. O segundo item a ser servido era sopa de macarrão com carne e legumes. Para se sustentar e não reclamar, Lauren tomou um gole de vinho tinto.

– Você não respondeu a minha pergunta. – Nancy voltou a insistir.

– Querida, deixe Lauren em paz.

– Você não precisa defendê-la de mim, Neil. Eu não sou a vilã.

– Não é isso que eu estou...

– Pelo amor de Deus! Sim, eu estou trabalhando. Sou *barwoman* em um lugar chamado Coyote. Satisfeita, mãe?

Nancy pousou a colher sobre a sopa e encarou Lauren, atônita. Neil limpou a boca com o guardanapo e depois começou a desviar o olhar entre Nancy e Lauren.

– Tudo bem, eu já entendi. Você não está trabalhando, mas não precisava mentir e muito menos se exaltar. Você tem esse jeito sensível por ter convivido

demaís com a mãe do seu pai.

– Desculpe, querida, porém não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Culpe os meus ancestrais. – Neil tomou um gole de vinho tinto.

Quando Nancy concentrou-se na sopa, Lauren encarou o pai e ele gesticulou uma pergunta com a boca, sem emitir som: *you não está brincando?* Lauren cogitou contar uma mentirinha, para se livrar, mas ela respeitava demais o pai para enrolá-lo. Enquanto a mãe tomava a sopa, em silêncio, Lauren balançou a cabeça, afirmando que não. Neil sorriu. Essa era a única aprovação de que ela precisava.

– Lauren, eu vou precisar do meu vestido de volta.

– O quê? – ela deixou a colher cair sobre o prato.

– O meu vestido de casamento. Eu vou precisar dele de volta.

– Sim, mãe, eu já entendi. Mas por quê? Você está planejando se casar outra vez?

– Engraçadinha. Não. Quando eu tinha a sua idade, eu planejei me casar. Depois que fiz isso, eu aspirei permanecer casada e feliz. Aqui estou! – Por um momento, ela pareceu ser uma mulher diferente da Nancy que Lauren conhecia.

– Enfim, você e Penn adiaram o casamento. Estou certa?

– Sim. – Lauren disse entre dentes.

– E até onde eu sei, vocês ainda não marcaram uma nova data. Certo?

– Sim.

– Não me leve a mal, querida, mas o meu vestido é uma peça *vintage* Chanel, feita exclusivamente para mim. Por isso, eu irei dormir com mais tranquilidade se puder tê-lo de volta até... você sabe, você e Penn se desenrolarem.

Se até sua mãe tinha certeza de que eles nunca iriam se casar, quem era Lauren para duvidar de tamanha afirmação?

Era bom vir visitar os pais, ela precisava admitir. Em partes, era legal porque ela podia rever o pai. Eles agora não se viam com tanta frequência, mas, sem sombras de dúvidas, a outra parte do “bom de visitar os pais” era porque,

sempre que estava com eles, ela se lembrava do motivo pelo qual precisou sair imediatamente de debaixo das suas asas e voar para longe do ninho. Lauren era o passarinho sem sorte, que só recebia bicadas da mãe, enquanto ela alimentava o outro filhote com minhocas, o tempo todo.

Emily

Ouvir o programa de Marina Bijoux havia se tornado um hábito para Emily. Toda noite, faltando quinze minutos para a meia-noite, ela ligava o Berto, acomodava-se na cama e então a transmissão começava.

Emily chegou à conclusão que gostava do programa e, acima de tudo, de ouvir as ligações dos outros ouvintes. O mundo estava cheio de pessoas com os corações partidos e uma pequena porção delas sempre ligava para Marina quando queria desabafar. Emily gostava de ouvir as histórias dessas pessoas. No fundo ela achava que, escutando os outros falarem sobre os seus problemas, eventualmente ela encontraria a solução para o seu. Infelizmente, ainda não havia entendido o propósito do Berto.

Ela ligou o rádio no horário de sempre.

MARINA BIJOUX: BHC, boa noite! Eu sou Marina Bijoux e estamos aqui mais uma vez. Para quem apostava que eu não estaria, bem, chupa essa! Eu quero começar o programa de hoje de maneira diferente: vou recitar o trecho de uma música de Katy Perry. Nós aqui a amamos e, se você não a ama, então tem um problema. Enfim, abre aspas: *Jogue seus paus e suas pedras. Jogue suas bombas e seus golpes, mas você nunca destruirá a minha alma. Esta é a parte de mim que você nunca arrancará de mim*^[2], fecha aspas. É com esse incentivo que o programa de hoje se inicia. Será que já temos alguém na linha? *Alôzinho?*

OUVINTE Nº 1: Oi, Marina. Piper falando, se lembra de mim?

MARINA: Oi, garota! Há quanto tempo não nos falamos!? O que você tem feito?

PIPER: Nada de mais. Trabalhando feito uma louca, como sempre. Enfim, estou ligando porque tenho novidades.

MARINA: Eu adoro novidades! Desembucha.

PIPER: Como você sabe, há um ano meu marido me trocou por uma garota que ele conheceu no *Tinder*. Na época eu fiquei devastada, mas isso não é novidade. A parte boa é que eu me lembro de todos os conselhos maravilhosos que você me deu desde a primeira vez que eu liguei para cá. Eu não sabia na época, mas acabei perdendo um marido e ganhando uma amiga inestimável: você, Marina.

MARINA: Eu vou fingir que não estou chorando. Continue.

Piper: O tempo passa. Felizmente, ele passa. E, por mais que seus conselhos fossem contra tudo o que eu acreditava na época, as minhas feridas cicatrizaram. Ainda tenho lembranças, mas elas não me machucam mais. Eu conheci um cara, o nome dele é Jackson. Ele é lindo, atencioso e, felizmente, para mim, é bom de cama também! Como é que dizem? Acho que eu consegui virar o jogo!

MARINA: Conseguiu mesmo. Mas, me diga: como vão as coisas entre você e o Jackson?

PIPER: Ótimas, principalmente agora que ele me pediu em casamento.

MARINA: Garota, não brinca comigo. Eu sou cardíaca!

PIPER: Eu não estou brincando e nem mentindo. Realmente está acontecendo e não é com outra pessoa, é comigo!

MARINA: Olha, eu não quero me gabar, sabe? Mas, que eu disse, eu disse.

PIPER: Obrigada, Marina! Eu não sei como posso agradecê-la.

MARINA: Sua alegria é o meu pagamento. Divirta-se, Piper. Essa é a sua vida, portanto, ame sem medidas.

PIPER: Tem mais uma coisa. Eu sei que é incomum você deixar o primeiro ouvinte escolher a música da noite, mas eu estava pensando se...

MARINA: O que você quer ouvir?

PIPER: Isso pode soar meio psicótico, mas eu sinto que preciso agradecer ao meu ex-marido. Se não fosse por ele, eu nunca teria conhecido o Jackson! Por isso eu vou de *Best Thing I Never Had*, da Beyonce.

MARINA: Piper, garota, essa é para você.

Mesmo não conhecendo Piper, Emily ficou feliz pela garota. Enquanto a música tocava, ela refletia sobre o quanto era difícil para um coração partido recomeçar. Em um momento, a vida de Piper estava normal; no outro, o chão embaixo de seus pés sumiu. E pronto: dali por diante, ela teve que se levantar e caminhar com o que sobrou. Piper estava agora colhendo os frutos doces do seu recomeço.

Por um momento, Emily jurou que trabalhar ao lado de Jimmy, no dia seguinte, não seria mais estranho do que o comum, principalmente depois que ela meio que saiu correndo da sala dele. Pareceu até que Emily estava indo tirar o pai da força. Bem, se existia um nível superior de constrangimento a ser alcançado pelos dois, elevou-se quando eles entraram na van que Jimmy arrumara para levar seus equipamentos de fotografia até o apartamento da estilista Vera Gugino. Jimmy estava dirigindo e Emily foi sentada no banco ao lado dele. Ela olhava para todos os lados, exceto na direção onde Jimmy estava e ele fazia o que podia para não tirar os olhos da estrada.

O ar entre eles nunca estivera tão denso.

O único momento em que eles se falaram (bem, não exatamente) foi quando Emily esticou o braço para ligar o rádio da van. Jimmy havia pensado o mesmo, então seus dedos se tocaram no momento exato. Eles se olharam e, por um momento, não pareciam envergonhados na presença um do outro. Então Emily recuou e Jimmy balbuciou: escolha a música.

Ele estacionou a van em frente ao prédio onde Vera Gugino morava, em West Village. Emily cogitou abrir a porta e pular para fora o mais rápido possível, mas, antes de fazer isso, ela hesitou e resolveu dizer o que estava pensando.

– Eu odeio... isso. – Emily disse, Jimmy a encarou e ela fez o mesmo. – Nós, eu nos odeio neste momento. Eu me acostumei a falar com você todos os dias. E agora, que nós mal nos olhamos, eu sinto, no final do dia, que algo está

incompleto.

Jimmy não precisava dizer nada. Embora ele normalmente se abrisse com mais facilidade, não precisou falar, pois ambos sabiam que se sentia exatamente do mesmo jeito.

– Eu preciso te contar algo, antes que você saiba por outra pessoa. – Era a vez de Jimmy. – No final dessa semana, eu não irei mais trabalhar para a revista e nem para Arlene.

– O quê? – Por essa, Emily não esperava.

– Ofereceram para mim um emprego na *News Corp*.

Ela estava com os olhos vidrados em Jimmy, pois sabia o quanto aquilo significava para ele. Mais do que qualquer outra pessoa, sabia há quanto tempo Jimmy estava esperando por essa oportunidade.

– Você conseguiu.

– Pois é, consegui.

Emily o puxou para perto e o abraçou com força, estava feliz por ele. De todas as pessoas do mundo, Jimmy definitivamente se encaixava na categoria “pessoas que merecem ter seus sonhos realizados” e ele agora havia conseguido.

E então, aquele momento havia retornado novamente. Não havia palavras entre os dois, apenas olhares capazes de transmitir mais do que as palavras se dispunham. Jimmy se lembrava da sensação de ter Emily em seus braços; ela se recordava do toque dos braços fortes de Jimmy ao redor de seu corpo. E, como daquela vez, um beijo seria mais apropriado do que qualquer outra tentativa de comunicação.

– Ei, vocês dois. – Uma batida na janela, do lado de Emily, os obrigou a se afastar. Quem interrompera o momento foi Brody, o amigo de Jimmy, que fazia questão de auxiliá-lo durante as sessões fotográficas. Ele estivera o tempo todo no fundo da van, juntamente com as outras parafernalias de fotógrafo que Jimmy carregava de um lado para outro.

Jimmy e Emily desceram da van, ambos levemente constrangidos por quase terem sido pegos no flagra. Mas, pela cara de Brody, dava para perceber

que ele não achava nada daquilo incomum.

Emily seguiu para dentro do prédio e falou com o porteiro. Ele informou que Vera os estava esperando, deu-lhe o número do apartamento e ela seguiu para o elevador. Jimmy e Brody iriam em seguida.

Vera Gugino era uma mulher de rosto redondo e bochechas rosadas. Tinha um volumoso cabelo cacheado avermelhado e estava usando um *tailleur* branco com detalhes na cor preta. Emily sabia que era uma de suas muitas criações.

Vera consagrou-se no mundo da moda no início dos anos 80. Ela vestiu uma porção de celebridades e deixou outras “roxas de inveja”, por nunca ter-lhes dado atenção. No começo dos anos 90, ela ganhou um Oscar, na categoria melhor figurino. Com o passar dos anos, e conforme foi envelhecendo, Vera tornou-se reclusa. Era difícil vê-la em festas, ela não comparecia nem mesmo nos eventos de sua própria grife. Mais difícil ainda era conseguir uma entrevista exclusiva com ela. Ainda assim, ali estava Emily, prestes a conversar com um ícone da moda.

– Sra. Gugino, eu me chamo Emily Mitchell. É um prazer conhecê-la.

– Goldie Hawn. – Vera disse. Em seguida, deu um trago em seu cigarro eletrônico.

– Como é?

– Você me lembra de Goldie Hawn. Você tem grandes olhos azuis, ela também. Diga-me: alguém já lhe disse que vocês se parecem?

– Não, mas já disseram que eu pareço ter sido criada por Margaret Keane.

– Você tem senso de humor, eu gosto disso. Aliás, Goldie também tem. Ah, onde eu estou com a cabeça? Eu ainda nem a convidei para entrar. Por favor, não fique aí parada, feito um dois de paus. Entre, entre.

Por um momento, Emily achou que teria de entrevistá-la da porta.

– Você quer beber alguma coisa? Água, café, licor?

– Não, eu estou bem, obrigada. – Vera pediu para que Emily se sentasse em uma cadeira e se acomodou no sofá. – Você se importa que eu grave nossa

conversa?

– Não, faça o que deve ser feito. – Vera deu uma tragada em seu cigarro novamente. – Diga-me, Emily: o que você sabe sobre mim?

Rapidamente, Emily acessou as configurações de seu celular, encontrou o gravador de voz e iniciou a entrevista. Ela deixou o aparelho em cima da mesinha de centro.

– Eu sei que você foi a estilista que mais vestiu celebridades para o tapete vermelho.

– *Eu sou*. Esse recorde ainda é meu.

– Certo. – Emily sabia que um pequeno deslize poderia colocar toda a entrevista a perder. – Foi você quem aconselhou algumas atrizes a pararem de usar luvas no Oscar, ano após ano.

– Você está correta. E essa foi uma sábia decisão.

– Você doou metade da sua fortuna para instituições de caridade que apoiam mulheres vítimas de abuso. E, no ano passado, você foi a terceira estilista que mais lucrou. Pelo menos, foi o que a Forbes disse.

– Você está duplamente correta.

– Arlene Godzman me mandou aqui porque os seus itens de decoração ganharão uma matéria exclusiva na próxima edição da *Glam*.

– Eu gosto como isso soa.

Jimmy bateu à porta.

– É o fotógrafo.

– Seja um amor e traga-o até aqui. – Esse era o jeitinho especial de Vera dizer: pode não parecer, mas eu estou cansada. Não me obrigue a me levantar de novo, vá abrir a porta.

Emily abriu a porta para Jimmy e Brody, que trazia nas costas uma mochila. Dentro dela estavam as câmeras e lentes profissionais do fotógrafo.

– Meu Deus! – Vera disse atrás de Emily, que quase gritou de susto. – Vejam se não é Paul Newman! – Ela estava se referindo a Jimmy.

– Jimmy, o fotógrafo. – Ele achou estranho ser chamado de Paul

Newman, mas, ainda assim, estendeu o braço e cumprimentou Vera.

– Você é a cara dele. Venham, sentem-se.

Os três se acomodaram em cadeiras na sala.

– Poucas pessoas sabem disso, mas Paul Newman e eu tivemos um caso.

– Emily não havia encontrado isso em sua pesquisa no Google. – Aconteceu nos anos 80. Paul era vinte e cinco anos mais velho que eu, mas, querem saber? Isso não fez a menor diferença, principalmente durante o sexo. Ele *foi* e continua sendo o amante mais incansável que eu já tive. Tenho saudade daqueles tempos. Emily, você é uma garota de sorte.

Emily só precisou de um segundo para entender o que ela estava insinuando. Jimmy também entendeu.

– Não, nós não... – Emily parou no meio da frase.

– É, não tem nada... – Jimmy também não conseguiu terminar a frase.

– Eu entendo. Acreditem, *eu entendo*. Paul e eu mentíamos o tempo todo para a imprensa, mas ninguém nunca me conheceu tão bem quanto ele. – E, por um momento, Vera navegou pelo mar das lembranças. – Ah, olhem para mim, perdendo-me em devaneios. Por favor, jovem Paul, que tal começarmos a sessão de fotos? Depois, minha querida Goldie, nós voltamos a conversar. – Vera encarou Brody pela primeira vez. – Sabe de quem você me lembra? Jack Lemmon. Ele morreu me devendo um beijo, talvez hoje a conta dele seja quitada.

A entrevista transcorreu conforme o esperado, exceto pela parte em que Vera ficava chamando Emily de Goldie Hawn, Jimmy de Paul Newman e Brody de Jack Lemmon. Vez ou outra, ela também repetia a história do beijo.

Os itens de colecionador de Vera são: o quadro “THE KISS”, do pintor Gustav Klimt; três vasos de porcelana japonesa; um tapete persa; um abajur de cristal; uma escultura de gato egípcio e uma caixinha de música, que fora dada por ninguém menos que Paul Newman.

Emily percebeu o quanto Vera era apegada as suas lembranças. Ora ela

dizia: Paul e eu fazíamos isso; Paul e eu fazíamos aquilo. Para Vera, o presente, se comparado ao passado, era pequeno e sem muita importância. No passado, ela viveu, amou, foi amada e se construiu. Ela usava o presente unicamente para reviver as boas memórias. Esta percepção entristeceu Emily.

Depois do almoço, Emily recebeu uma mensagem de Shiri.

Me encontre na seção de vestidos da *Bloomingdale's*.

ASAP[3].

Emily pegou sua bolsa e foi ao encontro da amiga. No caminho até a loja, ela não pôde deixar de pensar na bomba que Jimmy havia jogado em seu colo, mais cedo. Ele estava saindo da revista e, como a boa amiga que era, Emily ficou feliz por ele. Mas, no fundo, ela temia que isso significasse que, dali por diante, eles se veriam cada vez menos, até se tornarem completos estranhos. No passado, antes de aquilo acontecer entre eles, Emily sabia que o fato de Jimmy trabalhar em outro lugar não atrapalharia a amizade deles em nada. Mas agora ela sabia que as coisas não eram mais como costumavam ser. Era impossível ignorar o elefante cor de rosa no meio da sala.

Ela só esperava que o último abraço deles não fosse de fato o *último* abraço.

– Eu estou aqui. – Emily disse, assim que avistou Shiri observando os vestidos expostos em uma arara de roupas. – Quem é o cara? E, o mais importante: nós gostamos dele?

– O nome dele é Daniel, ele é *personal trainer* e, sim, nós gostamos muito dele. – Shiri parecia animada e, pelo visto, ela havia dado uma segunda chance aos homens.

– Bom pra você. Afinal, você sempre quis ter um *personal trainer* exclusivo.

Shiri sorriu.

– Então, aonde você se enfiou no sábado? Eu te liguei, mas só consegui falar com a sua caixa postal.

– Ah, no sábado...

- Opa! Você hesitou, isso significa que tem história.
- Eu não consigo esconder nada de você.
- Você nem deveria tentar. Fala logo.
- No sábado, Jimmy e eu meio que tivemos um momento. Na verdade, o momento foi meu, mas ele era o grande envolvido.
- O quê?
- E hoje nós tivemos outro momento.
- Duplo o quê?
- Eu acho que estou enlouquecendo.
- Hmm. – Shiri murmurou.
- Hmm o quê? O que você ia dizer?
- Talvez, só talvez, você já considerou a possibilidade de estar gostando de Jimmy? Eu explico: vocês se conhecem há quanto tempo? Cinco anos? Eu não conheço nenhum homem há tanto tempo assim. Exceto o meu pai, mas ele não conta. Quando você e Jimmy estão juntos, vocês começam a falar em um idioma que mais ninguém entende. E isso é bom, eu gostaria de ter com um cara o que vocês dois têm. Vocês são uma combinação estranha, mas que, no final, funciona. Tipo *Oreo* e pasta de amendoim.
- Eu saberia se estivesse gostando de Jimmy.
- Será que sim? Não me leve a mal, Emily, mas você, às vezes, pode ser completamente tapada.
- Obrigada!
- Ei, eu digo isso com todo meu amor e respeito.
- Acho que não vou mais vê-lo todos os dias. Jimmy vai trabalhar na *News Corp.*
- E como você se sente sobre isso?
- Uma parte minha não poderia estar mais feliz.
- E a outra?
- Tem medo de perdê-lo.
- Imagine algo hipotético: Jimmy saindo com uma garota...

– Por que você está dizendo isso? – Emily entrou na defensiva. – Você sabe de alguma coisa?

– Não, relaxa, é algo hipotético. Eu só queria descobrir como se você se sente com relação a Jimmy. Mas quer saber? Deixa pra lá, eu acabei de obter a minha resposta. Vem, eu vi uma calça jeans que vai cair como uma luva em você!

Lauren

Pietro, o cabeleireiro de Lauren, encarou-a, abismado. Ela estava sentada em uma cadeira, de frente para um grande espelho, no salão dele, em Brooklyn Heights.

– Você tem certeza disso? – Pietro perguntou, cauteloso.

Lauren tomou a decisão logo após o café da manhã. Ela andava se queixando de que nunca conseguia surpreender aos outros e nem a si mesma. Então, a primeira ideia que lhe veio à cabeça foi de que estava na hora de mudar o visual. Seu cabelo castanho já não tinha o mesmo brilho de antigamente e isso a entristeceu.

– Vamos fazer o seguinte: eu te dou cinquenta dólares a mais, se você parar de me perguntar se eu tenho certeza. Que tal assim?

– Você é quem sabe. – Pietro pegou a tesoura e então começou.

Lauren sorriu, animada como uma criança prestes a abrir os presentes na manhã de Natal.

– Lauren? – Penn chamou-a da sala.

Ela analisou seu novo cabelo, no espelho do banheiro, e chegou à conclusão de que estava mais gata do que de costume. Um novo corte era tudo o que ela precisava. Penn iria cobri-la de elogios e, talvez, com sorte, depois eles tirariam o atraso, provavelmente no sofá da sala.

Lauren desejou ter uma escadaria grande em casa, daquelas dos filmes antigos, onde as mocinhas faziam suas entradas triunfais e saídas dramáticas.

– Querido, eu senti sua falta. – Lauren se aproximou.

Penn pôde ver o que Lauren havia feito. Antes, o cabelo dela chegava até

os ombros. Agora estava curto. Há pouco mais de uma hora, ela havia aderido ao corte de cabelo “Joãozinho”.

Ela beijou-o no rosto.

Penn ficou sem reação perante o cabelo de Lauren.

– Então, você notou algo diferente em mim? – Lauren estava fazendo gracinha.

– O que você fez?

– Bem, na falta de uma explicação mais detalhada, eu respondo com a versão *curta*. Eu cortei. – Lauren sorriu.

– Isso eu percebi.

– Você sempre tão perceptível. – Lauren beliscou a bochecha de Penn. Em seguida, ela agarrou a mochila que ele havia levado para a casa da mãe e subiu com o objeto para o quarto. Penn a seguiu.

– Por que você cortou o seu cabelo?

– Porque era hora de mudar. Além do mais, eu pude fazer algo bom. Você sabia que hoje em dia as pessoas doam cabelo? Eu não sabia! O cabelo que eu cortei será usado para confeccionar uma peruca. Eu estou ajudando as crianças com câncer.

Lauren tirou as roupas que Penn enfiou na mochila e começou a guardar cada peça em seu devido lugar: suéteres na cômoda, calças jeans no guarda-roupa, sapatos na sapateira e cuecas na gaveta.

– Para, vamos conversar.

– Nós estamos conversando.

– Eu quero entender.

– Eu cortei o meu cabelo. O que tem para entender?

Penn analisou Lauren. Ele sabia que ela não era de agir por impulso. Algo estava acontecendo e ele temia saber exatamente o que era.

– Lauren, você tem tomado os seus remédios?

Ela revirou os olhos.

– Por que você está me perguntando isso? Meu Deus! Eu só cortei o

cabelo, não é como se eu estivesse dando voltas dentro de um globo da morte em chamas, com uma motocicleta. E, respondendo a sua pergunta: sim, eu estou tomando os meus remédios todo santo dia. Feliz?

– Sim, desculpe. Eu só não quero que nada de ruim aconteça com você.

E lá estava ele, o sinal de que Lauren tanto precisava. Penn a amava, isso era um fato.

Ela deixou a mochila de Penn cair no chão e o puxou para perto. Então o beijou com vontade, igual faziam as mocinhas nos filmes em preto e branco. Ele a desejava, ela agora sabia disso e, embora volta e meia sua consciência começava a atormentá-la, por conta do casamento adiado, todas as suas dúvidas foram esmagadas durante esse beijo.

O que aconteceu em seguida não foi obra da imaginação de Lauren. Naquela tarde, eles fizeram amor, sem pressa ou qualquer hesitação. Penn explorou o corpo de Lauren com a língua: ora ele beijava sua barriga, ora ele mordiscava seu mamilo. Mas não parou por aí: ele a explorou mais profundamente, indo direto ao centro do seu universo, que, na verdade, é só mais um eufemismo para vagina. Quando chegou a hora de retribuir o favor, Lauren não hesitou. Como poderia? Penn lhe proporcionara não apenas sexo, mas também seu amor e compreensão. Enquanto ele ofegava perante a performance de Lauren, foi impossível para ela não se sentir agraciada, protegida e encantada. Mesmo após anos, ela ainda conseguia dominá-lo, mostrar quem é que mandava. Nisso Lauren era boa: ela era a xerife e Penn era o cara malvado.

Pessoas que gostaram do novo corte de cabelo de Lauren: Neil, James, Penn, Lacy, Pete e Sylvia.

Pessoas que não gostaram: Nancy, a moça que trabalha no *Pinkberry*, o porteiro vesgo do prédio em que ela morava e um taxista indiano chamado Jamal.

Lauren não se importava com as críticas. Ela não estava ali para agradar a todos, não era Nicole Kidman.

– Qual drinque, de preferência sem álcool, você pode me servir? – Uma garota loira, de seios fartos, perguntou.

Lauren ponderou suas opções.

– Água.

– Parece ótimo! Eu vou querer com uma rodela de limão.

Pete, que estava ao lado de Lauren, atendendo a outros clientes, sorriu.

Era uma noite qualquer, de quarta-feira. O movimento estava calmo e uma cantora *indie* se apresentava no palco, cantando sobre como o mundo era cruel e tudo o que ela queria fazer era fumar e beber em paz na praia.

– A minha mãe está me tratando como o resto do mundo tratou a Felicity depois que ela cortou o cabelo. Dá para acreditar?

– Pais são difíceis. Pelo menos, os meus estão do outro lado do oceano.

– De onde você é? – Lauren sabia poucas coisas sobre Pete, e eles trabalhavam juntos há quase um mês.

– Fulham.

– Por que você se mudou para Nova York?

– Eu só conto se você prometer não rir. Não, quer saber? Eu posso fazer melhor: se você rir, então você está demitida.

– Eu não vou rir, palavra de escoteira.

– Eu segui minha ex-namorada até aqui.

– Como um *stalker*? Ok, eu entendo.

– Não! Como em: ei, querida, que tal nos mudarmos para a América, a fim de melhorar a nossa situação?

– E onde a sua ex-namorada está agora?

– Brincando de casinha em Crown Heights, com um ex-jogador de baseball fracassado.

– Então você venceu?

– É, eu venci. – Pete exibiu um sorriso debochado.

– *High five*[\[4\]](#). – Lauren e Pete celebraram.

Um casal se aproximou do balcão e pediu que ela preparasse dois *Scofflaw*. Lauren percebeu que o homem usava aliança, mas a garota, não.

– Então, como o seu noivo reagiu ao descobrir que você trabalha *aqui*?

– Impressionante e estranhamente bem.

Lauren se lembrava muito bem da expressão no rosto de Penn quando ela revelara, há duas semanas, que vinha trabalhando como *barwoman*. Ela achou que ele fosse dar um *piti*, mas tudo o que Penn disse foi, “é mesmo?” E depois: “e como você está se saindo?” Fim da conversa.

Mais uma vez, Lauren subestimara o amor e respeito que Penn sentia por ela.

Por volta da meia-noite, as únicas almas vivas que ainda perambulavam pelo bar eram Lauren e Pete. Por isso, era de se esperar que ele fechasse mais cedo.

Ele ajudou-a a vestir o casaco.

– Eu estou indo até a pizzeria do Meni, para forrar a barriga. Você quer me acompanhar?

Lauren encarou Pete como se ele tivesse dito a coisa mais estranha de todos os tempos.

– Pizza à meia-noite? Você leu a minha mente!

A pizzeria do Meni ficava no fim da rua, então eles caminharam até lá. Pete se vestia como se quisesse ser o garoto mais popular da escola: calça jeans velha, camisa branca e uma jaqueta de couro preta. Por isso, Lauren não pôde deixar de achar graça.

– Você está rindo de mim? Eu sou o seu chefe, lembra?

– Você é uma figura, Pete.

Por ser meia-noite, há de se pensar que a pizzeria do Meni estivesse praticamente deserta. Mas não é assim que as coisas funcionam em Nova York. Restaurantes *deliverys*, por exemplo, recebiam pedidos e faziam entregas até às três da manhã. A cidade literalmente não dormia, por isso Lauren não se

impressionou quando ela e Pete entraram na pizzaria e encontraram outras pessoas de hábitos noturnos no local.

Cada um comprou uma fatia de pizza e um copo com refrigerante. Eles se sentaram em uma mesa próxima à janela e começaram a jogar conversa fora. Lauren pegou o celular e procurou por novas mensagens de Penn. Era normal que ele estivesse preocupado, afinal, ela agora trabalhava até mais tarde. Porém, encontrou um total de zero novas mensagens.

– O que foi? – Pete deu uma mordida em sua fatia de pizza e depois perguntou. Não era normal ver alguém que estava prestes a comer uma pizza de *pepperoni* franzir o cenho.

– Não é nada, eu acho que o meu celular está com algum defeito. Eu simplesmente não recebo mensagens novas de Penn. Da operadora, sim; as dele, não. E dizem que esses celulares digitais não dão pau. Deixa pra lá. – Lauren guardou o aparelho dentro da bolsa e concentrou-se na fatia de pizza que a aguardava.

Ela mudou o rumo da conversa.

– Por que você decidiu abrir um bar aqui, em Nova York?

– Porque sim.

Lauren acertou o lado esquerdo da cabeça de Penn com a mão.

– Você acabou de me bater! – Penn soou agradavelmente impressionado.

– É isso que você vai ganhar sempre que me der uma resposta idiota.

– Você me bateu e talvez agora eu me apaixone por você.

– Não seria o primeiro. Infelizmente pra você, essa leoa já encontrou o seu leão.

Pete sorriu.

Eles se tornaram bons amigos. Ele não a considerava uma garota esquisita, nem mesmo depois de conhecer certas peculiaridades de sua personalidade. Lauren o impressionava. A maioria das pessoas só pensava, mas ela ia lá e fazia. Lauren não sabia, naquela época, mas o apoio de Pete seria de extrema importância perante o que estava por vir.

Emily

O início de junho marca o fim da primavera em Nova York e a chegada do verão. No mês seguinte, para a sorte de Emily, ela ainda teria de lidar com algumas surpresas, antes de se despedir das estampas floridas e acolher os *crop tops*.

A irmã caçula de Emily, Sally, anunciou no início de abril que iria se casar com Anthony, o francês que ela estava namorando há exatamente um mês. E claro, como era de se esperar, Emily seria a madrinha de honra. Mesmo com o casamento batendo à porta, Sally exigiu ter tudo a que tinha direito: despedida de solteira, chá de panela, lista de presentes na *Bergdorf Goodman*, entre outras coisas. Coube a Emily fazer isso acontecer, portanto ela só teve que se desdobrar em mil.

Eis o que Emily sabia sobre seu futuro cunhado: o nome dele era Anthony; seu sobrenome era Arnaud; ele trabalhava como curador no Museu de Arte Moderna; é de Florença. E isso era tudo. Basicamente, isso também era tudo o que Sally sabia sobre o futuro marido. Quando Emily perguntou se ela tinha certeza do que estava prestes a fazer e disse que talvez ela estivesse indo um pouco rápido demais, tudo o que Sally disse foi que, quando se tem certeza de que encontrou o cara certo, nada mais importa, você simplesmente sabe o que deve ser feito. Qualquer argumento lógico que Emily pudesse usar para tentar persuadir a irmã a fazer o contrário, seria dito em vão. Então, ela se ateve às tarefas de madrinha.

O casamento aconteceria em uma linda propriedade em Jersey City. Cerca de oitenta pessoas compareceriam e todas teriam uma única certeza: Sally estava grávida. Do contrário, ela era louca. Por isso, a opção grávida permaneceria ativa.

Assim que terminou de se aprontar, Emily encarou o próprio reflexo no espelho do quarto de hóspedes, na casa alugada para o casamento. Ela estava usando um vestido tomara que caia curto, na cor creme, e o cabelo fora preso em um coque baixo. Suas bochechas, como sempre, estavam rosadas. Em outra realidade, Emily estaria se aprontando para o *seu* casamento. Mas, agora, essa realidade se mostrava cada vez mais longe.

– Olha só pra você! – Trudy Mitchell, mãe de Emily, estava parada junto à porta, admirando a filha e segurando uma taça com champanhe. – Só de pensar que, após o seu nascimento, eu cogitei entregar você para a adoção, eu fico triste.

– Mãe!

– Relaxa, é brincadeira. – Trudy entrou no quarto e abraçou a filha. – Ou será que é verdade?

Emily revirou os olhos.

– Isso é pra mim? – Emily estava se referindo à taça com champanhe.

– Não. – E para deixar isso claro, Trudy tomou um gole.

– Você começou cedo.

– Eu estou emocionada! Minha menininha vai se casar! Cá entre nós, eu nunca achei que esse dia fosse chegar. Principalmente por conta daquele colete de Milwaukee, que ela usou na adolescência e espantava todos os garotos.

– Era eu quem usava o colete.

– Bem, eu acho que o champanhe já está fazendo efeito! Ah, me lembrei de por que eu estou aqui: vá conversar com a sua irmã. Ela está falando uma porção de coisas sem sentido, uma delas é cancelar o casamento. Sinceramente, eu não tenho paciência para lidar com chilique!

– O que você disse sobre Sally querer cancelar o casamento?

– Vá falar com ela. – E após dizer isso, Trudy foi embora.

O quarto onde Sally estava se arrumando ficava no andar de cima. Cancelar o casamento, era só o que faltava! Nem morta, Emily deixaria isso ocorrer. Não depois do trabalho que ela teve para *fazer* o casamento acontecer!

Sally estava andando de um lado para outro no quarto. O vestido que ela

escolheu, e que saíra do bolso de Trudy, era um Carolina Herrera de renda, com frente única.

– Eu não posso me casar. – Sally estava hiperventilando. – Você estava certa, Ems, é loucura! Nem banco concede empréstimo dentro de um mês! Eu acho que vou morrer.

– Não sob a minha vigilância. – Emily agarrou um saco de papel da Starbucks e o entregou a Sally. Ela colocou o pacote sobre o nariz e a boca e começou a expirar dentro dele.

Emily levou a irmã até a cama e se sentou ao lado dela. Após alguns segundos, Sally acalmou-se e sua respiração voltou ao normal.

– Mana, você acha que eu estou prestes a cometer um erro?

– Olha pra mim. Quem sou eu pra dar *pitaco* aqui?

Sally sorriu.

– Eu não quero fazer *isso* e me arrepender depois.

Emily passou o braço ao redor dos ombros da irmã, era fora do comum vê-la com medo. Quando criança, Sally não costumava ter medo de trovões, do bicho-papão ou de insetos. Ela sempre demonstrara ter mais coragem do que Emily, principalmente quando o assunto eram garotos. Enquanto a irmã gostava de um menino em segredo, Sally corria atrás de suas paqueras.

Todos nós temos medo de alguma coisa.

– Como você se sente com relação a Anthony? – Emily perguntou.

– Teve uma vez, nós estávamos indo de Nova York para Paris. O avião começou a chacoalhar, durante uma turbulência, e foi aí que eu pensei: é agora que eu vou morrer! Então Anthony agarrou minha mão e forçou-me a encará-lo. Eu soube, simplesmente ao olhar nos olhos dele, que tudo ficaria bem. De alguma forma, eu me senti segura. Quando Anthony me pediu em casamento, a primeira coisa em que eu pensei foi: eu sei que sempre encontrarei força ao lado dele. Sendo assim, por que esperar?

– Você acabou de responder a sua pergunta.

Sally sabia que, de todas as decisões que ela tomara até ali, casar-se com

Anthony era, sem sombra de dúvidas, a melhor de todas.

– Você me ajuda com o véu?

Emily esboçou um sorriso.

– Claro.

Sally posicionou-se em frente ao espelho, enquanto Emily a ajudou a colocar o véu. Ela, assim como a irmã, tinha grandes olhos azuis, herança do pai, e cabelo loiro, por parte da mãe.

– Você acha que papai ficaria orgulhoso de mim? – Sally perguntou.

– Eu acho, na verdade, eu tenho certeza, de que ele *está* orgulhoso de você.

– Ele sente orgulho de vocês duas. – Parada junto à porta, Trudy admirou as filhas em silêncio, até que resolveu se intrometer na conversa delas. Mas foi uma intromissão muito bem vinda. – Eu só vim aqui para saber se você precisa que eu mande os convidados embora. É só você dizer que eu faço todos desaparecerem.

– Vem aqui, mãe. – Sally abriu os braços e a acolheu. Logo, Emily juntou-se a elas, em um abraço grupal.

– Não vamos ficar emotivas agora, nada de borrar a maquiagem. Sally, querida, eu posso pedir para começar?

Sally encarou Emily uma última vez antes de dizer:

– Sim.

Trudy saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

– Ems, eu preciso de um último favor seu.

– Algo me diz que esse não será *mesmo* o último favor que você me pede.

– Você me acompanha até o altar?

– Sally, isso é... mas eu pensei que a mamãe fosse entrar com você.

– Ela deveria me acompanhar, mas eu sei que mamãe já tomou cinco taças de champanhe. Honestamente, você acha mesmo que ela vai conseguir andar em linha reta?

– Bem, então, nesse caso, será uma honra para mim, acompanhá-la até o altar.

O casamento aconteceu nos fundos da casa, em meio às flores e a uma bela vista para o mar. Anthony estava feliz como pinto no lixo, Emily percebeu que ele só tinha olhos para sua irmã. Isso era bom, pelo menos assim, Emily não precisaria ameaçá-lo durante o seu brinde. Durante os votos, Anthony prometeu amar Sally e respeitá-la. Ele também jurou que, dali por diante, tentaria não deixar a toalha molhada em cima da cama e nem os sapatos pela casa. Ele prometeu fidelidade e, acima de tudo, um ombro amigo. Sally garantiu que tentaria não ser mandona e também pediu perdão antecipado, caso descumprisse essa promessa. Ela jurou amá-lo e compreendê-lo e deixou claro que seria responsabilidade dele levar o cachorro para passear. Sally disse que Anthony a completava, a compreendia e a desafiava a ser uma pessoa melhor.

Durante os votos, nem mesmo Trudy conseguiu segurar a emoção. Enquanto Sally se casava, ela reviveu os preciosos momentos que passou ao lado das filhas e, por um breve momento, sentiu novamente a presença do marido.

Em seu brinde, Emily disse: “se você não quiser parecer um idiota, então não se apaixone. Mas, se você é do tipo de pessoa que não se importa em parecer um idiota, então o amor é pra você”. Ela também ressaltou o quanto estava contente pela irmã e claro, pelo novo irmão também. Emily desejou felicidade ao novo casal e finalizou dizendo que, vendo Sally e Anthony juntos, ela, de alguma forma, sentia esperança. Emily foi aplaudida por todos, depois a banda começou a tocar uma música lenta. Era a hora de os casais se exibirem e também de Emily se esconder.

– Uma taça de champanhe, por favor. – Enquanto os casais dançavam, ela foi para o bar. Surpresa ou não, todas as solteiras estavam lá.

– Ótimo discurso, querida. – Trudy parabenizou a filha e depois a abraçou. – Engraçado, eu achei que, a essa altura do campeonato, você e aquele rapaz bonitão já tivessem se acertado.

– Mãe, Aaron e eu...

– Eu não estou falando de Aaron, *argh!* Eu deveria tê-lo esfolado vivo pelo que fez a você. Enfim, o rapaz bonito a quem estou me referindo é aquele seu amigo fotógrafo. Qual é o nome dele?

– Jimmy.

– Jimmy, isso! Eu sempre achei que vocês formam um belo casal. Deixe-me voltar para lá, o tio de Anthony não para de dar em cima de mim. Dá pra acreditar nisto? Talvez eu dê uma chance a ele, não é má ideia.

Emily avistou Sally e Anthony dançando juntinhos. Ela então se voltou para o bar e pegou duas garrafas de champanhe, enquanto o barman não estava olhando. Emily saiu da tenda e resolveu descer até a praia. Ela tirou os sapatos no meio do caminho, sentou-se na areia e começou a afogar as mágoas.

Uma garrafa e meia de champanhe depois, Emily adquiriu força suficiente para fazer uma ligação.

– Emily, oi. – Jimmy atendeu após o segundo toque.

– Ora, se não é o senhor eu-estou-muito-ocupado-para-falar-com-uma-velha-amiga.

– A sua voz está esquisita.

– A sua voz é que está esquisita.

– Você está bêbada?

– É você quem está bêbado.

– Emily, onde você está?

– Longe de você, muito longe. É por isso que eu posso dizer o que penso, porque eu estou longe. Você nunca vai adivinhar onde eu estou.

– Você está em Jersey City.

– O QUÊ? Como você descobriu?

– Há uma hora, você postou uma *selfie* no *Instagram*, com a legenda: em Jersey City, para o casamento da minha irmã. *Hashtag* feliz, casamento e irmã.

– Droga!

– Como você vai voltar pra Nova York?

– Voando é que não vou. Será no carro que eu aluguei.
– Não vai, não. Volte de carona com algum parente ou amigo.

– *Blá, blá, blá.*

– Emily, eu estou falando sério.

– Você me odeia?

– Não, eu não te odeio.

– Odeia sim. Você disse que me amava e eu fiquei com cara de bunda. Se eu fosse você, eu me odiaria. Pode deixar, eu me odeio por nós dois.

– Eu não quero que você se odeie.

– Você é gentil.

Então, Emily escutou uma voz de mulher ao fundo, perguntando a Jimmy com quem ele estava falando. Ela então percebeu que, provavelmente, estivera fazendo papel de boba. Emily encerrou a chamada e desligou o celular.

– Burra, burra, burra. – Emily sussurrou. – Jimmy é dos bons, até parece que ele ficaria disponível pelo resto da vida. – Emily voltou sua atenção para o restante de champanhe na garrafa.

Durante o entardecer, Emily ainda estava na praia. Ela era a bêbada triste no casamento da irmã. Podia ser pior: ela podia ser a bêbada exibida, que levantava a saia no casamento da irmã.

Emily levantou a bunda cheia de terra do chão e voltou para a casa. Na tenda onde estava acontecendo a recepção, ainda se ouvia música e gargalhadas. Aparentemente, no final das contas, não importava se Sally e Anthony estavam juntos há um mês ou há um ano. O que as pessoas queriam era se divertir.

Parada em frente à casa, Emily viu quando um táxi surgiu ao longe e seguiu rumo à entrada da casa. Do banco de trás saiu um rapaz alto, de ombros largos, cabelo louro escuro e olhos verdes. Ele estava com a barba por fazer, usava um suéter cinza e calça caqui. O táxi foi embora e então Lauren se aproximou. Estaria ela tendo uma visão?

– Você está aqui. – Ela disse.

– Ao que parece, sim.

– E você veio de táxi.

– Certa de novo. – Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça.

– Deve ter custado uma fortuna.

– É, não foi barato.

– Eu vou vomitar, licencinha. – Emily curvou-se sobre as flores do jardim. Antes de regurgitar, ela sentiu duas mãos afastarem seu cabelo para trás. Enquanto Emily colocava o almoço para fora, Jimmy a segurou.

– Você se sente melhor?

– Um pouco.

– Vem, vamos entrar. – Jimmy recolheu os sapatos que ela deixou cair no chão e a acompanhou para dentro da casa.

Emily foi até a cozinha beber água. Jimmy não a seguiu, ficou esperando por ela na sala. De alguma forma, mesmo estando ali, ele ainda continuava dando espaço para ela.

De volta à sala, Emily estava literalmente sem palavras. Por dentro, ela soltava fogos de artifício. Jimmy estava ali! Ele viera por ela! Aparentemente, a situação *ainda* não estava perdida.

– Eu não sei o que falar. – Era tudo o que ela sabia dizer.

– Você precisa voltar para a recepção?

– Eu não sei se você percebeu, mas eu já bebi por um final de semana inteiro, com direito a passar vergonha e tudo o mais.

– Vamos voltar para a cidade?

– Juntos?

– Não. Você vai hoje, eu fico por aqui e vou amanhã.

– Você não deve ter gasto tanto assim com o táxi, se ainda está disposto a fazer piadinhas. – Pela primeira vez, Emily tomou uma decisão sem antes pensar demais. – Por favor, me leve de volta para a cidade.

Ela foi até o quarto de hóspedes, para catar suas coisas e, por conta da pressa, acabou enfiando tudo dentro de uma bolsa. Não fazia sentido agir assim, não era como se Jimmy pudesse sumir de uma hora para outra. Ou será que

podia?

Jimmy estendeu o braço e Emily agarrou sua mão. Então ela se lembrou de algo e imediatamente soltou-se. Ela queria respostas e iria obtê-las enquanto o álcool ainda estivesse presente.

– Espere. Quando nos falamos mais cedo, você estava na companhia de uma garota. Quem era ela? Quero que me diga agora, enquanto eu ainda estou sob efeito do álcool.

– Eu estava no *Rockefeller Center* com... a minha irmã. Depois da sua ligação, ela ficou me enchendo o saco. Foi ela quem me mandou parar de agir como um idiota e vir até aqui.

– Lorie! Como ela está?

– Bem. Podemos ir agora? – Jimmy estendeu o braço de novo e novamente Emily agarrou sua mão. Dessa vez ela não pretendia soltá-la, exceto quando ele estivesse dirigindo ou cutucando o nariz. – Você ficou com ciúmes? – Jimmy estava cheio de si.

– Não vá se achando, é feio.

O despertador de Jimmy apitou às oito da manhã, em ponto. Emily abriu os olhos e começou a analisar o novo cenário: havia uma cesta de basquete presa na porta do armário - ok, ela definitivamente não estava em casa. - Na frente da janela com vista para o Central Park, havia um telescópio. Um cesto de roupa suja, que estava atopeçado de calças jeans e camisas, ficava em um dos cantos do quarto. E, em cima da cômoda, havia uma câmera profissional. Ela já sabia onde estava. Amanhecer no quarto de Jimmy não foi nem de longe a maior surpresa que Emily teve naquela manhã: tê-lo dormindo, enrolado a ela, definitivamente se encaixava no quesito MEU DEUS DO CÉU!

– Você acordou. – Jimmy murmurou.

Emily se virou e encarou-o. Ele aproximou a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Diz aí: ontem à noite eu fiz algo de que vou me envergonhar?

– Não sei. Abaixar a parte de cima do vestido e mostrar os seus presentes para um bando de adolescentes no ponto de ônibus deixa você envergonhada?

– Não! Eu não fiz isso.

– Relaxa. Pessoalmente, eu acho que você até fez um bem para aqueles garotos. Algo me diz que, antes de ontem, eles nunca estiveram tão próximos de um par de peitos.

– Nós fizemos...

– Não. Você desmaiou antes que eu pudesse tirar os seus sapatos.

Emily sorriu, depois se aproximou e deitou sua cabeça em cima do peitoral de Jimmy. Ele a abraçou sem cerimônia.

– Eu tenho uma proposta. – Jimmy disse e Emily era toda ouvidos. – Vamos ser felizes juntos e ter...

– Um cachorro de estimação? – ela o interrompeu.

– Eu ia dizer um gato, mas cachorros também são legais.

Emily levantou a cabeça e encarou-o.

– Eu não quero apressar as coisas, Jimmy. Eu quero que isso dê certo.

Estas palavras eram tudo o que Jimmy precisava ouvir.

Por mais que eles quisessem ficar na cama por pelo menos mais uma hora, ambos precisavam trabalhar. Jimmy acompanhou Emily até a porta.

– Então, vamos jantar amanhã à noite na minha casa? – De costas para a porta, Emily perguntou.

– Caramba, eu devo gostar *mesmo* de você. Estou concordando que você cozinhe, mesmo já tendo provado da sua gororoba.

Se Jimmy se inclinasse só um pouquinho para frente, poderia beijá-la.

– Eu preciso ir. – Emily disse.

Ele a deixaria ir embora, por agora.

Depois que Emily saiu, Jimmy não conseguiu desfazer o sorriso bobo que estava colado em seu rosto. Porém, uma batida na porta o deixou intrigado. Só poderia ser quem havia acabado de sair.

– Você se esqueceu de alguma coisa? – Ele abriu a porta.

Emily literalmente se jogou nos seus braços. Ela passou os membros ao redor do pescoço dele e beijou-o, sem esperar por um convite. Jimmy não estava delirando, aquilo estava mesmo acontecendo.

– Não, eu tenho tudo de que preciso.

Naquela noite, Emily tinha um plano. Ela estava com o celular em mãos e sabia o número para o qual queria discar, de cor. Era quase meia-noite, hora de ligar o Berto.

MARINA BIJOUX: Alô, alô, vocês sabem quem sou? Eu mesma, Marina Bijoux! Boa noite, corujinhas. Vocês estão curtindo o fim da primavera? Eu estou curtindo ao máximo! Mas vamos deixar o tempo em paz. Eu quero saber: será que hoje alguém vai ligar para cá? Essa incerteza me faz querer ir ao banheiro! Pra quem ainda não decorou, o número é 800-353-1311.

Emily digitou o número e a ligação se completou. Agora era só esperar.

MARINA BIJOUX: Primeiro ouvinte da noite, você está no ar. Com quem eu falo?

OUVINTE Nº 1: Ah, oi. Hum, meu nome é...

MARINA BIJOUX: Opa! Eu sinto uma leve hesitação. Diga-me, querida: é a primeira vez que você liga para o BHC?

OUVINTE Nº 1: Sim.

MARINA BIJOUX: Então seja muito bem-vinda! Não se acanhe, sinta-se em casa. Eu tenho uma primeira grande dica para você: aqui no meu programa, os ouvintes costumam usar apelidos durante os telefonemas. É legal e mantém o mistério. Pense em um apelido legal, ele ficará com você para sempre.

OUVINTE Nº 1: Ah, garota do Brooklyn. Que tal?

MARINA BIJOUX: Eu A-M-E-I! Bem-vinda ao *Broken Hearts Club*, garota do Brooklyn. E aí, o que você tem pra me dizer?

GAROTA DO BROOKLYN: Acho que eu posso estar apaixonada pelo meu melhor amigo.

MARINA BIJOUX: *Woow!* Eu não estava pronta para isso. Fale mais.

GAROTA DO BROOKLYN: Ele é o cara mais incrível que eu já conheci. Digo isso porque eu não tive o prazer de conhecer o Sr. Gregory Peck. Enfim, ele é lindo e, sobretudo, faz com que eu me sinta especial.

MARINA BIJOUX: Eu acho que estou apaixonada... pelo seu melhor amigo! Brincadeirinha! Diga-me, Garota do Brooklyn: por que você acha que está apaixonada por ele?

GAROTA DO BROOKLYN: Sinceramente? Eu não sei. Eu só sei que sei. Desculpe, isso não faz muito sentido.

MARINA BIJOUX: Se você já está dizendo coisas sem sentido, então, minha amiga, você está *mesmo* apaixonada.

GAROTA DO BROOKLYN: Eu acho que, na verdade, eu sei que tenho medo de me machucar de novo.

MARINA BIJOUX: Bem, então, nesse caso, o que eu posso dizer é: que a vontade de ser feliz seja maior do que o medo de se machucar de novo. Sentir medo é natural, o que você não pode fazer é basear-se nele para tomar decisões. O medo não é quem você é, você o controla e não o contrário. Vou repetir a minha pergunta anterior. Leve o tempo que precisar para responder, a audiência está amando você, e eu também não me importo com respostas sem sentido. Eu só peço que você seja sincera.

GAROTA DO BROOKLYN: Certo. Pode mandar.

MARINA BIJOUX: Por que você acha que está apaixonada pelo seu melhor amigo?

GAROTA DO BROOKLYN: Porque em um minuto ele me faz rir, no outro me tira do sério. Ele é a primeira pessoa com quem eu quero compartilhar alguma novidade, seja algo bom ou ruim. Às vezes ele me irrita e tudo o que eu quero fazer é pegar um taco de baseball e correr atrás dele. Ele não me critica quando

eu falho, mas me zoa quando eu penso em desistir. Às vezes ele me imita, porque sabe que isso vai me tirar do sério, mas ele não se importa e faz do mesmo jeito, porque ele sabe que, no final, eu vou sempre sorrir. E não é só isso: eu sei que posso contar com ele. Jimmy, esse é o nome dele, me faz sentir segura. Ah, acho que tudo soou meio bobo.

MARINA BIJOUX: Ok. Eu tenho uma segunda grande dica para você: bobo é bom! Ser bobo é legal! Não escute essas pessoas que associam o bobo ao ridículo, porque eles são os ridículos. Pessoas que se acham donas da razão tendem a ridicularizar tudo o que é bobo, mas, quer saber de uma coisa? Essas criaturas são mais secas do que o deserto do Saara. Por isso, não dê ouvidos a elas.

GAROTA DO BROOKLYN: Entendido.

MARINA BIJOUX: E com relação ao seu *boy*, o que mais eu posso dizer, além de: vá fundo e não tenha medo de amar? E, só para complementar: a meu ver, você tem grandes chances de ser feliz. Só depende de você o rumo que as coisas vão tomar.

GAROTA DO BROOKLYN: Obrigada, Marina.

MARINA BIJOUX: Não há de quê, Garota do Brooklyn. Outra coisa: é de praxe novos membros do clube escolherem a música da noite. Por isso, a responsabilidade é sua. Escolha sabiamente, pois a primeira música é igual à primeira impressão: ficará marcada para sempre.

GAROTA DO BROOKLYN: *Accidentally in Love*, do *Counting Crows*.

MARINA BIJOUX: Garota, você não para de me surpreender. Solta o som, DJ! Opa, eu sou a DJ.

Naquela noite, Emily não ficou deitada, escutando a canção. Nada disso. Ela afastou as cobertas, pulou para fora da cama e começou a cantar e dançar ao som da música. Ela estava feliz e, por isso, valia a pena bancar a boba.

Vamos lá, vamos lá
Acelere mais um pouco

*Vamos lá, vamos lá
O mundo virá atrás
Vamos lá, vamos lá
Porque todo mundo está procurando amor
Então eu disse: Eu sou uma bola de neve rolando
Deslizando ao encontro da primavera
De onde vem todo esse amor
Derretendo debaixo do céu azul
Revelando um amor
Brilhante como o sol*[\[5\]](#)

Lauren

Lauren odiava jantares de negócios, principalmente aqueles onde sua presença era requisitada. Na última vez em que esta ocasião apareceu em sua agenda, ela deu um jeito de não comparecer, fingindo estar com intoxicação alimentar. Porém, agora não adiantava gemer de dor e nem fingir estar doente: Penn precisava que Lauren o acompanhasse a um desses eventos. O lado bom foi que ela arrumou o pretexto ideal para comprar um vestido e sapatos novos.

O jantar estava acontecendo no salão de festas do hotel Warwick. Era uma daquelas ocasiões onde um bando de advogados se reunia no mesmo local e conversava sobre coisas das quais Lauren não entendia.

– O caso *Tonorio versus Ramirez* foi uma piada! – Lauren se aproximou de um grupo de velhos advogados que estava parado ao lado da mesa dos doces. – O advogado de defesa sequer sabia o que significava dissídio. E o outro jurista não apresentou provas concludentes da culpabilidade do acusado.

Os outros advogados concordaram e Lauren também.

– O que você acha, minha jovem? – Os quatro defensores a encararam.

– Ora essa, pau neles! – Lauren se afastou, deixando quatro advogados encabulados.

Até aquela noite, Lauren achava que o pior lugar onde ela poderia cair seria em uma sala cheia de pessoas que fariam sua mãe parecer um amor de pessoa – Ah, pausa para realidade! – era exatamente neste lugar que ela se encontrava.

– Querida, eu quero que você conheça o meu chefe. – Penn pousou a mão nas costas de Lauren - certo, ela entendeu, eles iriam bancar o Sr. e Sra. Pomposos. – Sr. Sherwood, ótima noite.

Timothy Sherwood era um home calvo e atarracado. Ele tinha marcas de expressão no rosto e parecia infeliz com alguma coisa.

– Penn, quantas vezes eu já lhe disse para me chamar de Timothy? – O Sr. Sherwood apertou sua mão. – E quem é essa boneca?

– Essa é...

– Eu me chamo Lauren Pollard e sou a noiva do Penn. – Ela apertou a mão do Sr. Sherwood e percebeu que sua pele estava áspera.

Lauren esperou escutar o famoso “Ah, eu já ouvi muito a seu respeito!”.

– Noiva? Estranho, Penn nunca mencionou noiva alguma.

Algo dentro de Lauren se quebrou. Talvez fosse sua certeza, ou até sua esperança. O que quer que tenha sido, deixou uma marca. O estágio seguinte seria a devastação, todos sabiam como essa história acabaria.

– O senhor me conhece, eu, *hum*, não sou de falar da minha vida pessoal no trabalho.

Aham! (Pronunciado em tom irônico).

– Quer o meu conselho? Fuja enquanto há tempo. – E após dizer isso, Timothy Sherwood se afastou.

Em outra ocasião, Lauren teria corrido atrás do Sr. Sherwood, pulado nas costas dele e o obrigado a se desculpar. Mas, fazer isso em um salão cheio de advogados talvez não fosse uma boa ideia.

Foi então que ela avistou sua grande oportunidade de melhorar aquela noite. Sinceramente? Ela estaria fazendo um favor a todas aquelas pessoas. Eles iriam agradecê-la depois, Lauren acreditava nisso.

Uma mulher de vestido vermelho estava cantando e, para acompanhá-la, um pianista extraía uma melodia doce do piano. Lauren estava prestes a ferver aquele salão.

Ela deu um tapinha no ombro da mulher, interrompendo sua cantoria.

– Pode descansar agora, Michele Pfeiffer. – Lauren arrancou o microfone das mãos da cantora e obrigou-a a se afastar. Logo o pianista também parou de tocar. Em poucos segundos, Lauren havia se tornando o centro das atenções. – Boa noite a todos! A letra de uma música acabou de me vir à mente e eu percebi que essa canção combina perfeitamente com o momento. A letra é um pouco

ousada, então, quem não quiser escutar, a saída é logo ali! A banda vai me acompanhar? – Os homens da orquestra se entreolharam, sem saber o que dizer. – *Ok! All you ladies pop yo pussy like this, shake your body don't stop, don't miss. All you ladies pop yo pussy like this, shake your body don't stop, don't miss.* – E então a banda começou a acompanhar Lauren com seus instrumentos. – *Just do it, do it, do it, do it, do it now. Lick it good, suck this pussy just like you should, right now, lick it good, suck this pussy just like you should.* – E não demorou para que o público também reagisse à música: as mulheres foram as primeiras a se levantar e começaram a balançar seus corpinhos. Apesar do choque inicial, os homens também se entregaram à batida. – *My neck, my back, lick my pussy and my crack. First you gotta put yo neck into it, don't stop just do it, do it, then you roll your tongue, from the crack back to the front... So lick it now, lick it good, lick this pussy just like you should (c'mon), right now, lick it good. Lick this pussy just like you should*[\[6\]](#). – E, mais uma vez, é claro que isso só aconteceu dentro da cabeça de Lauren. Bem, não exatamente: ela realmente cantou essa música para um salão cheio de advogados, incluindo Penn e as pessoas que trabalhavam com ele. Mas a animação do público só aconteceu dentro da cabeça dela. Aquelas pessoas eram certinhas demais, caretas demais para curtir aquela música. Enquanto ela cantava e dançava, as pessoas, especialmente as mulheres, olhavam-na com horror. Parecia até que Lauren estava sacrificando um animal no altar do diabo.

Penn quis sumir; ele quis morrer; depois, quis sumir e morrer. Ele se afundou na cadeira, torcendo para que ninguém associasse Lauren a ele. Mas aquilo era meio impossível. Quando os advogados da Sherwood & Janello começaram a rir do vexame de Lauren, ele quis poder apagar aquele momento dos registos históricos.

Lauren estava descontrolada. Penn confiou nela! Ele tinha certeza de que ela estava se cuidando. Ela prometeu que estava tomando os remédios, mas agora ele sabia que aquilo não era verdade. Penn suspeitava disto desde que

Lauren decidiu, do nada, cortar o cabelo. As compras demasiadas em seu cartão de crédito também não indicavam boas coisas surgindo. De uns tempos para cá, Lauren não era mais a mesma.

Dois anos atrás, Penn presenciou algo similar. De uma hora para outra, Lauren decidiu que não precisava mais tomar seus remédios. Então ela ficou profundamente triste: não conseguia sair da cama, não comia direito, os pais e o irmão de Lauren temiam que ela começasse a definhar. E então, tudo mudou: ela não estava mais triste, estava feliz e animada *demais*. Subitamente, ela pegou o carro e tentou dirigir até a cidade de Indio, no estado da Califórnia, a caminho do festival de música Coachella. Felizmente, ela não foi muito longe, pois foi parada por um policial por dirigir acima do limite de velocidade permitido. Em seguida, ela foi presa por desacatar o policial.

Penn já não aguentava mais as “alterações de humor” de Lauren.

Emily

Emily tinha que tomar uma decisão importante, do tipo que muda vidas. Ela tinha que pensar bem, porque, depois de se decidir, não poderia simplesmente voltar atrás. Esse tipo de indecisão envia uma mensagem negativa para os outros e Emily não queria ser esse tipo de pessoa.

Ela franziu a testa e comprimiu os lábios. *Decida-se, decida-se, decida-se.*

– Eu não consigo me decidir. *Drops* de limão ou *Mello creme*[\[7\]](#)?

– Os dois. *Dã.*

Emily e Shiri estavam na loja de doces IT'SUGAR.

– Então, você e Daniel, o *personal trainer*, tiveram quantos encontros?

– Seis.

– Promissor. – Emily pegou um punhado de jujubas sortidas e enfiou-as dentro de um saquinho.

– Agora que Jimmy está no *News Corp*, vocês não têm se visto muito,

certo? – Shiri enfiou a mão na cesta de moedas de chocolate.

– Sobre isso, Jimmy e eu meio que nos entendemos.

– Espera! – Shiri agarrou a mão de Emily antes que ela pudesse pegar os pirulitos de caramelo. – Quando você diz: *Jimmy e eu meio que nos entendemos*, você quer dizer: Jimmy e eu somos amigos de novo OU Jimmy e eu estamos nos pegando de um jeito quente e sexual?

– Eu diria: quente, sexual e suada.

– *AimeuDeusdocéu!* – Shiri abraçou Emily. – Eu tô tão feliz!

O celular de Emily começou a tocar dentro de sua bolsa. Era Jimmy.

– Falando no diabo – Shiri sorriu.

Emily se afastou e atendeu a ligação.

– O nosso jantar ainda está de pé? – Jimmy perguntou.

– Por que não estaria?

– Bem...

– *Ahá!* Você não confia nos meus dotes culinários.

– Normalmente eu mentiria, para impressionar, mas você e eu já passamos desse ponto. Desculpe-me, mas eu não quero ser vítima de intoxicação alimentar.

– Você está me ofendendo, moço.

– O bom de conhecer você há tanto tempo é que eu sei quando você está exagerando. Eu liguei porque tenho uma contrapartida, me escute. Que tal se eu fizer o jantar para nós, na sua casa, com o que você comprou? Você poderá dizer a todos que fez o jantar, eu não me importo de não ser creditado.

– Fechado. – Ao fundo, Emily escutou um barulho. – Onde você está?

– Na estação de trem, eu estou indo até Binghamton. A vovó Perkins demitiu seis empregadas em dois meses, eu preciso encontrar... na verdade, eu preciso *convencer* alguém a trabalhar para ela.

– Nos vemos à noite?

– Eu mal posso esperar.

Emily se virou e foi atingida no rosto por gomas de mascar no formato de

coração.

– O amor está no ar! – Shiri gritou.

Uma das atendentes olhou feio para ela.

– Desculpa, eu vou pagar! Eu prometo.

No caminho para casa, Emily comprou peito de frango, batatas, cenouras, algumas verduras frescas, molho branco, queijo e alho. Ela esperava que Jimmy transformasse magicamente tudo isso no jantar deles. Também comprou duas garrafas de vinho tinto chamado *Père vin*. A moça da loja de bebidas disse que esse era o vinho preferido dos amantes, mas talvez ela mentisse. Quem sabe a garota estivesse tentando se livrar de Emily, porque ela resolveu aparecer na hora do intervalo.

Depois de guardar as compras, seu celular começou a tocar. Dessa vez, era Shiri quem estava telefonando.

– Pela décima vez, eu não comi os seus gnomos de chocolate.

– Emily, você está em casa? – A voz de Shiri soou preocupada.

– Sim, por quê?

– Ligue a televisão no noticiário do meio-dia.

– Essa não! Você finalmente foi presa por tentar descobrir onde o Matt Damon mora? Eu disse que isso não acabaria bem.

Emily foi para a sala e ligou o aparelho, que ficava em cima da lareira. Uma repórter asiática estava informando aos telespectadores a respeito de alguma coisa. Ela aumentou o volume para ouvir melhor.

Repetindo: um trem, que transportava passageiros da estação central para a cidade de Binghamton, acaba de descarrilar. Um desabamento de rochas nos trilhos teria provocado o acidente. Equipes de emergência foram enviadas ao local.

– Emily? Emily! Você está aí? – Shiri soou duas vezes mais preocupada do que antes.

– Sim – Emily não conseguia desviar o olhar da televisão. As imagens mostravam o trem descarrilado no meio de trecho que ligava a cidade de Nova

York a Binghamton.

– Eu estou indo para aí.

Emily conseguiu formar um único nome. Ele foi pronunciado em voz tão baixa que, se outra pessoa estivesse na sala, não teria escutado.

Jimmy.

Lauren

– Eu estou tão envergonhada! Embaraçada! Humilhada! Constrangida! Petrificada! Morta! Ah, o que será de mim? Eu nunca mais vou sair dessa casa! O que as pessoas dirão? Aposto que os outros vão comentar sobre isso pelo próximos dois... quatro anos! O sobrenome Pollard será associado à vergonha, de agora em diante. Onde você estava com a cabeça?! Você nos envergonhou, nós e os nossos antepassados! Gerações e gerações se lembrarão do que você fez, daqui por diante. – Nancy andava de um lado para o outro, na primeira sala do seu apartamento. Lauren estava sentada no sofá, enquanto escutava a mãe berrar com ela, sem sequer parar para tomar ar.

Nancy tinha em mãos um jornal, no qual um dos destaques da manchete era: “O jantar anual da Associação de Advogados de Nova York, que geralmente resume-se a tédio, seguiu um caminho totalmente inesperado na noite de ontem, graças à ilustre, por assim dizer, apresentação de Lauren Pollard”.

– Por sorte o seu avô já morreu, se não, coitado dele. Acho que ele morreria de novo! Sylvia, onde diabos está o calmante que eu pedi há uma hora?

Ela entrou correndo na sala, trazendo um copo com água e dois comprimidos. Nancy enfiou o remédio na boca e bebeu a água de uma única vez. Sylvia lançou para Lauren um olhar que queria dizer: “Que Deus tenha pena da sua alma, menina”.

– Eu estou suando frio. Hoje eu vou morrer, você conseguiu Lauren.

– Mãe...

– Não diga mais uma palavrinha sequer! Espere só até o seu pai chegar.

– O pai acaba de fazer isso. – Neil ouviu o restante da conversa antes que as portas do elevador se abrissem. Ele saiu carregando um saco de tacos de golfe.

– Graças a Deus você chegou... Ah, o que está fazendo?

– Preparando um drinque. Você quer um? E você, Lauren?

– Não, eu estou... bem.

– Ah, que ótimo! Não se apresse, beba em paz. Enquanto isso, a nossa filha está decidida a me destruir. Mas, por favor, Neil, fique tranquilo e tome mais um drinque!

– É melhor deixar a bebida para outra hora.

– Você acha?! Diga-me, Neil, você sabe o que Lauren fez?

– Sim, eu sei. Um dos advogados do hospital onde eu trabalhava me deixou a par da situação.

– Maravilha! Simplesmente maravilhoso, o mundo inteiro já sabe. Eu preciso me sentar. – E após dizer isso, Nancy desabou em cima do sofá grande.

– Onde você estava com a cabeça, menina? – Neil não estava tão chateado quanto Nancy, ele parecia mais preocupado com Lauren.

– Eu só... Eu estava chateada. E fazer isso, cantar, naquele momento, me pareceu ser o certo. Eu não sei o que deu em mim, simplesmente tinha que fazer aquilo.

– E por que você estava chateada?

– E por que isso importa?! Neil, por favor, atenha-se aos acontecimentos. Ela cantou uma música... uma música obscena para toda a Associação de Advogados de Nova York! Qual será a próxima grande ideia dela? Fazer um strip-tease para cardeais e padres em Roma?

Lauren se encolheu no sofá.

– Nancy, por favor, deixe-a falar. Lauren, querida, você dizia?

– Eu fiquei tão chateada com Penn! Eu não sei, às vezes tenho a impressão de que ele e eu não estamos mais no mesmo barco. E desde que ele adiou... cancelou o casamento, eu fico achando que ele está só esperando a oportunidade perfeita para cair fora.

– Bem, agora não há muitos motivos para ele continuar, não é?

Lauren cobriu a boca com a mão, enquanto chorava.

– Nancy! Você não precisa enfiar a faca mais fundo. Não agora.

– Tudo bem, Neil, continue passando a sua mão na cabeça dela Enquanto isso, Lauren faz e fala tudo o que lhe dá na telha!

– Por favor, não discutam, não por mim. Eu sei que o que eu fiz foi irresponsável, agora eu sei. Penn mal me disse duas palavras de ontem pra hoje, mas eu estou arrependida. Eu sei o que vocês estão pensando agora, não é preciso ser um gênio para adivinhar. Mas eu lhes asseguro que estou bem. Não é como da última vez, eu ainda não *cheguei lá*.

– Eu acredito em você, querida.

– Obrigada, papai.

– Bem, mas eu não acredito. – Nancy se levantou. – Lauren, eu te amo e sinto muito por ser a pessoa que precisa dizer isso, mas eu acho que você deve dar um tempo para tudo. Talvez seja melhor voltar para o Gracie Square, por alguns meses.

– Não, mãe! – Lauren também se levantou, então começou a implorar. – Por favor, não, não, não. Eu não estou pior, você não está vendo?

– Eu te amo, Lauren, e é por te amar que eu preciso fazer alguma coisa. Antes que a situação saia do controle, antes que você machuque alguém, ou pior, antes que você se machuque.

– Mãe! – Lauren agarrou as mãos de Nancy. – Olhe pra mim, olhe pra mim! Eu estou bem, você não está vendo? Eu estou bem!

– Lauren, acalme-se. – Neil afastou a filha da vista da esposa.

– Eu prometo, papai, eu estou bem. Não estou mentindo, nem tentando enganar vocês, eu estou bem *mesmo*. Por favor, só não me mandem de volta para o Gracie Square.

Neil respirou fundo. Ele se arrependeria de sua decisão pelos próximos anos.

Emily

Shiri andava de um lado para outro na sala de Emily, com o celular colado à orelha. Ela estava tentando descobrir informações sobre o acidente de trem. Lali e Anggie estavam sentadas ao lado da amiga, na última meia hora, pois Shiri ligou para as meninas e colocou-as a par da situação. Emily não dissera mais nada, mas uma ou outra lágrima solitária escorria por seu rosto.

– Emily? – Lali tocou no ombro da amiga. – Eu acho que ela tá catatônica.

– Eu preciso... preciso ligar para a irmã de Jimmy, ela não deve saber *ainda*. Eu não sei, mas acho que ela não vai suportar.

– Eu ligo pra ela. – Anggie se ofereceu.

– Eu agradeço, amiga, mas eu preciso fazer isso. – Emily se levantou e foi até a cozinha.

– Sim, eu me chamo Shiri Hellman e estou ligando para obter informações sobre o trem que descarrilou a caminho de Binghamton. Como assim, você não pode me dar notícias? Que tipo de serviço de informações é esse?

Emily apoiou-se na bancada da cozinha e discou o número da irmã de Jimmy. Elas não se falavam havia algum tempo, pois Lorie se afastou de algumas pessoas a pedido do namorado, um babaca engomadinho que se achava melhor do que todos.

Chamando...

Chamando...

Chamando...

Olá, sou eu. No momento não posso atender ou não quero falar com alguém. Após o sinal, deixe seu recado. Se eu não ligar de volta, é porque esse

alguém é você.

Bip.

– Oi, Lorie, é a Emily. Por favor, me ligue de volta assim que você receber essa mensagem. Eu preciso *mesmo* falar com você.

– *Dios mio!* – Lali gritou.

– Emily, vem aqui um instantinho. – Anggie a chamou de volta à sala.

– Quem quer que seja o seu santo, ele é bom. – Shiri disse.

Ele, Jimmy, estava parado à porta, parecendo uma miragem: cabelo bagunçado, furinho no queixo, duas pernas e dois braços. Aparentemente, ele estava inteiro.

– Oi. – Emily sentiu o peso da emoção em sua voz.

Jimmy passou por Lali e Anggie e parou no vestíbulo.

– Eu pensei: por que esperar pelo jantar se nós ainda não almoçamos? Não é uma ideia muito idiota, certo?

– É uma das ideias mais idiotas que eu já ouvi. – Emily limpou uma lágrima, que corria por sua bochecha. – Mas, ainda bem que eu gosto de ideias idiotas.

Jimmy se aproximou e Emily o abraçou. Ela enfiou a cabeça na curva do pescoço dele e inspirou seu perfume: sândalo, sal e Jimmy.

– Vamos, meninas. – Shiri pegou a bolsa em cima da poltrona. – O nosso trabalho aqui terminou. – Anggie e Lali seguiram Shiri porta afora. Emily agradeceria as amigas mais tarde.

Jimmy não se custava por ter de ficar abraçado à Emily pelo tempo que fosse preciso. Ele só importava por ter que ficar em pé.

– Ah, Emily? Quanto tempo mais esse abraço vai durar? Não que eu esteja reclamando, é que eu sinto que preciso ir ao banheiro. Eu até convidaria você para me acompanhar, mas nós ainda não chegamos a essa parte do relacionamento.

– Desculpe. – Emily desgrudou-se de Jimmy. – É só que eu estou tentando entender: como você pode estar aqui *comigo* e não no trem?

– Vamos nos sentar, eu explico. – Jimmy ficou ao lado de Emily no sofá.
– Eu parei em uma lanchonete para falar com você e... perdi o trem, simples assim. Eu fiquei tão submerso na nossa última conversa que sequer ouvi a última chamada do trem.

– Viu só? Às vezes, ser desatento não é ruim.

Jimmy sorriu.

– Vem aqui. – Emily se aproximou e ele a beijou.

Antes, Emily havia pensando no pior. Quando ligou a televisão e ouviu a repórter dar as informações sobre o acidente, a primeira coisa em que ela pensou foi: *É isso, eu o perdi*. É inevitável pensar no pior em uma hora dessas. Se isto tivesse acontecido, do jeito que Emily imaginou, teria sido no mínimo cruelmente ridículo, uma daquelas piadas cósmicas que ninguém acha engraçado.

– Então, você veio aqui para cozinhar ou o quê? Eu estou faminta.

– Acho que eu tenho a solução.

Foi estranho, para Emily, cozinhar ao lado de Jimmy. Mas foi estranho de um jeito bom. Ao longo dos anos, eles já haviam feito uma porção de coisas juntos, porém, naquela época, eles eram amigos. Agora, tinha algo a mais entre eles. Na verdade, isto sempre estivera presente, o problema foi que Emily era suficientemente cega para não perceber. Enquanto Jimmy preparava o molho de tomate, ela pegou-se chegando à conclusão de que poderia se acostumar com aquilo, pois sabia exatamente o que queria.

Emily serviu o vinho em duas taças, uma para Jimmy, outra para ela. Coincidência ou não, os dois fizeram cara de nojo após provar a bebida.

– *Argh*, tem gosto de...

– Chulé. – Jimmy não poderia estar mais certo.

– Desculpe-me, Jimmy. – Emily deixou a taça em cima da bancada e ele fez o mesmo. – A moça da loja de bebidas me garantiu que este era o melhor.

Jimmy começou a grelhar os peitos de frango.

– Não tem problema. Você tem algum suco na geladeira?

Emily já estava verificando o interior do aparelho.

– Duas caixinhas de suco *Hansen's* sabor laranja. – Qualquer outra pessoa acharia essa opção ridícula, mas, felizmente, Jimmy não era qualquer outra pessoa.

– Então que seja o suco de caixinha.

Jimmy preparou peitos de frango grelhados, ao molho de tomate, e arroz integral. E, de quebra, eles brindaram com as caixinhas de suco.

– E para sobremesa, o que você tem aí? – Jimmy perguntou.

– Não me odeie, mas eu só tenho chantilly. Eu sei no que você está pensando: eu preciso imediatamente fazer compras. Mas eu vou cuidar disso.

– Não é nisso que eu estou pensando.

– Não?

– Não. Eu estou pensando que chantilly é ótimo para se comer na cama.

– Por que... *Aaaaaaaaaaaaaah*, entendo. Eu pego, mas vou logo avisando: se sujar os meus lençóis, você vai se ver comigo.

– O prazer será meu.

Jimmy se levantou e caminhou por entre as roupas dos dois, que agora estavam no chão do quarto. Ele pegou sua calça jeans e tirou o celular do bolso de trás. Logo ele voltou para a cama. Emily estava deitada, com as pernas cruzadas e o olhar atento, sempre tentando descobrir o que Jimmy estava prestes a fazer.

– Eu vou gravar um vídeo seu para a posterioridade.

– Ok.

Jimmy ativou o modo câmera de vídeo e começou a filmar Emily.

– Olá, Carlton e Carson, aqui é a mamãe. Fiquem vocês sabendo que o papai me obrigou a gravar isso.

– Nada disso. – Penn virou o celular e começou a se gravar. – A mamãe é um pouco dramática, vocês sabem disso. E, só para constar, Jack e Jacob, Carlton e Carson eram os seus nomes antes de eu convencer a mamãe a mudá-

los.

– Certo, sabichão. – Jimmy voltou a gravar Emily. – Vocês viram como o papai era bonitão? Repararam no cabelo dele? Eu sei, era impressionante! O papai hoje pode estar careca e um pouco acima do peso, mas ele ainda é e sempre será o cara mais legal e gentil que eu já conheci. Não foi à toa que eu fiquei caidinha por ele.

– Escutem, garotos. – Jimmy voltou a se gravar. – Eu sei que às vezes a mamãe pode ser um pouco ranzinza, mas não é culpa dela, esse é um dos efeitos da menopausa. Mas o que eu quero que vocês saibam é que: mesmo após tantos anos, a mãe de vocês ainda continua sendo a mulher incrível por quem eu me apaixonei.

Jimmy voltou a gravar Emily uma última vez.

– Certo, meninos, façam o seguinte: não me deixem saber que vocês viram esse vídeo: saiam do sótão, sem fazer barulho, e voltem para suas camas. Eu prometo que amanhã nós vamos comer panquecas de mirtilo.

Jimmy encerrou a gravação e deixou o celular de lado. Ele se encaixou entre as pernas de Emily e voltou a beijá-la.

– Pelo visto, é hora do segundo *round*.

Lauren

A cantora daquela noite entoou uma música triste.

Com uma bebida na mão

Ela vai parar seu carro e, em seguida,

Sela-se para o bem na garagem, ela nunca sairá

Por um momento, Lauren imaginou que a artista estivesse interpretando aquela música única e exclusivamente para ela.

Houve momentos para ter certeza

Ela era tão pura que você podia engasgar

Mas é tarde demais na garagem

O teto caindo

Lauren conectou-se à música em nível íntimo e pessoal. Ela sabia que tudo, *tudo*, estava saindo de controle, podia sentir a razão escorrendo por entre seus dedos. Lauren se sentia como se tivesse perdido. Sentia por ela, por seu irmão e por seus pais.

Pegue minha mão, puxe-me através

Há tanta coisa que eu deixei de fazer

Mas é tarde demais agora na garagem[\[8\]](#)

– ALÔ?! Tem alguém aí? – Uma garota ruiva despertou Lauren. – Eu pedi um *Summer Dream* tem tipo, meia hora.

– Desculpe. – Lauren piscou algumas vezes. – Um *Summer Dream* no capricho.

– Você está distraída. – Pete comentou depois que a ruiva pegou o drinque, pagou e se afastou.

– Foi mal.

– Eu não estou reclamando. – Ele analisou Lauren. Sabia que algo nela estava diferente, só não sabia dizer o quê. – Aconteceu alguma coisa?

– Não, eu estou bem. – Lauren começou a organizar os copinhos para tequila em cima de uma bandeja. – Eu só sinto que... – Lauren parou no meio da frase.

– O quê?

– Deixa pra lá, não faz sentido.

– Ok. – Pete se arrependeu por não ter insistido nesse assunto.

Depois do expediente, ele e Lauren eram as únicas pessoas no bar. Ele puxou uma cadeira e se sentou, em seguida acendeu um cigarro e deu uma tragada. Lauren o observou soprar anéis de fumaça, então resolveu não ir embora ainda. Ela também puxou uma cadeira e se sentou, em seguida pegou um dos cigarros de Pete e o acendeu.

– Eu não sabia que você fumava. – Ele comentou.

– Eu não fumo.

Pete observou-a por um breve instante.

– Por que você parece triste, Lauren?

– Porque é assim que eu me sinto.

– Isso eu já percebi. Mas por quê?

Com o cigarro entre os dedos, ela pensou.

– Você já ouviu falar na dor da alma?

– Dor da alma?

– É. – Lauren deu uma tragada e depois continuou. – A dor da alma é aquela que corrói tudo por dentro, dilacera, dói por dentro e por fora. Internamente, sangra; por fora, dá para disfarçar, mas, sabe o que é mais triste? Mesmo sentindo a dor da alma, você ainda se obriga a acreditar que tudo está bem.

– Nossa, isso foi...

Lauren foi mais rápida e cobriu a mão de Pete com a sua, em cima da mesa.

– Obrigada, Pete. Obrigada por ser legal comigo. Eu não posso dizer o

mesmo de outras pessoas.

– Por que eu tenho a impressão de que isso é um adeus?

– Porque eu estou indo pra casa. – Lauren esmagou o cigarro dentro do cinzeiro e se levantou.

Ele a observou ir embora. O momento que se sucedeu seria caracterizado como “e se?”. *E se* Pete tivesse ido atrás de Lauren e a obrigado a explicar essa história de dor da alma? *E se* ele tivesse prestado mais atenção aos sinais? *E se* Pete tivesse dito algo reconfortante?

E se... teria feito alguma diferença?

Lauren entrou em casa sem fazer barulho, pois sabia que Penn estava dormindo. Ela não queria acordá-lo, não tinha saldo positivo para isso. Então usou o chuveiro do banheiro do quarto dos hóspedes, vestiu uma camisola de algodão e foi, na ponta dos pés, para o quarto principal. Penn estava dormindo de costas, Lauren afastou o edredom e se acomodou ao lado dele. O sono não veio, então ela ficou encarando o teto. Era melhor fazer isto a encarar as costas de Penn.

– Eu... eu sinto muito. – Lauren sussurrou. – Eu sinto muito mesmo.

Ela encostou a bochecha nas costas de Penn, só para sentir o calor dele. Ao fazer isto, ouviu-o respirando baixinho, dormindo tranquilo.

Mas Penn não estava dormindo, já não dormia direito há dois dias. Ele também estava evitando Lauren para não ter que dizer como se sentia, por isso saía cedo de casa, pela manhã, e ficava no escritório, fazendo hora-extra, até a noite. Ele sabia que ela estava prestes a se quebrar e não queria ser a causa de tamanha ruptura.

Penn tomou uma decisão. Não seria fácil para Lauren no começo, mas ela era inteligente e às vezes até sensata. Mais cedo ou mais tarde, ela acabaria percebendo que ele fizera o certo. Penn repetia essas mesmas palavras todos os dias, desde o pequeno show no jantar dos advogados. Tudo o que lhe faltava agora era coragem.

– Eu sinto muito também. – Penn sussurrou quando percebeu que Lauren

já estava dormindo.

Quando ela acordou, no dia seguinte, Penn já havia ido trabalhar. Na verdade, ela não se importava em tomar café da manhã sozinha, isso meio que já havia se tornado um ritual.

Sem Penn, sem reclamações sobre a música matutina. Lauren ligou o som e dançou pela sala, pulou no sofá e fez uma coreografia improvisada. Depois ela dançou pela cozinha. Cansada de dançar, ela começou a preparar o café, ligou a cafeteira e esperou. O momento que mudaria tudo quase passou despercebido. Lauren desviou o olhar por um instante e teve o vislumbre de algo cor de rosa preso à porta da geladeira. Era um *post-it*. Ela se aproximou e arrancou o pedacinho de papel, pois havia uma mensagem nele.

Eu não consigo mais,

Sinto muito

Penn.

Lauren deixou o *post-it* cair entre seus pés, então correu para a escada e continuou correndo até estar de volta ao quarto. Ela sabia o que encontraria quando olhasse dentro do guarda-roupa e foi o que ela fez. Depois, olhou para dentro de todas as gavetas na cômoda: tudo estava vazio, tudo o que era de Penn havia sumido.

Lauren recuou e se sentou na cama. Por alguns minutos, tudo o que ela fez foi encarar a porta do quarto, depois se levantou e fez todo o caminho de volta para a cozinha. Ela desligou a cafeteira e encheu uma caneca com café. Antes de beber, percebeu que aquela era a caneca de Penn. Sem pensar duas vezes, jogou a louça contra a parede. O líquido quente queimou seu braço e sua mão, mas a caneca já não existia mais: eram só pedaços de porcelana, que para nada serviam.

Foi ali mesmo, na cozinha, que Lauren desabou no chão.

Emily

Emily era muitas coisas, mas algo que ela não era, e estava longe de se tornar, era uma pessoa supersticiosa. Na noite passada, depois que o programa de Marina Bijoux terminou, ela foi até a janela para observar as luzes da cidade. Embora o Berto tivesse sido um presente que de fato viera a calhar, Emily ainda precisava descobrir quem a presenteou.

Foi então que ela a viu. Com cor de terra e bico curvo; um olhar raivoso, profundo e penetrante, a coruja observava a garota de um dos galhos da árvore que ficava ao lado de sua janela.

Emily olhou de um lado para o outro. O mais estranho de tudo era que a rua estava literalmente deserta. A coruja começou a piar e automaticamente os pelos dos braços de Emily se arrepiaram. Na noite passada, ela dormiu ciente de que havia recebido uma mensagem de mau presságio. Pelo menos foi o que a pesquisa na internet revelou.

Jimmy havia acabado de sair da sala de reuniões quando seu celular começou a tocar. Ele pegou o aparelho de dentro do bolso e verificou a chamada. Automaticamente, entrou em estado de alerta.

- Jimmy, me escute... eu, eu saí.
- Como assim, você saiu? Penn, do que está falando?
- Eu não consegui, não mais. Eu tentei, tentei mesmo. Eu a amei por algum tempo, mas agora as coisas mudaram e eu saí.
- Penn, onde está Lauren? Onde está a minha irmã?
- Em casa, eu acho. Escute o que eu estou dizendo: eu saí.
- Seu miserável filho de uma...

Penn desligou.

Jimmy correu na direção do elevador. Antes de descer até o térreo, ele discou o número da irmã.

Chamando...

Chamando...

Chamando...

Olá, sou eu. No momento não posso atender ou não quero falar com alguém. Após o sinal, deixe seu recado. Se eu não ligar de volta, é porque esse alguém é você.

Jimmy não deixou uma mensagem. Em seguida, ele ligou para outra pessoa.

Emily estava terminando de redigir o artigo “RECEITAS LEVES PARA O VERÃO” quando seu celular começou a tocar em cima da mesa. Era Jimmy.

– Oi, eu estou...

– Emily, eu preciso da sua ajuda.

– O que foi? – ela parou de digitar.

– Em quanto tempo você consegue chegar no apartamento de Lauren?

De uma coisa, Emily tinha certeza: coisa boa não poderia ser. Aparentemente, a coruja estava certa.

– Lauren! – Batida na porta, batida na porta. – Lauren, é Emily. – Batida na porta, batida na porta.

Pense, Emily, pense.

Ela começou a procurar por uma chave extra. Nada embaixo do tapete, nada embaixo ou dentro do vaso de flores. Ela ficou na ponta dos pés e, com os dedos, começou a procurar no batente da porta. Sorte grande: ela achou a chave.

Emily não se assustou, até ver o cenário dentro do apartamento: porta-retratos

quebrados no chão, o sofá virado, mancha de sangue na tela da televisão. Ela então presumiu que o atual estado da cozinha não poderia ser muito diferente.

– Lauren? – Emily começou a subir a escada. De certa forma, ela se sentiu em um filme preto e branco, de suspense. Na cena seguinte, o assassino estaria esperando por ela no cômodo do casal.

No quarto, os lençóis da cama estavam no chão; os travesseiros, rasgados. Toda a roupa estava fora do lugar e o espelho havia se quebrado.

– Lauren?

A porta do banheiro, que estava entreaberta, serviu como chamariz. Emily hesitou antes de agarrar a maçaneta da porta.

Por favor, não. Por favor, não.

Lauren nunca estivera mais em paz. Deitada dentro da banheira, somente de calcinha e sutiã, apenas sua cabeça estava fora d'água. Aquela teria sido uma cena normal, exceto pelos cortes em cada pulso. O corpo de Lauren estava imerso em água e sangue.

– Não! Não! – Emily puxou Lauren para cima e a tirou de dentro da banheira. Ela pegou duas toalhas de lavabo e enrolou os pulsos de Lauren.

A blusa de cetim de Emily estava suja de sangue.

Ela pegou o celular e ligou para o socorro.

– 911, qual é a sua emergência?

– Tem uma garota... – Emily estava tremendo. – Ela fez algo muito ruim.

Jimmy entrou correndo para dentro do quarto. Emily parecia abatida, parada à porta do banheiro, falando ao celular.

Ele sabia que algo ruim havia acontecido. Ele soube no instante em que recebeu aquela ligação de Penn: Lauren desmoronou.

Lauren

O nome da paciente era Lauren Rose Pollard, de 28 anos. Ela havia sido diagnosticada, aos 19 anos, com transtorno bipolar tipo I. Inicialmente, acharam que ela sofria de distúrbios da ansiedade; mais tarde, disseram que era síndrome do pânico; pouco tempo depois, descobriram o mal que a afligia.

Aos seis meses de idade, Lauren fora adotada por Neil Pollard e Nancy Perkins. Pouco se sabia sobre os pais biológicos: a mãe, que se chamava Stella, morreu de overdose de cocaína. Ao que tudo indicava, ela também sofria de transtorno bipolar.

O episódio da banheira foi o primeiro atentado de Lauren contra a própria vida. No passado, antes de ser medicada, ela costumava apresentar episódios de alternância entre depressão e hipomania. Quando tinha 20 anos de idade, sofreu uma crise depressiva. Nessa época, ela recebeu tratamento no Hospital Psiquiátrico Gracie Square, foi sua primeira internação. Três anos depois, ela voltou a ser internada. Após uma crise de euforia, Lauren apresentou dificuldades para dormir.

Ela vinha vivendo bem há cinco anos. Apresentava leves alterações de humor, mas, graças ao novo medicamento, conseguia aproveitar a vida sem grandes incômodos. Infelizmente, tudo mudou quando parou de tomar os remédios, há quase dois meses.

Lauren abriu os olhos e soube imediatamente onde estava. O fato de seu pai, Neil, estar dormindo sentado em uma cadeira ao seu lado, deixava toda a situação bastante clara. Ela levantou os braços e viu que estava com os punhos enfaixados.

Neil abriu os olhos a tempo de ver o horror estampado no semblante da filha, enquanto ela se obrigava a encarar o resultado de sua ação.

Lauren desviou o olhar para Neil.

– Eu sinto muito, papai. Eu... eu ferrei tudo. Eu ferrei, ferrei sim – e começou a chorar. Neil sabia que a filha não queria que sentissem pena dela. Mas, vendo-a assim, ele se lembrou de quando a viu pela primeira vez. Ela era só um bebê, um bebê pequeno, doente e desnutrido. E, mesmo com todas as chances contra ela, Lauren lutou pela sua vida.

– Eu estou aqui, garota. Escute-me: nós vamos enfrentar isso juntos, como sempre fazemos. Você está me ouvindo?

Durante a conversa com o pai, Lauren se sentiu um pouco tonta. Após ser atendida por uma enfermeira, ela voltou a dormir, mas, antes de fechar os olhos, pensou: *“Quando eu acordar, não estarei mais no hospital. Tudo terá sido um sonho, um pesadelo”*. Não fora: seus pulsos estavam enfaixados e ela estava no hospital.

– Você ainda me deve noventa dólares. – Neil não estava mais sentado na poltrona ao lado de Lauren. Agora, Jimmy ocupava o lugar ao lado da irmã.

– Eu vou pagar, eu prometo. – Lauren esboçou um sorriso.

– Que nada, você está é me enrolando.

– Então, pra onde eu vou? Não me diga, deixe-me adivinhar: Gracie Square? Que falta de criatividade, você não acha?

Jimmy assumiu a postura de irmão mais velho preocupado.

– Lorie, não é brincadeira. Todos nós ficamos assustados com o que aconteceu. Eu nunca vi o nosso pai daquele jeito e a mamãe... ela passou mal.

E lá estavam elas de volta: as lágrimas.

– Desculpe, eu não disse isso para você se sentir mal, eu só não sei o que dizer. Quando vi você, do jeito que estava, mal consegui pensar direito. Eu não quero perder você, irmã.

A acompanhante noturna de Lauren tinha medo de se aproximar. Vendo a filha deitada em uma cama de hospital, com os pulsos enfaixados, Nancy se sentia a pior mãe do mundo. Mais: ela se achava impotente.

– Sente-se aqui, mãe. – Lauren indicou a poltrona vazia. – Eu não mordo, prometo.

– Você não pode ficar sem fazer piadas por um segundo? – Nancy se aproximou e sentou-se na poltrona. Neil e Jimmy foram até a lanchonete do hospital.

– Foi mal, esse é o meu mecanismo de defesa.

Silêncio constrangedor.

Nancy olhou para baixo, ela não queria que Lauren a visse chorando.

– Mãe? – ela a chamou. – Mãe, por favor, olhe pra mim.

Nancy levantou o rosto e Lauren viu tudo o que a mãe não conseguia dizer estampado em uma única expressão.

– Eu sinto muito. Sei que já disse isso uma porção de vezes e que talvez, por minha culpa, “sinto muito” tenha perdido o seu significado, é assim que eu me sinto: arrependida e envergonhada. Você e o papai têm feito tanto por mim e eu sei que, às vezes, como agora, eu não sou a melhor filha do mundo. Mas eu quero que saiba que, se não fosse por você, mamãe, eu talvez nem estivesse aqui. Por isso, por favor, não desista de mim.

– Eu te amo, Lauren e nunca, *nunca*, irei desistir de você. Porque é isso que os pais fazem, eles permanecem em pé e lutam pelos seus filhos. Você é minha filha e eu amo você. E não adianta, por mais que você faça piadas sem graça e mesmo quando me tirar do sério, eu ainda estarei aqui, quer você goste ou não.

– Que bom.

Quando Lauren acordou, na manhã seguinte, um par de grandes olhos azuis a encarava.

– Bem, isso é uma surpresa.

– Qual você prefere: dourado ou preto? – Emily estava segurando duas embalagens de sombra.

– Ah, preto.

– Eu posso? – Emily estava pedindo permissão para maquiá-la.

– Por favor, eu pareço um fantasma.

Ela aplicou a sombra preta nas pálpebras de Lauren.

– Diga que você também trouxe um batom!

– Eu só tenho um na cor de boca. – Emily tirou o bastão de dentro da bolsa. – Eu sei que está longe de ser o seu preferido, mas você não tem muita escolha, não é?

– Fique à vontade.

No final, apesar da atual situação, Lauren meio que recuperou seu tom jovial.

– Obrigada. Não só por me embelezar toda, mas por... Enfim, Jimmy me contou o que você fez. Obrigada, eu não sei o que teria acontecido se você não tivesse chegado a tempo. Na verdade, eu sei *exatamente* o que teria acontecido, afinal, eu procurei. Mas, ainda assim, obrigada. É isso. Ah, e me desculpe por ter agido feito uma completa vaca, na última vez que nos encontramos. Eu não deveria ter me afastado, mas, como você pode ver, eu não sou boa em tomar decisões.

– Águas passadas. Vamos nos concentrar no futuro.

– Então, você e meu irmão já estão se pegando?

Emily sorriu.

– Já não era sem tempo!

– Eu gostei do seu novo corte de cabelo.

– Gostou? Eu o chamo de maluca chique.

A verdade é que, apesar de suas distinções, Emily e Lauren compartilhavam um desejo: dar amor e recebê-lo de volta.

Emily

As surpresas não paravam de chegar. Emily se sentia como se estivesse andando por um campo minado: um passo em falso e KABOM! Tudo iria pelos ares. De vez em quando, por sorte, uma surpresa boa aparecia.

– Desculpe-me, Arlene, pode repetir o que você disse?

– Você não será mais a responsável pela coluna *Lifestyle*.

– Você está me demitindo? – KABOM!

– Não! Não seja boba. – Opa! Pelo visto, nada de KABOM! – Eu quero que você seja a responsável pela nova coluna, chamada De mulher pra mulher. – Era pior do que imaginava, pois Emily agora iria escrever sobre moda barata. – Não é o que você está pensando. Escute-me, eu sei que você queria estar, neste momento, escrevendo sobre o que acontece pelo mundo. Eu, pessoalmente, acho essa sua vontade instigante. Por isso, eu tive uma ideia: que tal se, a partir de agora, você pudesse escrever única e exclusivamente sobre as mulheres? Não o que elas vestem e nem o que elas colecionam, mas o que elas viveram. Suas histórias e experiências de vida, seus ensinamentos e legados.

Como Emily não disse nada, Arlene continuou.

– Engana-se quem pensa que as mulheres do século XXI só pensam em roupas, maquiagem e homens. É claro que nós pensamos nessas coisas, mas nós não pensamos só nessas coisas. Se há uma coisa com que a mulher deste século se importa, é com outras mulheres. Mães refugiadas, soldadas, imigrantes, a sua coluna será sobre a mulher de verdade, a heroína do dia a dia. Eu também quero que as nossas leitoras conheçam as mulheres que lutaram para que mulheres como você e eu pudéssemos chegar até aqui. Comece falando sobre a luta das

mulheres pelos seus direitos. – Arlene ergueu as sobrancelhas. – O que você me diz? Você acha que consegue dar conta do recado?

Emily não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– *Uau!*

– Emily, você sabe quem é Mary Fields?

– Não.

– É a mãe que, na semana passada, pulou dentro de um poço para salvar o filho que estava se afogando, na cidade de *Glens Falls*. Eu quero que mulheres como Mary Fields sejam homenageadas como mãe e mulher. É sobre isso que você irá escrever. Agora, balance a cabeça dizendo que sim, ok?

Emily podia fazer melhor do que isso.

– Eu mal posso esperar pra começar.

No final, trabalhar na revista *Glam* acabou saindo melhor do que a encomenda. Emily sempre quisera escrever sobre algo importante, significativo. O que poderia ser mais representativo do que escrever uma coluna sobre a mulher em sua essência mais poderosa? A resposta pra essa pergunta estava na ponta da língua: NADA!

Emily estava em casa quando alguém bateu à sua porta. Era Sharon O'Malley, a vizinha.

– Sra. O'Malley, em que posso ajudá-la?

– Olá, Emily. Eu fico meio constrangida em dizer isso, mas hoje à noite eu tenho um encontro. Eu sei, o impossível aconteceu. Você pode me ajudar? Eu não sei o que vestir, nem o que fazer com o meu cabelo. Será que eu devo cancelar?

Emily sorriu. Aparentemente, o cupido estava a todo vapor em Nova York.

Ela estava escovando o cabelo da Sra. O'Malley quando resolveu matar uma dúvida.

– Sra. O'Malley, foi difícil para a senhora voltar a...? Você sabe.

– Namorar? Você pode falar essa palavra, Emily, não estará me ofendendo se o fizer. Bem, vejamos... Namorar é difícil em qualquer idade. Eu estou mentindo?

– De jeito nenhum!

– Pois bem, voltar a namorar, depois de já ter sido casada por mais de trinta anos, é, além de difícil, estranho, em alguns aspectos.

– Por quê?

– Inicialmente, eu achei que estivesse traindo o meu Wilbert. O que, claro, é uma coisa ridícula de se pensar, mas é difícil evitar. Quando se vive tanto tempo ao lado de uma pessoa, depois que ela morre, voltar a namorar é simplesmente a ideia mais ridícula! Mas, você quer saber qual ideia é de *fato* a mais ridícula?

– Qual?

– Acreditar que se tornar uma pessoa reclusa, de alguma forma, honrará a memória do seu amado ou amada que se foi. A tristeza não agrada, muito menos a solidão. Ninguém quer ser solitário.

– Muito bem dito. Prontinho. – Emily ajudou a Sra. O'Malley com a roupa, cabelo e maquiagem. Sharon estava tão nervosa quanto uma adolescente prestes a sair para o seu primeiro encontro. – Só mais uma pergunta: a senhora tem camisinhas?

– Por quê? Você acha que eu preciso? Isso não é responsabilidade do cavalheiro? Eu não sei, as coisas mudaram tanto!

– Acalme-se! Eu posso ajudar a senhora com isso também.

Lauren

DOIS MESES DEPOIS

Hospital Psiquiátrico *Gracie Square*.

Oi. Meu nome é Lauren e eu... eu fiz algo de que não me orgulho. Eu me machuquei, me machuquei pra valer, mas essa não é a pior parte. Eu também decepcionei todas as pessoas que me amam, incluindo, por último, mas não menos importante, eu mesma. Eu deixei de tomar os meus remédios por um tempo e, por falta de palavras, eu terei de dizer: enlouqueci.

Meu pai me disse que a vida é feita de escolhas. Quando se dá um passo para frente, inevitavelmente alguma coisa fica para trás. Isso é estranho, porque hoje eu...

– Blá, blá, blá. Você só fala mentilas, *Laulen*.

– May-Lynn! O que eu já disse sobre interromper os outros? – David, um dos enfermeiros, ralhou com a garota. – Lauren, por favor, continue.

Hoje eu estou tentando recuperar o meu equilíbrio e, para isso, é preciso dar um passo para frente.

– *Mentilas, mentilas, mentilas!*

– Já chega! – Lauren se levantou e assustou todas as pessoas no círculo. – Escute aqui, *Xing Ling*: é melhor você parar, senão eu vou procurar a lixeira onde você dorme e dar uma surra em você.

– Cai *dentlo*! Eu não tenho medo de você, não.

– De novo, não. – David parecia cansado. – Lauren, vá para o seu quarto. May-Lynn, vá para a sala do doutor Sloan. Pessoal, o nosso grupo de discussão terminou por hoje.

Lauren entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Então, ela se deitou na cama e fez a única coisa que poderia fazer: encarou o teto. Ela poderia tentar ler

um livro ou uma revista, mas dificilmente iria conseguir se concentrar. Poderia jogar damas com Peter na sala comunal, mas ele sempre dava um ataque quando perdia. Ela também poderia assistir à televisão com os outros pacientes na sala social, mas, na verdade, não queria fazer nada disso.

O dia finalmente está se aproximando! “O dia” era o momento em que Lauren iria sair de Gracie Square. Há muitos dias ela vinha apresentando uma melhora com relação ao seu comportamento. O novo medicamento estava fazendo efeito e Lauren finalmente parou de chorar após mencionar o nome Penn.

Penn. Nada de choro.

– Visita pra você. – James, um dos enfermeiros, abriu a porta do quarto.

– Quem é?

– Aquele inglesinho gostoso, que sempre está por aqui. Infelizmente, em nenhuma dessas ocasiões ele veio me visitar.

– Eu não sinto pena de você.

– Eu sei que não, você é má. Vá logo, o tempo está correndo: *tique-taque*.

Lauren entrou na sala de visitas e a primeira coisa que ela avistou foi Pete. Ele estava sentado, mas, assim que ela entrou na sala, se levantou para recebê-la. Lauren andou mais apressada do que deveria e abraçou Pete.

– É bom vê-la. – ele disse.

– Você trouxe a parada? – Lauren sussurrou.

Cada um se sentou de um lado da mesa.

– Então, você trouxe? – Lauren olhou de um lado para outro. Tudo o que ela não precisava agora era ser pega por contrabando.

– Eu ainda vou me ferrar por sua causa. – De dentro da jaqueta, Pete tirou uma caixa e escorregou pela mesa. Lauren pegou a embalagem e guardou-a na calça.

– De menta e sem açúcar, o seu preferido.

– Obrigada. Dá pra acreditar que eu não posso mascar chiclete aqui? Patético! Ah, eu já ia me esquecendo: quanto eu te devo?

– A gente revolve isso depois que você sair.

– Ok.

Lauren olhou para baixo e encarou a cicatriz em seu pulso direito. Se ela desviasse o olhar, veria uma marca idêntica àquela no pulso esquerdo.

– Eu posso fazer uma pergunta?

– Você sabe que sim.

– O que você pensou quando descobriu... o que eu fiz?

– Eu pensei: “mas que porra?” E depois “Merda! Merda! Merda!”.

– Poético. – Lauren sorriu.

– Eu fiquei preocupado, sabe? Preocupado pra valer! Você é importante pra mim, Lauren. Você é toda estranha e eu gosto disso.

– *Own!*

– Você está me zoando.

– Não, não estou! – Lauren admirou Pete por um instante. – Eu gosto que você gosta de mim, mesmo eu sendo estranha.

Dois dias depois, Lauren estava tão animada quanto o cachorro que não sabe se ama ou odeia o carteiro, mas que, ainda assim, espera ansiosamente a sua chegada.

Ela estava sentada na beirada de sua cama. Atrás dela estava sua mala, prontinha para partir dali a qualquer momento. Lauren estava usando um vestido floral e um cardigã amarelo. Por algum tempo, ela usaria peças de roupa com mangas compridas. Era normal envergonhar-se do ocorrido e até mesmo querer esconder o resultado, mas Lauren não era o tipo de garota que deixava a vergonha levar a melhor.

James abriu a porta do quarto e encarou Lauren por um instante.

– O quê? O que foi?

– Nada não, eu só estou fazendo suspense.

Lauren revirou os olhos.

– Isso e eu também vim escoltá-la até a sala do doutor Sloan.

- Doutor Sloan, olá. – Lauren entrou na sala e fechou a porta atrás de si.
- Lauren, olá. Sente-se, por favor.
- Espere um minuto: esse é um daqueles momentos na vida de um paciente em que o coitado descobre que foi abandonado pela família?
- Não.
- Bom, então, nesse caso, eu me sento.
- Então, hoje é o grande dia. Você está animada?
- Você está brincando? Eu mal posso esperar para colocar o pé fora daqui! Sem ofensas, você é muito legal e algumas enfermeiras até que são agradáveis, mas aqui eu me sinto como a mariposa presa dentro do quarto do garotinho Scott.
- Eu acho que não conheço essa história.
- Deixa pra lá, é coisa minha.
- Não, por favor, me conte. Como a história acaba pra mariposa?
- Ela termina livre, podendo voar por aí com as outras mariposas.
- Isso é ótimo.
- Nem me fale!
- A liberdade dá certos direitos, um deles é o de se transformar. Você quer isso?
- Quero. Eu quero mesmo.

May-Lynn estava parada do lado de fora da sala do doutor Sloan, esperando por Lauren.

- *Lauren*, é mesmo *veldade*? Você vai *embola*?
 - Pode apostar sua bunda seca que sim.
 - Você *ajudalia* sua boa amiga May-Lynn? O meu pai se chama George Wu, ele *mola* em Manhattan. Fale com ele, diga que eu estou bem, sim? Você *falia* isso, amiguinha?
- Lauren ponderou suas opções e escolheu a melhor.

– Eu vou fazer minhas as palavras que uma sábia mulher disse uma vez: Segura a marimba aí, *monamour*.

– Ei, você!

Lauren se virou e encarou Jimmy e Emily parados no corredor. Eles estavam ali por ela, não era miragem. Lauren gritou, assustando May-Lynn, e correu em direção à liberdade.

– *AimeuDeusdocéu!* – ela abraçou os dois ao mesmo tempo. – É tão bom ver vocês! Por favor, me tirem daqui.

– Por quê? Você me parece estar tão bem neste lugar! Você combina com o local, eu acho. – Jimmy disse.

– Eu odeio você. Mudei de opinião, você foi pra listinha do ódio! Emily, eu sei que você vai me tirar daqui, não é mesmo?

– Eu não sei, Lauren, acho que concordo com Jimmy. Talvez você devesse ficar aqui por mais um mês, ou, quem sabe, pelo resto do ano.

– Eu também odeio você. O que está acontecendo aqui? Isso é algum tipo de complô? – Lauren se virou e caminhou em direção ao quarto que em breve não seria mais seu.

Lauren não deixou que Jimmy e Emily a vissem sorrindo. Ela teve a recepção que esperava. No fundo, ela temia que as pessoas que a conheciam comesçassem a agir cheias de dedos perto dela. Ou ainda, receava ser tratada como uma estranha. Na pior das hipóteses, havia a piedade. Se os outros comesçassem a sentir dó dela, Lauren voltaria para *Gracie Square* e se internaria por conta própria.

– Menina! – Sylvia abraçou Lauren no instante em que ela saiu do elevador. Jimmy veio junto, mas Emily voltou para a revista *Glam*.

– Oi, Syl-Syl. É bom estar de volta. Dá pra acreditar que eu acabei indo parar em um lugar pior do que esse? E quer saber do que mais? Não era o inferno!

– Eu acabei de ter um vislumbre de como será ter você por aqui novamente.

Que Deus tenha piedade das nossas almas. Menino, oi! – Sylvia abraçou Jimmy.
– A mãe de vocês os espera na segunda sala. Deixe-me levar isso. – Sylvia pegou a mala de Lauren.

– Tudo bem pra você voltar a morar aqui? – Jimmy perguntou. – Porque, você sabe, a opção de ir morar comigo continua aberta.

– Jimmy, você é um amor e eu agradeço a oferta, mas a minha resposta continua sendo não. Eu sei que você e Emily estão *fazendo* feito coelhos, provavelmente, por toda a casa. A última coisa que eu preciso agora é viver com um casal de tarados, isso iria prejudicar muito a minha inocência.

Lauren abriu as portas duplas e entrou na sala. Jimmy veio logo atrás.

Neil e Nancy desceram as escadas enquanto os filhos conversavam.

– Ai meu Deus, o que eu fiz? Rápido, Jimmy, tire-me daqui! Eu não me importo que você e Emily estejam fazendo o tempo todo, sem parar. Viver aqui vai ser pior do que eu imaginei!

– Uma piada pra mostrar que você está bem? – Nancy perguntou.

– É o melhor “é bom estar de volta” que eu conheço. – Lauren abraçou a mãe e depois o seu pai.

– James – Nancy foi falar com o filho.

– Como você está, garota?

– Bem, papai.

– Mesmo?

– Mesmo, mesmo.

– Ótimo! – Nancy parecia contente. – James vai ficar para o almoço. Silvy, por favor, coloque mais um prato na mesa.

Nancy, Neil e Jimmy dirigiram-se para a sala de jantar.

– Eu me junto a vocês em um minuto, preciso me lavar primeiro.

Um dos quartos de hóspedes se tornou o dormitório de Lauren. O antigo apartamento onde morava era de Penn e ela soube que, no mês passado, ele conseguiu vender o imóvel. O ex-noivo não fora visitá-la no hospital, mas mandou um buquê de rosas amarelas. Não havia cartão, mas Lauren sabia que as

flores eram dele. Uma vez, ela quis ligar para Penn, não para implorar por uma segunda chance, nem para se desculpar ou gritar com ele: tudo o que ela queria era poder se despedir, mas, de certa forma, já havia feito isso. Há muito tempo, Penn e Lauren caminhavam em direções opostas. Pena que ela precisou cortar os pulsos para perceber isso. Mas, já dizia o ditado: antes tarde do que nunca.

Nancy contratou um decorador para mudar tudo no novo quarto de Lauren. O lugar agora tinha tons claros de bege e uma cama *king size*. Três quadros com pinturas abstratas decoravam as paredes e havia uma poltrona de frente para a janela. O banheiro ficava do lado direito e, do outro, o *closet*.

Sylvia deixou a mala de Lauren em cima da cama. Antes de a moça ser internada no *Gracie Square*, Nancy providenciou para que todos os pertences da filha fossem trazidos para o apartamento dos pais.

Lauren entrou no banheiro, acendeu a luz e encarou seu reflexo no espelho. Era um eufemismo dizer que ela tinha se arrependido de cortar o cabelo, mas essa não era, nem de longe, a pior de suas decisões. Lauren lavou as mãos e, com um cuidado todo especial, tocou na cicatriz de cada pulso.

Alguém disse uma vez que a cicatriz é o maior sinal de sobrevivência, que elas ajudam a lembrar de uma época difícil, que aparentemente nunca chegaria ao fim. Lauren sabia que algumas de suas feridas ainda não haviam se curado, mas, para isso servia o tempo.

Cicatrizes permanentes não a assustavam. Pelo contrário, elas a incitavam a seguir em frente.

Emily

Emily estava parada junto à porta de casa, lendo e relendo seu primeiro artigo na nova coluna da revista *Glam*, intitulado “DE MULHER PRA MULHER”. A coluna foi um sucesso instantâneo, as leitoras curtiram e compartilharam o artigo em diversas mídias sociais. Ela leu uma porção de comentários positivos, não só de mulheres, mas também de alguns homens. Isso, sim, poderia ser descrito como um baita saldo positivo.

Um táxi parou junto à calçada e Sharon O'Malley saiu do banco de trás. Ela parecia uma boba feliz. Outro sinal positivo.

– Sra. O'Malley!

– Querida, por favor, me chame de Sharon.

– Eu posso presumir que as coisas com o rei dos queijos e vinhos estão indo de vento em polpa?

– Sim! Ele é tão gentil, tão atencioso! Sem contar que, pelos próximos vinte anos, eu não vou mais precisar comprar queijo!

– Eu me pergunto de onde a senhora tirou tanto entusiasmo.

– Sabe, uma vez, uma garota muito legal me deu um conselho precioso. – Sharon olhou bem nos olhos de Emily. – Persistir, insistir e nunca desistir!

Ela ficou boquiaberta. Sharon deu uma piscadela e depois entrou em sua casa.

À noite, Emily estava sentada na cama de Jimmy, enquanto digitava freneticamente em seu notebook. Uma matéria quentinha saía do forno.

– Emily, você pode me trazer um toalha? – Jimmy pediu, de dentro do box no banheiro.

– Eu não sou sua empregada.

– Se bem me lembro, ontem eu fiz massagem nos seus pés e você não me ouviu reclamar por conta do seu joanete.

Emily sorriu e saiu da cama. Ela puxou a última gaveta da cômoda e se deparou com as camisas de Jimmy. Foi então que se lembrou de uma das estranhezas dele: o namorado guardava as toalhas na primeira gaveta e as camisas, na última. Uma das camisas foi guardada, ou melhor, jogada ali dentro. Ela pegou a peça com a intenção de dobrá-la, então viu algo azul cair no chão. Ela olhou para baixo, se agachou novamente e pegou o objeto.

Era uma caixinha da Tiffany. Emily piscou algumas vezes. *Tudo bem, tudo bem, não vá ficar excitada. Talvez seja um chaveiro.*

Jimmy começou a assoviar, enquanto tomava banho.

Emily desfez o laço e abriu a caixinha. O anel de ouro tinha uma pedra solitária de diamante e pequenas pedrinhas nas laterais. Era, resumidamente, o anel ideal.

Ela guardou a joia, fechou a caixinha e refez o laço. Colocou-a de volta na gaveta e tornou a cobrir a caixa com a camisa. Fechou o móvel e caminhou na direção do banheiro.

Emily abriu a porta do boxe e Jimmy parou de assoviar, virando-se para encará-la.

– Você está bem?

– *Sim.* – Mais uma vez. – *Sim.* – De novo. – *Sim.*

Emily estava longe de ser sutil.

É hora de me livrar do Berto e eu já sei exatamente para quem mandá-lo.

Lauren

Lauren tinha um plano. Moraria com os pais por um tempo, mais precisamente até recuperar a confiança deles, depois compraria um daqueles apartamentos de tijolinhos vermelhos, em *Brooklyn Heights*. Felizmente, nem tudo estava perdido: ainda era a única e exclusiva *barwoman* do bar Coyote – Ela só precisava sair de casa e depois voltar sem levantar suspeitas.

– Lauren, o porteiro acabou de entregar um pacote endereçado a você. – Sylvia anunciou durante o café da manhã.

– Quem é o remetente? – Nancy foi mais rápida.

– Não tem remetente senhora, só este endereço e o nome da Srta. Pollard.

– Eu aposto que o pacote é do meu traficante.

Neil se engasgou com o suco de laranja.

– Sem remetente? Isso é muito estranho. Lauren não abra, eu vou chamar a polícia. Neil, você tem o número do Esquadrão Antibombas?

– Mãe, eu vou abrir, sim! O pacote veio pra mim.

– Mas...

– Mãe, você se lembra de que eu disse que nós precisamos voltar a confiar uns nos outros? Então, essa é a ocasião perfeita pra nós treinarmos essa confiança. – Lauren afastou a cadeira e se levantou. – Com licença.

A caixa vermelha estava no sofá, a encomenda fora amarrada com um laço de fita branca. Sylvia não mentiu: não havia remetente, apenas o nome e o endereço de Lauren. Algo dentro dela lhe disse que era melhor desembulhar aquela caixa em seu quarto.

– Eu vou pro meu quarto. – Lauren avisou os pais.

- Mas...
 - Confiança.
 - O quê?
 - Confiança, mãe!
 - Eu quero saber o que tem naquela caixa! – Nancy torceu o guardanapo.
 - Confiança, Nancy. – Neil repetiu as palavras de Lauren.
- Nancy revirou os olhos, aquela era uma batalha perdida.

Sentada na cama, Lauren desfez o laço e abriu a caixa. Dentro, havia um rádio portátil vermelho, em estilo *vintage*, e um envelope. Ela pegou-o e, de dentro dele, tirou um papel: uma carta.

Lauren começou a lê-la.

Querida Lauren,

Eu me chamo Berto e sou um rádio. Eu também sou o que se chama de “mecânico de corações”. Eu conserto corações partidos e é por isso que você está lendo essa carta...

[1] No original, *the most terrible thing about it is not that it breaks one's heart—hearts are made to be broken—but that it turns one's heart to stone* – Oscar Wilde.

[2] Letra original: Throw your sticks and your stones/throw your bombs and your blows/but you're not gonna break my soul/this is the part of me/that you're never gonna ever take away from me.

[3] ASAP é uma sigla vinda da língua inglesa, que significa As Soon As Possible. Traduzida para o português, corresponderia à expressão assim que possível.

[4] O High Five é um gesto ou cumprimento presente em diversas culturas, muito comum nos Estados Unidos. Ocorre quando duas pessoas tocam suas mãos, no alto, simbolizando parceria, amizade e vitória.

[5] Letra original, come on, come on/turn a little faster/come on, come on/the world will follow after/come on, come on/because everybody's after love/so I said "I'm a snowball running/running down into the spring/that's coming all this love/melting under blue skies/belting out sunlight/shimmering love.

[6] Na tradução e adaptação da letra: Todas as mulheres mexam suas bucetas assim, mexam seus corpos, não parem, não parem! Todas as mulheres mexam suas bucetas assim, mexam seus corpos, não parem, não parem! Faça isso, faça, faça, faça agora, lamba gostoso, chupe essa buceta como um animal. Agora, lamba gostoso, chupe essa buceta como ela deve ser chupada. Meu pescoço, minhas costas, lamba minha buceta e meu grelo. Primeiro você tem que colocar um pouquinho, não pare, faça, continue, depois roce sua língua

para frente e para trás. Então, lamba agora, lamba gostoso, lamba essa buceta como um animal. Agora, lamba, lamba essa buceta como um animal.

[7] Mello creme é um doce com formato e gosto de abóbora, uma confecção pequena, feita principalmente a partir de xarope de milho, mel, cera e açúcar.

[8] Letra original, with a drink in her hand/she will stop her car and then/seal herself for good in the garage/she's never leaving/there were times to be sure/it was so pure you might choke/but it's too late in the garage/the falling ceiling/take my hand, pull me through/ there's so much I left undone/but it's too late now in the garage.